

Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

# Cadernos de Memória e Gestão Cultural

Dossiê: 4° distrito de Porto Alegre



Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

## Revista Memória e Gestão Cultural do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais.

### Expediente Conselho Editorial

Prof. Judite Sanson de Bem | Lates: <http://lattes.cnpq.br/1977156622994347>

Prof. Margarete Panerai Araujo | Lates: <http://lattes.cnpq.br/2953857450580173>

Prof. Moisés Waismann | Lates: <http://lattes.cnpq.br/3415248838045599>

Ano 2, n. 3, 2017/2

Créditos de Imagem para Gerson Ibias. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-R2VWysrm4ss/UZm5oHopVGI/AAAAAAAAAB-Q/RvgwdbO1ai8/s1600/Gerson+Ibias1.jpg>.

Acesso em agosto de 2017.

## **PREFÁCIO**

O Caderno de Memória e Gestão Cultural, nessa segunda edição, dezembro de 2017, abrigou estudos e reflexões exclusivamente de discentes, da disciplina de Tópicos Avançados em Gestão de Bens Culturais do Doutorado em Memória Social e Bens Culturais do UNILASALLE sobre variados temas, do 4º Distrito de Porto Alegre.

Os textos trazem um olhar individual sob as diferentes áreas do cotidiano desta região porto alegreense, partindo dos aspectos captados pelos acadêmicos após visita técnica no Vila Flores e das suas pesquisas sobre o cotidiano desta. A produção coletiva, desta forma, reúne um conjunto multidisciplinar de enfoques, desde a questão do desenvolvimento econômico, passando pela gestão, pelas questões do envelhecimento populacional, dos problemas envolvendo a reciclagem, as tentativas de reconversão econômica neste local, entre outros.

Cumprе lembrar, que refletir sobre áreas interdisciplinares e transversais é um pressuposto fundante do PPG, além de ser importante para compreensão do nosso mundo atual. Assim, desejamos aos leitores que façam a reflexão dos diferentes temas e tenham uma excelente leitura.

### **Conselho Editorial**

**Prof. Dra. Judite Sanson de Bem**

**Prof. Dra. Margarete Panerai Araujo**

**Prof. Dr. Moisés Waismann**

## SUMÁRIO

### **PARTE I: DOSSIÊ SOBRE O 4º DISTRITO**

A CULTURA E A DESCENTRALIZAÇÃO DO PODER PARA DIMINUIR A VIOLÊNCIA. Kellen Lazzari

AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO RECICLAPOA PARA A REVITALIZAÇÃO URBANA E RECONVERSÃO ECONÔMICA DO 4º DISTRITO DE PORTO ALEGRE. Daiana Schwengber; Rita de Cássia da Rosa Sampaio Brochier

DAS QUESTÕES SOCIAIS QUE ENVOLVEM A REVITALIZAÇÃO URBANA E RECONVERSÃO ECONÔMICA DO 4º DISTRITO DE PORTO ALEGRE. Rita de Cássia da Rosa Sampaio Brochier; Daiana Schwengber

DESENVOLVIMENTO LOCAL: A EXPERIÊNCIA VILA FLORES. Renata B. Dellamea Ferraz

REPÚBLICA PARA IDOSOS: POSSIBILIDADE DE IMPLEMENTAÇÃO EM PORTO ALEGRE. Arlete Caye

A TRANSMISSÃO CULTURAL E SEUS POSSÍVEIS IMPACTOS ECONÔMICOS EM UM RESTAURANTE ÉTNICO FAMILIAR DE PORTO ALEGRE: UM ESTUDO DE CASO. Luciano Lunkes

MEMÓRIAS FAMILIARES DO QUARTO DISTRITO: RELATOS SOBRE A CULTURA E ECONOMIA DO INÍCIO DO SÉCULO XX. Juliana Pugliese Christmann

### **PARTE II – SESSÃO TEMÁTICA**

DIAGNÓSTICO DO MUSEU DO FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO: PERSPECTIVAS PARA O PLANO MUSEOLÓGICO. Daniela Schmitt

## A CULTURA E A DESCENTRALIZAÇÃO DO PODER PARA DIMINUIR A VIOLÊNCIA

Kellen Lazzari

**RESUMO:** Este trabalho, ao falar sobre a influência da cultura na vida das pessoas, busca refletir sobre como o poder público pode atuar para conseguir mudar uma das culturas negativas que ainda assola o Brasil, ou seja, a violência. A metodologia de análise foi a partir do exemplo de revitalização do 4º Distrito, região do município de Porto Alegre, que vem revitalizando, investindo no desenvolvimento da região para contribuir na diminuição da violência. Para tanto, é necessário descentralizar o poder e focar no humano, pensar num desenvolvimento mais inclusivo.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura, desenvolvimento, descentralização, ações coletivas.

### INTRODUÇÃO

A cultura é parte constituinte do processo de desenvolvimento institucional, bem como, as instituições integram-se ao processo de desenvolvimento econômico (DINIZ, 2003 e FILÁRTIGA, 2007). O texto: “A cultura afeta o desempenho econômico?”, dos autores Luigi Guiso, Paola Sapienza e Luigi Zingales (2006), faz referência de que a cultura é um conjunto de crenças e valores que os grupos sociais, étnicos e religiosos transmitem de forma praticamente inalterada de geração em geração, e que podem impactar na economia de uma sociedade.

Partindo da premissa, de que a memória coletiva é os lócus de ancoragem da identidade do grupo, assegurando a sua continuidade no tempo e no espaço, deve-se tomar por base a influência que as instituições sociais, como o parentesco, a comunidade, a religião, a organização política e a classe social exercem sobre a origem das recordações pessoais (HALBWACHS, 2006). Assim sendo, depreende-se que a cultura não apenas afeta a vida de uma pessoa como impacta toda uma sociedade e a economia de um Estado, nos seus mais diversos segmentos, como por exemplo: saúde, segurança, políticas públicas.

A força da influência da cultura, da sociedade, sobre as pessoas para

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Durkheim é intensa, e se opera por meio da educação, onde a autonomia do indivíduo é praticamente uma “ilusão”, sendo “prisioneiros de sua própria cultura”. Por outro lado, para Moscovici (2003) essa percepção de coerção não é tão forte, pois, para o autor, os indivíduos apesar de sofrerem a influência da sociedade, “têm o benefício do livre arbítrio”, constroem, então, suas representações com “certa flexibilidade, combinando diferentes conhecimentos a seu modo” (ALBA, 2011, p 401).

Entretanto, a cultura como herdada por indivíduos não é continuamente alterada com as mudanças que as pessoas experimentam durante suas vidas (GUISSO, SAPIENZA E ZINGALES, 2006), mas a influência da cultura sobre a vida dos indivíduos pode sofrer alterações (MOSCOVICI, 2003), e é dessa forma que podem ocorrer importantes mudanças culturais dentro de uma sociedade (ALBA, 2011). Porém, existem culturas difíceis de serem alteradas, pois acabam passando de geração em geração, por meio das famílias, igreja, educação, política e por meio das próprias mídias, e vão se perpetuando dentro das sociedades. Uma dessas culturas que ainda persistem na sociedade brasileira é a da violência.

O tema desse artigo é sobre as culturas negativas, que ainda assolam o Brasil, ou seja, a cultura da violência. Mas busca especificamente objetivar uma reflexão, sobre exemplo de revitalização do 4º Distrito, região do município de Porto Alegre, que ao ser revitalizado, investiu no desenvolvimento para diminuir a violência. Metodologicamente buscou-se o estudo de caso da região como forma de reflexão. Este artigo está dividido em sessões sendo a primeira a violência e a relação com o desenvolvimento de uma região; segue a metodologia analítica e as considerações finais.

### **VIOLÊNCIA E A RELAÇÃO COM O DESENVOLVIMENTO DE UMA REGIÃO**

A Violência é uma realidade histórica e está cada vez mais presente na no

### **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

país. O Brasil ocupa a 10ª posição entre os 100 países analisados e possui a taxa de 20,7 homicídios por cada 100 mil habitantes, segundo o Mapa da Violência 2016 – produzido pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) – com foco na questão da violência por armas de fogo e suas variáveis.

No Estado do Rio Grande do Sul, esse estudo mostrou que, em 2004 foram registradas 1432 mortes por armas de fogo, já em 2014 o número chegou a 2052, onde Porto Alegre apareceu como a quarta cidade, com mais mortes por arma de fogo no Estado configurando como a décima capital mais violenta do país.

Para Minayo (1994) é quase unânime, que a violência não é biológica, portanto, não faz parte da natureza humana, e sim figura como um processo biopsicossocial, pois cresce e se desenvolve na vida em sociedade. É necessário levar em conta os aspectos históricos, sociológicos e antropológicos, observando as questões morais, econômicas, psicológicas e institucionais.

Nesse sentido, lembrando que Durkheim (1996) explicou os crimes definindo, que os problemas sociais são decorrentes da Anomia. Esses princípios teóricos surgiram com ele, no século XIX, e destacou que o crime era essencialmente social, uma doença. Segundo o autor, fatos sociais são fenômenos gerais e coercitivos que se instalam quando há uma ruptura ou uma diminuição na “consciência coletiva”, momento em que a anomia se instala na sociedade – ocorrendo dessa forma desvios como a violência, as condutas criminosas, pela perda da regulação social. Contudo, essa teoria social tinha por finalidade encontrar soluções para a vida social. Atualizando a temática da violência outras versões foram consideradas.

Na visão marxista o próprio capitalismo era violento com os trabalhadores, pois a exclusão da classe proletária gerava desigualdades sociais. Viu-se nessa teoria que existiam relações de oposição, antagonismos e de exploração. Já em Max Weber, segundo Costa (1997) essa construção teórica da violência corresponde a conceitos sociológicos construídos e interpretados como instrumentos de ordenação da realidade. Assim, os clássicos interpretaram o

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

fenômeno da violência. Contudo é necessário efetuar outras articulações para entender o problema socialmente.

A violência interfere negativamente no desenvolvimento econômico e social, pois eleva o nível de exclusão social e de pobreza, colocando em risco a cidadania e a segurança (REIS, 2013). Por consequência, “a violência custa às nações valores humanos e econômicos, extraindo das economias mundiais a cada ano muitos bilhões de dólares em tratamentos de saúde, gastos legais, ausência do trabalho e produtividade perdida” (DAHLBERG e KRUG, 2006, p. 1171 e 1172).

Para diminuir a violência Coleman (1993) e Putnam (1995) afirmam que a crença entre os membros da comunidade, o envolvimento nas questões comunitárias, podem ser uma boa relação entre a vizinhança. Essas são condições fundamentais para a prosperidade econômica e para o desenvolvimento local. Além desses fatores, pode-se citar a infraestrutura urbana, como saneamento básico, iluminação pública, bons transportes públicos, lazer e equipamentos culturais, requisitos importantes para a melhoria da saúde, educação, meio ambiente e segurança pública.

Zaluar (1999) destacou nos seus estudos o medo e o apoio dado pela sociedade a políticas despóticas ou extremamente repressivas devido à crise, que conduzem autores a qualificar a sociedade brasileira como o antônimo da cordialidade e cooperação, ou seja, uma tentativa de explicação sociológica, para o modelo dicotômico, que divide a sociedade em duas categorias antagônicas, ainda que, empregando diferentes conceitos — tais como dominação, exploração capitalista, segregação racial ou exclusão.

Ao lembrar Robert Castel (1995) que prefere falar de desafiliação e não de exclusão o mesmo propõe diferentes políticas para resolver a questão. O autor trabalha com as escolhas dentro de sociedades nacionais e com as políticas de integração a uma sociedade nacional para não perder de vista essas situações diferenciadas por religião, identidade étnica, raça e gênero, retomando o tema do pluralismo e do multiculturalismo.



## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Assim, o fato de ter pessoas que não possuem condições de se adaptarem ao trabalho urbano-industrial devido a problemas como “desorganização familiar, falta de orientação educacional e ocupacional, condições precárias de moradia e que se encontram excluídos do mercado de trabalho” (GULLO, 1998, p. 108) acabam por estimular a criminalidade no meio urbano. Diferentes autores, apontam que é necessário que se deixe de olhar apenas para o criminoso, como faz a maior parte das teorias e do poder público, sendo, assim, essencial, que se preste atenção “para o fato de que o ambiente influencia na vontade de alguém cometer um crime em um ato criminoso” (BRUNET; VIAPIANA; BERTÊ; BORGES, 2008, p. 72).

Esse breve referencial teórico destaca que teorias sociológicas já se apresentavam desde o século XIX como alternativas para explicar a violência social, ou seja, como fato social, como exploração, ou ainda como formação histórica ordenada. Viu-se que questões comunitárias podem interferir nas condições fundamentais para manutenção da sociedade e na prosperidade econômica. A exclusão social tornou-se um acréscimo nos conceitos de violência e os teóricos atuais questionam essa desfiliação do cidadão, essa falta de orientação educacional e ocupacional e o papel do poder público nesse processo. Assim, para cumprir o objetivo proposto segue a metodologia.

### **METODOLOGIA**

O artigo fez uso do desenvolvimento de um estudo de caso sobre a região do 4º distrito como forma ilustrativa de análise. A técnica bibliográfica tem por base artigos, livros voltados ao tema, e a pesquisa documental foi oriunda de documentos do governo, legislação e do site municipal, uma vez que, segundo Yin (2005), essa coleta de dados comprova as evidências. A identificação do corpus de análise buscou como ilustração matérias de jornal que foram divulgadas sobre

a região.

### **ANÁLISE DE DADOS**

Segundo a Prefeitura de Porto Alegre, em parceria com a iniciativa privada, existe um projeto de revitalização do 4º Distrito, que é uma área da região central e da zona norte da cidade. Esta região engloba, principalmente, os bairros Floresta, Navegantes, São Geraldo, Humaitá e Farrapos, antigo polo industrial e comercial da capital. Com o passar do tempo, essa região foi sendo abandonada pela maior parte das indústrias e, conseqüentemente, pela população e hoje apresenta índices altos de violência, conforme indicadores do sítio ObservaPoa.

Para um projeto de revitalização dar certo se faz necessário focar no humano, pensar num desenvolvimento mais inclusivo, permitir ações coletivas, participativas e populares, valorizando e respeitando os elementos sociais, históricos e culturais que existem na área em desenvolvimento, segundo Pimenta (2014). Segundo Rattner (1992), para o desenvolvimento de uma região, deve-se planejar com o intuito de melhorar as condições de vida da população que lá vive e conseqüentemente diminuir a violência, através de investimento nas ações locais de desenvolvimento que precisam deixar de ser monopólio do poder público.

Furtado (1984), reforçou essa proposta ao longo da história e ao articular cultura e desenvolvimento, também faz referência a uma maior participação do povo no sistema de decisões. Então, a proposta de gestão dessa região do 4º distrito, para a Prefeitura de Porto Alegre, é buscar o aval da comunidade, e justamente atrair as pessoas e empreendimentos para desenvolver a área, com projetos voltados para a economia criativa e a tecnologia, por exemplo.

A retomada do desenvolvimento é necessária, sendo assim segundo Furtado (1989, p.28) “criatividade no plano político [...], vontade coletiva [...], onde essa vontade coletiva só poderá surgir se der um reencontro das lideranças políticas com os valores permanentes de nossa cultura, cujas raízes estão na

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

massa da população”. O poder público deve ser um dos agentes envolvidos, um facilitador de ações, necessitando fazer uso da governança, de um modelo de gestão pública, que leve em conta a necessidade de envolvimento e participação da sociedade nos programas e projetos, nas decisões desde o planejamento até a execução, sendo solidários no empenho para a realização dos objetivos propostos (TENÓRIO, 2004).

Essa descentralização, junto à participação popular nos processos decisórios, sintetiza uma abertura política do estado contemporâneo, pois, torna mais fácil reivindicar propostas que atendam a dinâmica e peculiaridades da região segundo Boisier (1996). Para alcançar uma melhor descentralização do poder, ou seja, a participação da população na gestão pública seria conveniente a organização em conselhos, uma vez que eles se tornam representantes mais diretos da vontade e das necessidades da comunidade. Dessa maneira, a gestão municipal finalmente passa a ser direcionada a uma verdadeira forma de gestão social e democratização do poder público (TENÓRIO, 2004).

Pode-se pressupor que uma forma de evitar tantos crimes, inúmeras mortes, e dar um retorno social aos casos sociais que abalam a vida pública e que, são divulgados pela mídia, seria essa participação ativa da população cidadã. Como exemplo ilustrativo, foi o caso da mãe que esperava, dentro do carro, seu filho sair do colégio, na zona Norte da capital gaúcha, no dia 25 de agosto de 2016 e foi morta. O crime segundo a polícia civil foi considerado como latrocínio e chamou atenção da sociedade e da mídia uma vez que se enquadrou no 25º latrocínio em oito meses. Esses dados correspondem a um aumento de 35% dos latrocínios na capital porto alegre em comparação entre os primeiros semestres de 2015 e 2016 (ZERO HORA, 2016).

Crime que veio corroborar com os dados do Mapa da Violência 2016, de que Porto Alegre é uma das cidades mais violentas do Estado do Rio Grande do Sul. E demonstrou que se deve rever, urgentemente, o modelo de segurança pública vigente. A política do enfrentamento, da criminalização e do

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

encarceramento como solução dos problemas de segurança pública precisa ser revista. Conforme Minayo (1994) é necessário levar em conta vários aspectos como, por exemplo, os históricos, sociológicos, educacionais, econômicos. Isto é, os governos municipais, estaduais e o federal não podem ficar atrelado ao binômio mais armas e mais viaturas, apenas à repressão policial.

Os autores abordados lembram que é possível fazer mudanças substanciais, enfrentando o problema com políticas educacionais e direitos sociais, caso contrário as estatísticas referentes à violência no país e a escassez de recursos financeiros a ser investidos só aumentarão (COLEMAN, 1993; PUTMAN, 1995 e ANUÁRIO BRASILEIRO DA SEGURANÇA PÚBLICA, 2016).

Então, Freire (2009), Minayo (1994), Tenório (2004) e Boisier (1996) ao abordarem sobre o modelo de gestão pública com a participação da população; ao afirmarem que uma política pública de Segurança Cidadã precisa contar com um espaço para as diversas políticas setoriais, como educação, saúde, esporte, cultura, além das forças policiais e a participação da sociedade cidadã, reforçam ainda mais as recomendações para acompanhar, reivindicar e fiscalizar as ações político-administrativas. E nesse sentido, que o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), vem atestando através de estudos e pesquisas, que a participação popular contribuiu para o aumento da eficácia e abrangência das ações públicas. Com objetivo de exemplificar que a revitalização do 4º Distrito, na do município de Porto Alegre, também podem investir no desenvolvimento da região e diminuir a violência destacou-se que as propostas, que sendo efetivadas pela Prefeitura têm condições de modificarem a região.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Refletir sobre a violência e o desenvolvimento local colabora com o senso de responsabilidade, que se tem como cidadãos e cidadãs dentro das cidades, e conseqüentemente dentro dos bairros em que se vive. Não é possível esperar que

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

todas as ações de melhoramento, de desenvolvimento, dos municípios partam exclusivamente do poder público, mas também do seu povo. Conforme visto, a violência é uma constante e seu histórico é um problema no Brasil. Não sendo algo biológico, natural do ser humano, nasce e cresce da vida em sociedade, – da perda da regulação e da fiscalização do Estado (MINAYO, 1994; DURKHEIM 1996) – ocasionando prejuízos humanos e econômicos para a sociedade.

Os dados trazidos pelo Mapa da Violência 2016 (WASELFSZ, 2016), destacaram que, Porto Alegre como a décima capital com o maior índice de homicídios por arma de fogo do país e uma das regiões, que ajuda nesse alto indicador de homicídios é o quarto distrito da capital gaúcha. Isso leva a pensar na necessidade urgente de mudar essa realidade. Esse ensaio refletiu sobre o poder público e sua modernização na sua governança, na sua gestão pública, descentralizando o poder, destacando que a participação cidadã ainda é a melhor solução.

É imprescindível a participação da população no planejamento e execução dos projetos de melhoria e desenvolvimento dessa região, mesmo porque com o engajamento da comunidade é mais provável que se alcancem os objetivos propostos. Garantir o conhecimento de cada localidade e das pessoas que ali residem e trabalham oportuniza um desenvolvimento que “não deve privar o indivíduo de qualquer acesso a direitos e aos benefícios disponibilizados” segundo Pimenta (2014, p. 57), posto que, uma região desenvolvida, disponibiliza os direitos básicos à população, colaborando para diminuir a violência, uma vez que o ambiente influencia no comportamento das pessoas.

## REFERÊNCIAS

ALBA, M. de. Representações sociais e memória coletiva: uma releitura. In: **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Angela Maria de Oliveira Almeida, Maria de Fátima de Souza Santos, Zeidi Araujo Trindade, organizadores. Brasília: Technopolitik, 2011.

BOISIER, S. Em busca do esquivo desenvolvimento regional: entre a caixa preta e o

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

projeto político. **Revista Planejamento e Políticas Públicas**, n. 13, p. 111-143, 1996. Disponível em: [https://ava.unilasalle.edu.br/pluginfile.php/49587/mod\\_resource/content/1/Desenvolvimento.pdf](https://ava.unilasalle.edu.br/pluginfile.php/49587/mod_resource/content/1/Desenvolvimento.pdf). Acesso em: 17.ago.2016.

BRUNET, J. F. G.; VIAPIANA, L. T.; BERTÊ, A. M. A.; BORGES, C. B. Fatores Preditivos da Violência na Região Metropolitana de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Segurança Pública** | Ano 2 Edição 3 Jul/Ago 2008. Disponível em: [http://proweb.procompa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu\\_doc/estudo\\_violencia.pdf](http://proweb.procompa.com.br/pmpa/prefpoa/observatorio/usu_doc/estudo_violencia.pdf). Acesso em: 16.dez.2016.

CASTEL, R. **A nova questão social**. Petrópolis/ Rio de Janeiro: Vozes. 1998.

COSTA, C. **Sociologia**. Introdução a ciência da Sociedade. Ed. Moderna, 1997.

DINIZ, M. H. **Compêndio de Introdução à Ciência do Direito**. São Paulo: Saraiva, 2003.

DORNELLES, R. **Zero Hora**. Porto Alegre, 25.ago.2016. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/policia/noticia/2016/08/mulher-e-morta-durante-assalto-na-zona-norte-de-porto-alegre-7331230.html>. Acesso em: 31.mar.2017.

DURKHEIM, É. **O Suicídio: Estudo Sociológico**. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

FILÁRTIGA, G. B. **Custos de Transação, Instituições e a Cultura da informalidade no Brasil**. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, V. 14, N. 28, P. 121-144, dez. 2007.

FREIRE, M. D. Paradigmas de segurança no Brasil: da ditadura aos nossos dias. **Revista Brasileira de Segurança Pública**, Ano 3, edição 5, p. 100-114, ago./set. 2009.

FACULDADE LATINO-AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS (Flacso). Mapa da Violência 2016. Disponível em: [http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016\\_armas\\_web.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf). Acesso em 13.dez.2016.

FURTADO, C. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GUISSO, L.; SAPIENZA, P. e ZINGALES, L. Does culture affect economic outcomes? **Journal of Economic Perspectives** —Volume 20, Number 2, Spring, 2006, p. 23–48.

GULLO, Á. A. S. **Violência urbana: um problema social**. Tempo Social; Rev.

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Sociol. USP, S. Paulo, maio/1998, p. 105-119.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Edição nº 65, 2011.  
Disponível em:  
[http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&id=2493:catid=28&Itemid=](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2493:catid=28&Itemid=). Acesso em: 31.mar.2017.

MINAYO, Maria Cecília Maria de S. A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 10 (supplement 1): 07-18, 1994.  
Disponível em:  
<file:///F:/DOCTORADO/T%C3%93PICOS%20AVAN%C3%87ADOS%20EM%20GEST%C3%83O%20CULTURAL/aviolenciasociaisobaoticadasaudepublica.pdf>. Acesso em: 14.dez.2016.

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In S. Moscovici (Ed.), **Representações sociais: investigações em psicologia social** (pp. 29-109). Petrópolis: Vozes, 2003.

OBSERVAPOA. Disponível em: <http://www.observapoa.com.br/>. Acesso em: 14.dez.2016

PIMENTA, C. A. M. **Tendências do desenvolvimento: elementos para reflexão sobre dimensões sociais na contemporaneidade**. V. 10, n. 3 (número especial), p. 44-66, set/2014. Taubaté, SP, Brasil. Disponível em:  
<http://www.rbqdr.net/revista/index.php/rbqdr/article/view/1471/394>. Acesso em 14.set.2016.

RATTNER, H. Tecnologia e Desenvolvimento Sustentável. Pp. 13-40. In: Hoyos, Juan Bardalez (org.). **Desenvolvimento sustentável: um novo caminho?** Belém: UFPA, NUMA, 1992. 119p. – (Universidade e Meio Ambiente, n.3).

REIS, A. F. Violência e Desenvolvimento Local: um estudo sobre a criminalidade entre jovens de 15 a 24 anos em comunidades periurbanas de Campo Grande, MS. **Revista Interações**, Campo Grande, v. 14, n. 2, p. 155-164, jul./dez. 2013.

ROLIM, M. **Mais educação, menos violência: caminhos inovadores do programa de abertura das escolas públicas nos fins de semana**. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2008. Disponível em:  
<http://unesdoc.unesco.org/images/0017/001785/178542por.pdf>. Acesso em: 31.mar.2017.

TENÓRIO, F. G. Cidadania e desenvolvimento local: casos brasileiros. **IX Congresso**

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

**Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública**, Madrid, España, 2 - 5 Nov, 2004. Disponível em: [http://www.gp.usp.br/files/desen\\_cidadania.pdf](http://www.gp.usp.br/files/desen_cidadania.pdf). Acesso em: 15.dez.2016.

**WAISELFSZ, J. J. Mapa da Violência 2016, Homicídios por Armas de Fogo no Brasil.** Disponível em: [http://mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016\\_armas\\_web.pdf](http://mapadaviolencia.org.br/pdf2016/Mapa2016_armas_web.pdf). Acesso em: 12.dez.2016.

**YIN, R.K. Estudo de caso. Planejamento e métodos.** 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

**ZALUAR, A. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização.** In: [São Paulo em Perspectiva](#). Vol.13 n° 3. Jul/set. 1999. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/spp/v13n3/v13n3a01.pdf](http://www.scielo.br/pdf/spp/v13n3/v13n3a01.pdf). Acesso em 25.mar. 2017.



## **AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO RECICLAPOA PARA A REVITALIZAÇÃO URBANA E RECONVERSÃO ECONÔMICA DO 4º DISTRITO DE PORTO ALEGRE**

**Daiana Schwengber  
Rita de Cássia da Rosa Sampaio Brochier**

**RESUMO:** O 4º Distrito aguarda sua revitalização urbana há mais de 30 anos, e ações coletivas podem contribuir para sua reconversão econômica. O projeto ReciclaPoA lançado em maio de 2016, integra o Programa Somos Todos Porto Alegre e teve como proposta formas agentes ambientais voluntários para melhorar e fomentar a coleta seletiva. O projeto piloto teve suas ações realizadas de maio a agosto de 2016 no bairro São Geraldo, um dos cinco bairros integrantes do 4º Distrito. Nesse contexto, este estudo tem por objetivo analisar as contribuições do projeto ReciclaPoA para a revitalização urbana e reconversão econômica do 4º Distrito de Porto Alegre. Para isso, utilizamos o método qualitativo exploratório a partir de dados coletados com a Cooperativa Mãos Verdes e em sites oficiais. Após a análise dos resultados, observou-se uma melhoria no material coletado e ampliação da separação dos resíduos sólidos urbanos pelos habitantes. Porém, apenas menos de 10% dos tipos de domicílios do bairro São Geraldo foram atendidos. Uma horta comunitária e composteira também foram implementadas para o tratamento dos resíduos orgânicos. Este projeto tem grande potencial de expansão aos demais bairros de Porto Alegre e possibilitou um novo olhar para a revitalização e cuidado com as cooperativas de triagem e com o bairro São Geraldo, integrante do 4º Distrito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Quatro Distrito, Educação Ambiental, ReciclaPoA.

### **INTRODUÇÃO**

As ações de revitalização do 4º Distrito já são tratadas há mais de 30 anos. Porém, em 2015, o Masterplan trouxe novas propostas de intervenção. Algumas delas estão direcionadas a Economia Solidária e a Tecnologias Sociais. Pensando nos atores sociais dos cinco bairros que compõe o 4º Distrito, o Programa Somos Todos Porto Alegre realizou o projeto piloto ReciclaPoA no bairro São Geraldo entre os meses de maio a agosto de 2016.

Nesse contexto, este estudo teve como objetivo analisar as contribuições do projeto ReciclaPoA para a revitalização urbana e reconversão econômica do 4º Distrito de Porto Alegre. Para isso, utilizamos o método qualitativo exploratório a partir de dados coletados com a coordenadora do projeto ReciclaPoA, integrante da Cooperativa Mãos Verdes, e também, foram utilizados sites oficiais como o

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Observa POA e o da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. O artigo está organizado da seguinte forma: uma breve introdução ao 4º Distrito, os bairros que ele compõe, as unidades de triagem participantes do ReciclaPoA, o projeto ReciclaPoA e seus resultados. E por fim, as considerações finais.

### **O 4º DISTRITO**

O 4º Distrito é uma área da região central e da zona norte de Porto Alegre que engloba, principalmente, os bairros Floresta, Navegantes, São Geraldo, Humaitá e Farrapos. Antigo polo industrial e comercial da Capital, com o passar do tempo, foi sendo abandonada pela maior parte das indústrias e, conseqüentemente, pela população (MASTERPLAN, 2015).

Em 2015 foi lançado o primeiro Masterplan trazendo propostas de regime urbanístico para região do 4º Distrito voltado para arranjos específicos das atividades econômicas, segmentos de tecnologia da informação e comunicação, saúde e desenvolvimento de novos negócios, ambientes colaborativos e usos de espaços com edificações de perfil inovador e que insiram construções tomadas pelo patrimônio histórico (MASTERPLAN, 2015).

Além do Masterplan (2015), outros projetos também ganharam espaço para a revitalização do 4º Distrito, um deles foi o Programa Todos Somos Porto Alegre, que tem como um de seus projetos o ReciclaPoA. Na esteira da desindustrialização, muitas empresas abandonaram instalações do 4º Distrito, ocasionando o relativo despovoamento do antigo Distrito Industrial da Zona Norte, contribuindo para a degradação da região (DMLU, 2017).

### **OS BAIRROS DO 4º DISTRITO**

A cidade de Porto Alegre, foi fundada em 1772 e registrada sobre o nome de Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais. Em 1752, 60 casais de portugueses açorianos trazidos por meio do Tratado de Madri desembarcaram em

### **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Porto Alegre e iniciaram o povoamento da capital dos gaúchos. Porto Alegre recebeu imigrantes de todas as partes do mundo a partir de 1824 que auxiliaram no desenvolvimento econômico, territorial e cultural da cidade (IBGE, 2017).

Conforme estimativa do IBGE (2016), Porto Alegre tem aproximadamente 1.481.019 habitantes e uma área total de 496,682 km<sup>2</sup> divididos em 79 bairros. Destes, cinco compõem o 4º Distrito: Floresta, Farrapos, Navegantes, Humaitá e São Geraldo.

O bairro Floresta possui 16.085 habitantes, representando 1,14% da população do município. Com área de 2,19 km<sup>2</sup>, representa 0,46% da área do município, sendo sua densidade demográfica de 7.344,75 habitantes por km<sup>2</sup>. A taxa de analfabetismo é de 1,24 % e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 6,00 salários mínimos (IBGE,2010).

O bairro Farrapos possui 18.986 habitantes, representando 1,35% da população do município. Com área de 1,65 km<sup>2</sup>, representa 0,35% da área do município, sendo sua densidade demográfica de 11.506,67 habitantes por km<sup>2</sup>. A taxa de analfabetismo é de 4,31 % e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 2,03 salários mínimos (IBGE,2010).

O bairro Navegantes possui 4.011 habitantes, representando 0,28% da população do município. Com área de 2,2 km<sup>2</sup>, representa 0,46% da área do município, sendo sua densidade demográfica de 1.823,18 habitantes por km<sup>2</sup>. A taxa de analfabetismo é de 1,03% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 3,54 salários mínimos (IBGE,2010).

O bairro Humaitá possui 11.404 habitantes, representando 0,81% da população do município. Com área de 4,16 km<sup>2</sup>, representa 0,87 % da área do município, sendo sua densidade demográfica de 2.741,35 habitantes por km<sup>2</sup>. A taxa de analfabetismo é de 1,84% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 3,90 salários mínimos (IBGE,2010).

O bairro São Geraldo possui 8.706 habitantes, representando 0,62% da população do município. Com área de 1,89 km<sup>2</sup>, representa 0,40% da área do

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

município, sendo sua densidade demográfica de 4.606,35 habitantes por km<sup>2</sup>. A taxa de analfabetismo é de 0,85% e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 4,31 salários mínimos (IBGE,2010).

Todos os bairros do 4º Distrito recebem a coleta seletiva conforme nos mostra a Tabela 1 que se refere ao destino do lixo por meio do recolhimento do resíduo domiciliar. A taxa de 99,52% dos moradores atendidos com a coleta de seus resíduos está muito próxima a taxa municipal (OBSERVA POA, 2017).

Tabela 1 – Destino do lixo no 4º Distrito

<b>Referências</b>	<b>Destino do Lixo</b>
<b>4º Distrito</b>	99,52%
<b>Porto Alegre</b>	99,67%

Fonte: Observa PoA, 2017.

O 4º Distrito concentra 4,2% da população total de Porto Alegre e seis das dezessete Unidades de Triagem (UT) cadastradas no DMLU (2017). Tratam-se de bairros menos populosos, porém de grandes extensões de áreas ainda a serem exploradas, principalmente em seus prédios industriais abandonados.

### UNIDADES DE TRIAGEM NO 4º DISTRITO

Dentro do 4º Distrito, nos bairros Farrapos, Navegantes e Floresta, estão localizadas as seis UT's de Porto Alegre que integram a coleta seletiva municipal. Conforme nos mostra a Figura 1, os bairros Farrapos e Navegantes tem uma Unidade de Triagem cada, enquanto o bairro Floresta concentra quatro UT's que recolhem os resíduos domiciliares e eletroeletrônicos.

Figura 1: Distribuição das Unidades de Triagem no mapa do 4º Distrito de Porto Alegre

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3



Fonte: Autoras com base no Masterplan (2015) e site do DMLU (2017).

Para compreender melhor a localização e o tipo de serviço prestado, o Quadro 1 traz as características de cada UT do 4º Distrito, seu nome, endereço e tipo de resíduo triado.

Quadro 1: Unidades de Triagem do 4º Distrito de Porto Alegre

	<b>Cooperativa</b>	<b>Endereço</b>	<b>Tipo de Resíduo</b>
<b>1</b>	Associação Comunitária de Mulheres na Luta	Rua Jayme Tolpolar, 375 Bairro: Farrapos	Resíduos Sólidos Urbanos
<b>2</b>	CEAR - Cooperativa de Educação Ambiental e Reciclagem Sepé Tiarajú	Rua Frederico Mentz, 1167 Bairro: Navegantes	Resíduos Sólidos Urbanos

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

3	Cooperativa Mãos Unidas Santa Teresinha	Rua Paraíba, 177 Bairro: Floresta	Resíduos Sólidos Urbanos
4	Cooperativa Paulo Freire	Avenida Voluntários da Pátria, 2552 Bairro: Floresta	Eletroeletrônico
5	Associação Anjos da Ecologia	Rua Dr. Júlio Olszewski, 01 Bairro: Marcílio Dias/Floresta	Resíduos Sólidos Urbanos
6	Associação Reciclando pela Vida	Rua Dr. Júlio Olszewski, 03 Bairro: Marcílio Dias/Floresta	Resíduos Sólidos Urbanos

Fonte: Autoras com base no Masterplan (2015) e no site do DMLU (2017).

O DMLU (2017) destaca a coleta seletiva dos resíduos sólidos reaproveitáveis ou recicláveis como uma das principais ações dentro do Programa de Gerenciamento Integrado. Os resíduos separados pela população transformam-se em emprego e renda para trabalhadores formalmente organizados em dezessete associações e/ou cooperativas, além de auxiliar na preservação do meio ambiente (DMLU, 2017).

O recolhimento dos resíduos inicia com a coleta realizada pelos caminhões aos resíduos recicláveis em 99,67% das ruas de Porto Alegre. O percentual de 0,33% de resíduos não coletados, encontram-se em residências que não comportam a entrada de caminhões em sua rua. Após a coleta, os resíduos são encaminhados as UT's. Nesses locais, os trabalhadores fazem a separação dos materiais: plásticos, papel, embalagens longa vida, vidro, isopor, garrafas plásticas, prensam, agrupam em fardos e negociam de forma autônoma a

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

venda para a indústria de reciclagem e/ou reaproveitamento (DMLU, 2017; SCHWENGBER, 2015).

As dezessete Unidades de Triagem de Porto Alegre recebem apoio em toda a sua infraestrutura (pagamento de água, luz, coleta com o caminhão) também, uma ajuda de custo para manutenção no valor de R\$ 2.500,00/mês. O resultado da comercialização dos resíduos sólidos é dividido entre os integrantes das associações ou cooperativas que gerem cada UT. Porém, para deixar a coleta seletiva mais eficiente, ações em educação ambiental são essenciais para ampliação do Programa de Gerenciamento Integrado. Pensando nisso, o projeto de educação ambiental ReciclaPOA, que integra o Programa Todos Somos Porto Alegre, tem o objetivo de reunir atores públicos, privados e comunitários, visando melhorar a vida dos catadores e o sistema de reciclagem da cidade de Porto Alegre (DMLU, 2017).

### **RECICLA POA NO 4º DISTRITO**

O projeto Recicla POA faz parte do Programa Todos Somos Porto Alegre. Este programa é uma política pública elaborada pela Prefeitura de Porto Alegre com o objetivo de promover a emancipação a partir da inclusão de catadores carroceiros e carrinheiros em novas oportunidades de trabalho. Por meio desta iniciativa, busca-se proporcionar o aumento da renda e uma vida mais digna para estes cidadãos e suas famílias. Visa ainda, e aumentar a capacidade das unidades de triagem, além de construir novas unidades, melhorando o resultado econômico que geram a seus catadores e o serviço ambiental prestado à cidade. O programa está estruturado em três projetos: Inclusão produtiva de carroceiros e carrinheiros; Reestruturação do sistema de triagem e Educação Ambiental “ReciclaPOA” (RECICLAPOA, 2017).

O projeto de Educação Ambiental ReciclaPOA está consolidado em um conjunto de ações de mobilização social e de educação ambiental, com o objetivo

### **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

de engajar os porto-alegrenses na coleta seletiva e no Programa Todos Somos Porto Alegre, aumentando a quantidade e melhorando a qualidade dos resíduos sólidos domiciliares recicláveis destinados às unidades de triagem da cidade. Para o início das atividades, escolheu-se o bairro São Geraldo, que compõe o 4º Distrito, para realizar o projeto piloto do ReciclaPOA (RECICLAPOA, 2017).

A coleta seletiva no bairro São Geraldo ocorre duas vezes na semana recolhendo cerca de 2,25 toneladas/semanais (DMLU, 2017), um valor muito abaixo do total de resíduos gerado no bairro (47.580 toneladas/semana). Além deste dado desastroso, outros requisitos foram levados em consideração para escolha do bairro:

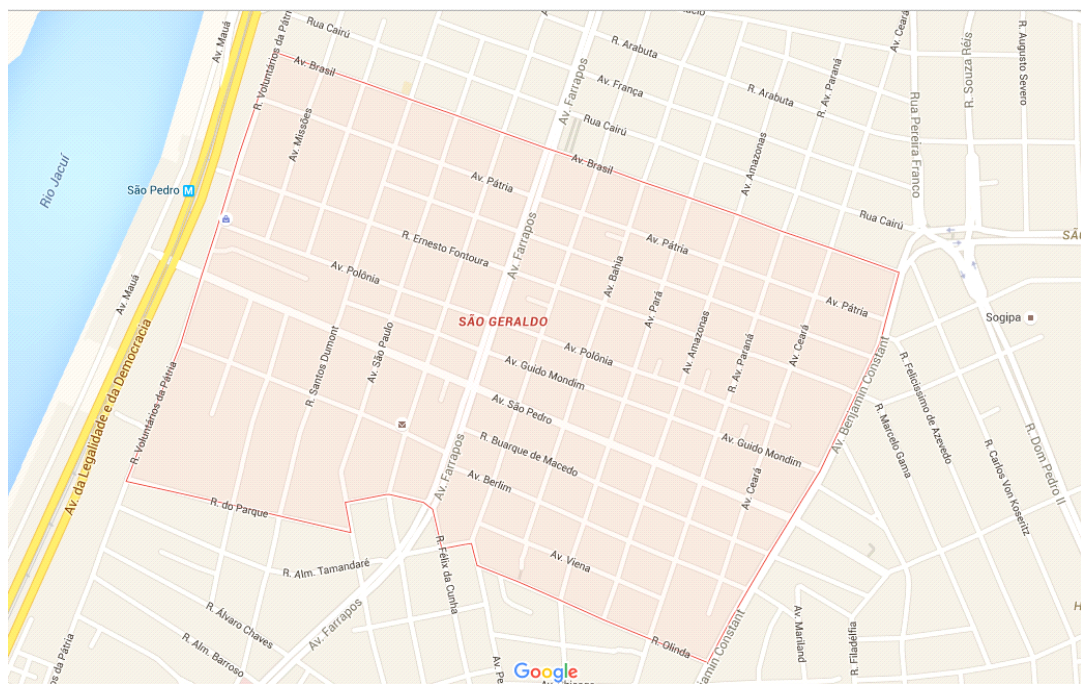
- Potencial de aumento de resíduos coletados (segundo a DLC, o bairro São Geraldo apresenta roteiro de coleta com cargas incompletas);
- Operação da coleta seletiva em 100% das ruas;
- Apresentação de um mix de polos geradores: residências, condomínios, comércio, escritórios, alimentação e industrial;
- Possibilidade de alianças (instituições ou outros projetos) – Revitalização 4º Distrito, ZIS Poa e SENAC Comunidade (RECICLAPOA, 2017).

Por isso, além de ações de qualificação, informação e sensibilização, o projeto executou duas ações de engajamento e mobilização social, chamadas de “Capacitação de agentes ambientais ReciclaPOA” e “Recrutamento de agentes ReciclaPOA”. Essas ações visaram a formação de multiplicadores da causa da reciclagem no município e teve três públicos-alvo: capacitação de colaboradores da Prefeitura, capacitação de agentes ambientais voluntários e engajamento de moradores do bairro São Geraldo (Figura 2) (RECICLA POA, 2017).

Figura 2: Bairro São Geraldo, Porto Alegre.



## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3



Fonte: Google Maps (2017).

O bairro São Geraldo é composto por 29 ruas e avenidas, 17 % dos domicílios são casas e 83% são apartamentos onde reside uma média de 2,5 moradores por domicílio. Conforme a Tabela 2, o bairro São Geraldo é composto por residências, comércio, indústrias, depósitos, escolas, igrejas e três praças (OBSERVA POA, 2017).

Tabela 2 – Tipos de domicílios no bairro São Geraldo

Tipo de domicílio	Quantidade	%
Restaurante	187	6%
Escritório	81	3%
Casa	567	20%
Condomínio (prédios)	528	18%
Loja (comércio, farmácia e salão de beleza)	611	21%

### Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

Grandes geradores (industrias e depósitos)	243	8%
Igreja	22	1%
Escola/creche/Instituições de ensino	25	1%
Oficinas/lavagens	147	5%
Agências bancárias/lotéricas	22	1%
Posto de gasolina	26	1%
Supermercados/mercadinhos	41	2%
Outros	382	13%
<b>Total</b>	<b>2.882</b>	<b>100%</b>

Fonte: Autoras com base no OBSERVA POA (2017).

Para a execução das duas ações de engajamento e mobilização social do ReciclaPOA, todos os 2.882 tipos de domicílios foram convidados a participarem entre os meses de maio a agosto de 2016 por meio de visitação, panfletagem e divulgação em redes sociais. O projeto ReciclaPOA foi lançado em 20 de maio de 2016 no Galpão Makers, bairro Floresta (RECICLAPOA, 2017).

### RESULTADOS DO RECICLA POA NO 4º DISTRITO

Após a divulgação do Projeto ReciclaPoA, as a es tiveram início em junho de 2016 passando por duas etapas: capacitação de agentes ambientais ReciclaPOA com conteúdo voltados para a separa o e coleta dos resíduos urbanos, e recrutamento de agentes ReciclaPOA. O recrutamento/abordagem foi realizado após a capacitação onde os agentes deveriam visitar os tipos de domicílios, aplicarem um questionário e realizarem uma intervenção com explica es e práticas de separa o dos resíduos secos e orgânicos. A Tabela 3 traz o detalhamento das Turmas I e II:

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

Tabela 3 – Etapas I e II do ReciclaPOA no bairro São Geraldo

PROJETO RECICLA POA		ETAPA I Capacitação	Visita a UT	Visita a UT	ETAPA II Recrutamento/ Abordagem
<b>Turma I</b>	<b>Data</b>	03/06/2016	08/06/2016	09/06/2016	24/06 a 01/07/2016
	<b>Nº de participantes</b>	53	53	53	180
	<b>Local</b>	UniRitter	CEAR Cooperativa de Educação Ambiental e Reciclagem Sepé Tiarajú	- Associação Reciclando pela Vida	Bairro São Geraldo
<b>Turma II</b>	<b>Data</b>	24/08/2016	25/08/2016	26/08/2016	30/08 a 16/09/2016
	<b>Nº de participantes</b>	40	16	16	95
	<b>Local</b>	IFRS Campus Porto Alegre	CEAR Cooperativa de Educação Ambiental e Reciclagem Sepé Tiarajú	- Associação Reciclando pela Vida	Bairro São Geraldo

Fonte: Autoras com base no relatório do ReciclaPOA (2017).

Na Turma I, a capacitação foi realizada na UniRitter e contou com a participação de 53 agentes voluntários, destes, 36 seguiram atuantes na Etapa II. No recrutamento/abordagem, foram entrevistados 180 tipos de residências no período de sete dias. A Turma I também construiu no último dia da Etapa II, uma composteira e horta comunitária no Espaço Floresta, localizado na Travessa Carmem, 111, bairro Floresta. A composteira será administrada pelo projeto Re-Ciclo e a horta comunitária pela Horteria, parceiros do ReciclaPOA.

Já na Turma II, a capacitação foi realizada no IFRS- Campus Porto Alegre e contou com a participação de 40 agentes voluntários, destes, apenas 16 seguiram

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

atuantes no recrutamento/abordagem. Na Etapa II, foram entrevistados 95 tipos de residências durante 17 dias. Além da capacitação de sete horas realizada pela Cooperativa Mãos Verdes, ambas as turmas realizaram visitas técnicas nas UT's Cooperativa de Educação Ambiental e Reciclagem Sepé Tiarajú, e Associação Reciclando pela Vida dos bairros Navegante e Floresta. Durante a Etapa II, os agentes ambientais voluntários realizaram abordagens e entrevistas em 275 tipos de domicílios. A Tabela 4 nos mostra os resultados desta intervenção:

Tabela 4 – Pesquisa no bairro São Geraldo, Etapa II do Projeto ReciclaPOA

<b>Pergunta</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Não respondeu</b>
O local separa os resíduos?	77%	22%	1%
Sabe o dia e horário da coleta?	52%	46%	2%
Utiliza a coleta seletiva?	52%	47%	1%

Fonte: Autoras com base no relatório do ReciclaPOA (2017).

O objetivo das perguntas era de realizar um levantamento sobre a situação de separação de resíduos sólidos urbanos nos tipos de domicílio. Com este instrumento, pode-se perceber que a maioria dos entrevistados separam os resíduos do local, seja ele residência, comércio ou indústria, porém, a grande maioria ainda não utiliza de forma adequada a entrega correta ao recolhimento da coleta seletiva.

Após a realização das Etapas e ações do projeto ReciclaPOA, houve um aumento na quantidade de resíduos coletados pelos caminhões da coleta seletiva, de 2,25 toneladas/semanais para 5,25 toneladas/semanais (RECICLAPOA, 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto ReciclaPoA contribuiu para a revitalização 4º Distrito por meio de ações que envolveram agentes sociais, moradores, comércio e indústria local, no intuito de mobilizar a sociedade civil para este tema de extrema importância, a

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

coleta seletiva. A formação e a intervenção dos agentes ambientais voluntários para uma nova postura e reflexão em relação a separação e descarte dos resíduos sólidos, possibilitou um aumento de 3 toneladas/semanais para geração de trabalho e renda dos catadores nas seis cooperativas do 4º Distrito de Poro Alegre e conseqüentemente, para o aumento da vida útil do aterro sanitário.

Outro produto positivo do projeto, foi a implementação da composteira e horta comunitária que reutiliza resíduos orgânicos como insumo de produção de alimentos orgânicos abertos a comunidade do 4º Distrito. Porém, o projeto ReciclaPOA, não atingiu em sua abordagem 10% dos tipos de domicílios do bairro São Geraldo e poderia ter sido mais eficaz quanto ao envolvimento dos habitantes do bairro. Apesar de sua baixa expressividade nas intervenções, percebe-se que ações de educação ambiental são válidas quando se trata de mudanças de velhos hábitos.

### REFERÊNCIAS

DMLU. **Departamento Municipal de Limpeza Urbana**. Porto Alegre. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/dmlu/>> Acesso em: 08 fev 2017.

IBGE. **Cidades**: Porto Alegre. 2017. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=431490>> Acesso em: 08 fev 2017.

MASTERPLAN. **4º Distrito**: revitalização urbana e reconversão econômica. 2015. Secretaria Municipal de Habitação. Disponível em: <[http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu\\_doc/4d.pdf](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/4d.pdf)> Acesso em: 06 fev 2017.

OBSERVAPOA. **Indicadores**: Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.observapoa.com.br/>> acesso em: 09 fev. 2017.

RECICLAPOA. **Relatório do Projeto ReciclaPOA**. Cooperativa Mãos Verdes, 2017.

SCHWENGBER, Daiana. **Qualidade de vida e perfil socioeconômico de profissionais catadores de quatro cooperativas de resíduos sólidos da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil**. 2015.

## **DAS QUESTÕES SOCIAIS QUE ENVOLVEM A REVITALIZAÇÃO URBANA E RECONVERSÃO ECONÔMICA DO 4º DISTRITO DE PORTO ALEGRE**

**Rita de Cássia da Rosa Sampaio Brochier  
Daiana Schwengber**

**RESUMO:** Este artigo se propõe a refletir algumas das questões sociais descritas no Masterplan do 4º Distrito de Porto Alegre, sob o ponto de vista do desenvolvimento. Trata-se de um estudo qualitativo exploratório. Observou-se sobre o aspecto social do Masterplan do 4º Distrito de Porto Alegre que a área se encontra com bons indicadores de infraestrutura como o abastecimento de água potável, esgoto adequado, atendimento a energia elétrica e pavimentação. Mas, é difícil de visualizar ações concretas que tenham de fato gerado resultados no que tange desenvolvimento econômico. Contudo, observa-se que as propostas de reconversão possuem perspectivas para além do econômico, valorizando, dessa forma, os atores sociais daquele território, o 4º Distrito de Porto Alegre.

**PALAVRAS-CHAVES:** Quarto Distrito, Questões Sociais, Desenvolvimento.

### **INTRODUÇÃO**

Uma rápida pesquisa no campo “notícias” no site oficial da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, utilizando o descritor “4 distrito”, demonstra que a revitalização do 4º Distrito é um tema antigo e recorrente para os gestores da cidade de Porto Alegre. Somente na última gestão municipal (2012-2015), foram desenvolvidos e apresentados dois Masterplan (plano de futura ocupação) para o 4º Distrito de Porto Alegre. O último, ainda sem divulgação integral à população, foi desenvolvido e apresentado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS em dezembro de 2016, um ano após o GT executivo do quarto distrito ter concluído o Masterplan com a equipe municipal. O plano de 2015 foi vinculado a prefeitura municipal de Porto Alegre e apresentou um diagnóstico, as premissas e diretrizes para o Masterplan do 4º Distrito, com enfoque na revitalização urbana e reconversão econômica da área. Esse Masterplan está disponível no site oficial da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e apresenta diversas questões que envolvem a revitalização do 4º Distrito, entre elas as questões sociais.

Nesse contexto, este artigo se propõe a refletir algumas das questões sociais descritas no Masterplan (2015) do 4º Distrito de Porto Alegre, sob o ponto

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

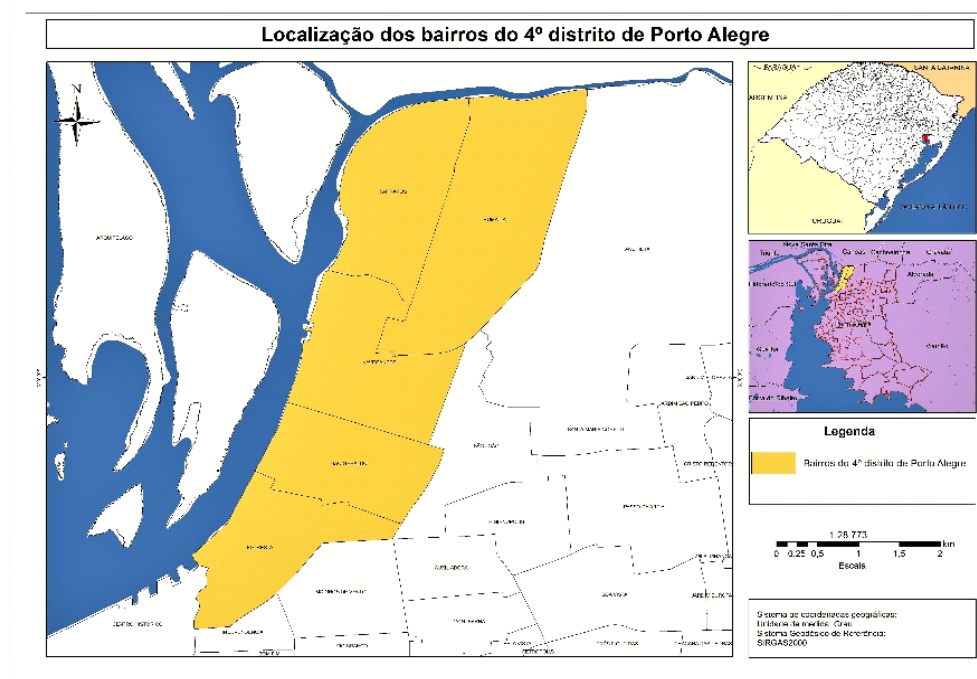
de vista do desenvolvimento. Trata-se de um estudo qualitativo exploratório a partir de dados coletados no site oficial da Prefeitura Municipal de Porto Alegre e do site oficial do Observatório da cidade de Porto Alegre – Observa Poa. O artigo está organizado da seguinte forma: inicialmente pelo resumo, seguido da introdução, após uma apresentação do 4º Distrito e um breve resumo do Masterplan do 4º Distrito (2015) e em seguida uma reflexão sobre as questões sociais descritas no Masterplan do 4º Distrito de Porto Alegre sob a ótica do desenvolvimento. E por fim, as considerações finais.

**O 4º DISTRITO DE PORTO ALEGRE**

O 4º distrito de Porto Alegre, é formado geograficamente, pelos bairros Floresta, Navegantes, São Geraldo, Humaitá e Farrapos, juntos representam 2,56% (12,09km<sup>2</sup>) da área territorial de Porto Alegre (471,85km<sup>2</sup>), (OBSERVAPOA, 2017).

Figura 1: Mapa de localização do 4º Distrito de Porto Alegre

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3



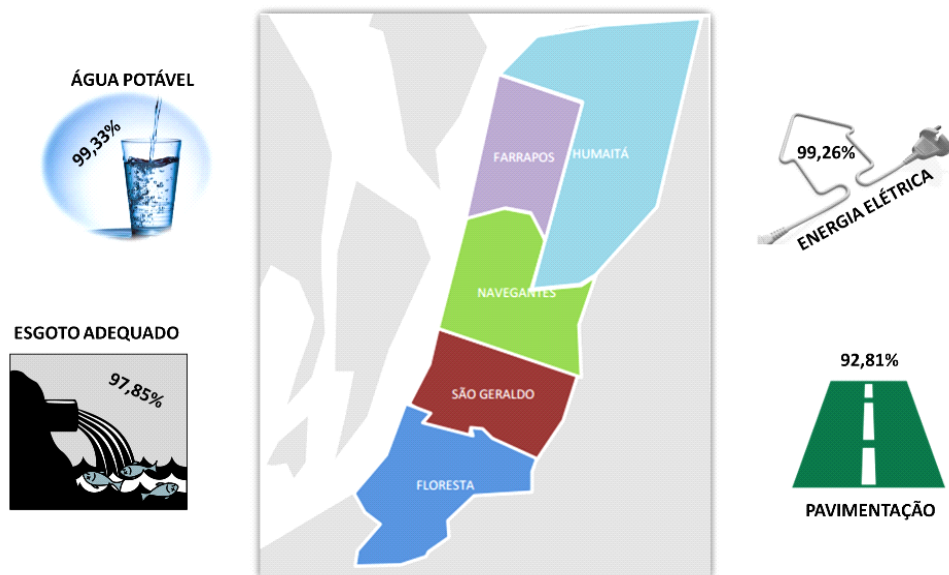
Fonte: Autoras com base em mapas digitais da Prefeitura de Porto Alegre (2017).

Os cinco bairros que integram o 4º Distrito de Porto Alegre: Humaitá, Farrapos, Navegantes, São Geraldo e Floresta somam um total de 59.192 habitantes, representando 4,2% da população da cidade de Porto Alegre que é de 1.409.351 habitantes (OBSERVA POA, 2017). A figura 2 apresenta alguns indicadores de infraestrutura do 4º Distrito de Porto Alegre.

Figura 2: Indicadores de infraestrutura do 4º Distrito



## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3



Fonte: Autoras com base nos dados do Observa Poa (2017).

Observam-se na figura 2, alguns dos indicadores de infraestrutura do 4º Distrito, 99,33% dos domicílios são abastecidos com água potável, sendo que a referência da cidade de Porto Alegre é 99,35%. Já, 99,26% dos domicílios do 4º Distrito são abastecidos com energia elétrica, enquanto Porto Alegre é 99,19%. Ou valor é de 97,85% dos domicílios possuem esgoto adequado, superior a referência de Porto Alegre é 94,26% e há 92,81% de pavimentação entorno dos domicílios do 4º Distrito, com a referência de 88,10% da cidade de Porto Alegre. A maior discrepância dos indicadores de infraestrutura do 4º Distrito em relação a cidade de Porto Alegre, refere-se à pavimentação, os demais: água potável, esgoto adequado, e energia elétrica estão próximos.

A tabela 1 apresenta dados no que se refere a educação no 4º Distrito de Porto Alegre:

Tabela 1: Dados sobre educação do 4º Distrito de Porto Alegre

Referência	Analfabetis	Abandono	Abandono	Analfabetismo
------------	-------------	----------	----------	---------------

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

<b>s</b>	<b>mo funcional</b>	<b>escolar ensino fundamental</b>	<b>escolar ensino médio</b>	<b>mais de 15 anos</b>
<b>4 Distrito Porto Alegre</b>	7,67%	2,09%	6,66%	1,85%
	12,05%	1,03%	8,87%	2,27%

Fonte: Autoras com base nos dados do Observa Poa (2017).

Os indicadores sobre educação do 4º Distrito de Porto Alegre demonstram que 7,67% dos responsáveis por domicílios daquela região são analfabetos funcionais, ou seja, possuem menos de quatro anos de estudo, indicador menor que o da cidade de Porto Alegre que é de 12,05%. Outro dado refere-se ao abandono escolar no ensino fundamental e no ensino médio, respectivamente, os indicadores são: 2,09% e 6,66%. Porto Alegre referente ao indicador de abandono escolar no ensino fundamental, apresenta um indicador menor, 1,03% e para o abandono escolar no ensino médio o indicador é de 8,87%, maior que o indicador da região do 4º Distrito. Ainda, sobre o analfabetismo com mais de 15 anos, o indicador do 4º Distrito também é menor que o da cidade de Porto Alegre, 1,85% para o 4º Distrito e 2,27% para Porto Alegre. Na tabela 2 observa-se dados sobre o trabalho e renda na região do 4º Distrito:

Tabela 2: Dados sobre trabalho e renda do 4º Distrito de Porto Alegre

<b>Referências</b>	<b>Domicílios indigentes</b>	<b>Domicílios pobres</b>	<b>Rendimento médio por domicílio</b>
<b>4 Distrito Porto Alegre</b>	2,19%	9,04%	3,94 (salários mínimos)
	2,31%	9,80%	5,29 (salários mínimos)

Fonte: Autoras com base nos dados do Observa PoA (2017).

Os indicadores de trabalho e renda do 4º Distrito estão próximos aos indicadores de Porto Alegre. Sobre os domicílios indigentes, ou seja, aqueles domicílios com renda per capita até  $\frac{1}{4}$  do salário mínimo, no 4º Distrito são 2,19% e enquanto que Porto Alegre apresenta 2,31%. Ainda, os domicílios pobres,

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

aqueles que possuem renda per capita de até ½ salário mínimo, no 4º Distrito são 9,04% e Porto Alegre 9,80%. E por fim, no que se refere ao rendimento médio por responsáveis por domicílio, no 4º Distrito a média é de 3,94 salários mínimos abaixo do valor encontrado em Porto Alegre, que é de 5,29 salários mínimos.

Importante destacar que estes dados sobre o rendimento médio por responsável por domicílio, no Observa PoA, apresentam uma série histórica de 10 anos (2000-2010). Em 2000 o rendimento médio por responsável por domicílio na cidade de Porto Alegre era de 9,93 salários mínimos, caindo para 5,29 em 2010, uma piora expressiva de 46,73%. Já no 4º Distrito em 2000 a média era 9,19 salários mínimos por responsável por domicílio, uma piora de 42,87%.

O 4º Distrito foi entre os anos de 1890 e 1945 um forte polo industrial da alimentação, da fiação, da metalurgia e de tecidos, marcado também pela metropolização até 1990 (MASTERPLAN, 2015). Mas depois dos anos 90, com a mudança e saída de algumas grandes empresas da região do 4º Distrito, e conseqüentemente, outras empresas menores ligadas a elas, os grandes galpões foram ficando vazios, e com o passar dos anos, foram se deteriorando. Dessa forma, o 4º Distrito deixou de ser o polo industrial que fora por muitos anos, dependendo apenas dos investimentos do município, que são cada vez mais escassos.

### **O MASTERPLAN DO 4º DISTRITO**

O Masterplan do 4º Distrito, utilizado como base para este estudo, foi elaborado pelo GT executivo do quarto distrito em 2015, que é vinculado a Secretaria de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. O trabalho, apresentou um diagnóstico e as premissas e diretrizes para o Masterplan do 4º Distrito, com enfoque na revitalização urbana e reconversão econômica da área. As questões que nortearam o Masterplan (2015) foram:

- Quais as possibilidades para o 4 distrito?

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

- O que o 4D pode significar para o contexto da cidade?
- Como o 4D pode contribuir para um Projeto de Cidade?
- Como inserir o 4D no contexto século XXI valorizando o contexto local?
- Qual é a imagem do 4D para o futuro?
- Quais os cenários possíveis para o 4D?
- Quais os cenários desejados para o 4D?
- Como desenvolver uma proposta inclusiva?
- Como buscar a adesão dos moradores e da Sociedade?

A partir destas questões, o plano inicialmente apresenta a ideia de uma rede de *clusters*, contemplando as áreas de tecnologia, educação, saúde, habitação, institucionais, econômica e financeira e da indústria criativa. Mas, é com no conceito do *Living Lab*. que o Masterplan apresenta as maiores possibilidades de desenvolvimento do 4º Distrito, sendo este um espaço vivo para o desenvolvimento de pesquisas. A figura 3 demonstra como o 4º Distrito pode ser um laboratório vivo e gerador de inovação territorial.

Figura 3: *Living Lab*: o 4º Distrito



Fonte: [http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu\\_doc/4d2.pdf](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/4d2.pdf)

O que se pode observar no diagrama do *Living Lab*. do 4º Distrito (Figura 3) é a possibilidade de um trabalho colaborativo, em que a pesquisa em um laboratório vivo será a base para o desenvolvimento de inovação territorial. O Masterplan (2015) apresenta ainda algumas premissas já consolidadas, lembrando que o ano de apresentação do plano foi em 2015. São questões sobre urbanismo, novos equipamentos, edificações, mobilidade, incorporação de projetos municipais e estaduais, resiliência e sustentabilidade, segurança, patrimônio e questões sociais, que são foco de reflexão deste estudo e será abordado no próximo capítulo. O Masterplan (2015) está disponível no site oficial da Prefeitura de Porto Alegre.

### **AS QUESTÕES SOCIAIS DO MASTERPLAN DO 4º DISTRITO DE PORTO ALEGRE SOB A PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO**

Segundo Furtado (1984) o desenvolvimento é o excedente dos recursos gerados pela divisão do trabalho, porém, o próprio autor menciona que, a transição da modernização ao desenvolvimento está consolidada na esfera social, pois a acumulação dos recursos excedentes, por si só, não possui probidade para moderar a distribuição de renda ou a direção do excedente. Entende-se que o desenvolvimento está ligado à efetivação das potencialidades do homem, e, portanto, uma sociedade é ponderada como desenvolvida se nela ou dela o homem saciar suas necessidades, acumulando valores que possam ser compartilhados na própria sociedade (FURTADO, 1984). Pimenta (2014) corrobora, destacando que desenvolvimento, enquanto conceito, historicamente está relacionado com teorias de planejamento e de competição econômica.

A luz de Furtado (1984) sobre a endogeneização do desenvolvimento em que se busca “descobrir o caminho da criatividade ao nível dos fins” (FURTADO, 1984,

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

p.118), ou seja, desenvolver-se com baixo nível de acumulação de recursos e conseqüentemente, as desfigurações sociais causadas pela divisão do trabalho, traz possibilidades de expansão e desenvolvimento. Furtado (1984) menciona em seus estudos três modelos de experiências da endogeneização do desenvolvimento: a) a coletivização dos meios de produção, b) a satisfação das necessidades básicas da coletividade e, c) aumento do grau de autonomia externa.

Nesse contexto, destaca-se aqui as questões sociais apresentadas no Masterplan do 4º Distrito, com o objetivo de refletir sobre elas, acerca o desenvolvimento, são elas: a) Ações para resolução dos problemas sociais diversos sociais da região, colaborativamente; b) Aproximação entre instituições de ensino público e privado (do ensino fundamental ao superior), empresas, centros de pesquisa, serviços públicos e privados e ONGs que articulem as tecnologias sociais no contexto da cidade; c) Incorporação dos conceitos de Resiliência; d) Desenvolvimento e reaplicação de tecnologias sociais visando promover a inclusão social; e) Incremento à inclusão digital e à capacitação; f) Incremento à Acessibilidade; g) Formação e desenvolvimento de recursos humanos qualificados; h) Fomento ao empreendedorismo, à inovação e à criação; i) Governança Solidária e Colaborativa; j) Economia Solidária.

Pode-se observar entre as questões sociais apresentadas no Masterplan do 4º Distrito, evidências da endogeneização do desenvolvimento, pois em linhas gerais o plano de ocupação para o 4º Distrito destaca ações colaborativas para a resolução de problemas sociais locais, promovendo a inclusão social, fomentando a inovação e o desenvolvimento da economia solidária. Para Furtado (1984) a coletivização tende a desconstruir a centralização de poder e redefinir a lógica do mercado tradicional, para uma lógica mais ampla refletindo o desenvolvimento. No entendimento do autor, dessa forma, sob os princípios da autogestão (coletivização), abrande-se a possibilidade de acumulação reprodutiva. Ainda, a coletivização torna possível a realização prática da teoria da autogestão

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

(FURTADO, 1984). Outra evidência refere-se à responsabilidade de resolução dos problemas sociais, em que Furtado (1984) menciona ser de ordem política, direcionada para distribuição de renda, a fim de suprir as necessidades básicas (alimentação, saúde, moradia, etc.) da população. Assim, a concepção de endogenia do desenvolvimento está alicerçada no resguardo da própria identidade em meio a unificação do processo civilizatório (FURTADO, 1984, p.124). Também, Pimenta (2014) menciona o que estado tem participação fundamental do desenvolvimento econômico, o que o autor chama de “desenvolvimentos”, ou seja, desenvolvimento para além do econômico, com comprometimento social.

Tais questões sociais apresentadas no Masterplan do 4º Distrito, podem ser refletidas também sobre o que Pimenta (2014) chama de dimensões sociais do desenvolvimento. Para o autor é tema é multidisciplinar sob o ponto de vista sociológico, pois abrange diversos campos de saberes em que os atores sociais são os protagonistas do processo de desenvolvimento de um território específico, valorizando assim, os aspectos sociais, culturais e políticos locais. Ou seja, quando se trata de território, temos que considerar ações de desenvolvimento que envolvam as pessoas que nele habitam e que ali construíram sua história de vida.

Esses valores acumulados e compartilhados na própria sociedade estão ligados diretamente aos itens b e d das questões sociais do Masterplan do 4º Distrito, pois citam as tecnologias sociais. Compreende-se por tecnologias sociais a criação de produtos, métodos ou técnicas construídos coletivamente a partir de uma demanda social e que sejam passíveis de replicação, incitando as transformações sociais (RODRIGUES; BARBIERI, 2008). Assim, a tecnologia social, citada no Masterplan do 4º Distrito pode ser entendida, como resultado de ações colaborativas, geradoras e acumuladoras de valores, que visam a transformação social de e num determinado contexto.

Observa-se que as questões sociais descritas no Masterplan do 4º Distrito, enfatizam a colaboração, a inclusão, a criação, a capacitação, a acessibilidade e também, a economia solidária por meio de ações práticas no e para o 4º Distrito

de Porto Alegre.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi o de refletir algumas das questões sociais descritas no Masterplan do 4º Distrito de Porto Alegre, sob o ponto de vista do desenvolvimento. Observa-se que o 4º Distrito teve sua ascensão industrial entre os anos 1890 a 1945. Já nos anos 90, com a crise no mercado industrial brasileiro, muitas empresas que tinham grandes galpões nos cinco bairros que compõe a área industrial do 4º Distrito, deixaram para trás uma vasta área de abandono e desemprego. A revitalização do 4º Distrito é um projeto discutido há mais de trinta anos, que visa a reconversão econômica da área e a aproximação de novas indústrias, comércio e alternativas de ocupação dos galpões e áreas abandonadas.

No desenvolvimento do 4º Distrito sobre o aspecto social, percebeu-se que a área se encontra com bons indicadores de infraestrutura como o abastecimento de água potável, esgoto adequado, atendimento a energia elétrica e pavimentação. Mas, é difícil de visualizar ações concretas que tenham de fato gerado resultados no que tange o desenvolvimento econômico. Contudo, observa-se que as propostas de reconversão possuem perspectivas para além do econômico, valorizando, dessa forma, os atores sociais daquele território, o 4º Distrito de Porto Alegre.

## REFERÊNCIAS

FURTADO, Celso. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MASTERPLAN. **4º Distrito**: revitalização urbana e reconversão econômica. 2015. Disponível em: [http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu\\_doc/4d.pdf](http://proweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/4d.pdf)> Acesso em: 28 jan 2017.



**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

OBSERVA POA. **Indicadores.** Disponível em:  
<<http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/>> Acesso em: 30 jan 2017.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Tendências do desenvolvimento:** elementos para reflexão sobre as dimensões sociais na contemporaneidade. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. v. 10, n. 3 (número especial), p. 44-66. Disponível em <http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/1471/394> Acesso em: 08 fev 2017.

RODRIGUES, Ivete; BARBIERI, José Carlos. **A emergência da tecnologia social:** revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável. RAP — Rio de Janeiro 42(6):1069-94, nov. /Dez. 2008.

## DESENVOLVIMENTO LOCAL: A EXPERIÊNCIA VILA FLORES

Renata B. Dellamea Ferraz

**RESUMO:** o objetivo do artigo é analisar o centro cultural vila flores no desenvolvimento do 4º distrito de porto alegre. O estudo apresenta uma revisão bibliográfica e análise do case vila flores. Os resultados apontam para uma gestão colaborativa na organização de projetos e parcerias culturais.

**PALAVRAS-CHAVES:** Vila Flores, Desenvolvimento Local, Gestão Cultural.

### INTRODUÇÃO

O 4º. Distrito de Porto Alegre vem tendo iniciativas importantes para fomentar o desenvolvimento da região, seja pelo setor público, privado e comunidade. A região, que por muito tempo se apresentava deprimida economicamente, começou, nos anos 90, a reverter esse processo, através de iniciativas voltadas para o setor de serviços e comércio, e de ações culturais, como é o caso do Centro Cultural Vila Flores.

Gerida pela Associação Vila Flores, a entidade define-se como uma entidade cultural e educacional que promove ações criativas capazes de mobilizar a comunidade do entorno e frequentadores habituais do espaço. O Vila Flores é um local colaborativo importante para o desenvolvimento da região onde oferece seu espaço para empreendimentos inovadores lá se instalem. Por ter um processo de gestão compartilhado onde os associados contribuem permanentemente nas tomadas de decisões, o Vila Flores pode ser considerado um modelo de ação cultural bem-sucedido para a região.

Nesse sentido, o Centro Cultural Vila Flores é o foco de análise desse artigo e para isso, o mesmo está subdividido em três seções, a *primeira* relativa à revisão bibliográfica sobre desenvolvimento e território; a *segunda* apresenta o Centro Cultural Vila Flores, incluindo histórico, gestão e parcerias; e a *terceira*, analisa a forma como a Vila Flores se relaciona com o desenvolvimento local, além das considerações finais.

## DESENVOLVIMENTO E TERRITÓRIO: REFLEXÕES INICIAIS

No artigo “*Em busca do desenvolvimento regional: entre a caixa-preta e o projeto político*”, Boisler (1996) apresenta diversas ideias e novos conceitos sobre os fatores causais do desenvolvimento em escala territorial, e coloca a concepção de desenvolvimento como uma conjugação de três cenários: contextual, estratégico e político. Enquanto o primeiro enfatiza o processo de abertura interna e externa nos territórios, o segundo aponta para uma nova configuração territorial e novas modalidades de gestão regional. No terceiro, o autor destaca a interação entre a modernização do Estado e as novas funções dos governos territoriais. Ou seja, para que um território se desenvolva uma “animação social”, composta de sinergia e informação, deve fazer parte do processo, e isso deve vir “[...] da articulação e das condições de manejo de seis elementos... atores, instituições, cultura, procedimentos, recursos e entorno ” (BOISLER, 1996, p. 137).

Muitos termos serviram para designar essas articulações de sinergia e informação como distrito industrial, polos de desenvolvimento, clusters, arranjos produtivos, ambientes inovadores, sistemas produtivos e arranjos produtivos locais. Com relação a esse último, um arranjo produtivo local é entendido como um grupo de agentes “[...] orquestrados por um grau de institucionalização ... que buscam como finalidade, harmonia, interação e cooperação... no qual há sujeitos com distintos graus de poder e com projetos territoriais diversos...”. (COSTA, 2010, p.127). Essa definição faz com que haja concentração de atividades diversas ou similares ou interdependentes; existência de diferentes portes e natureza de empresa; aumento da capacidade produtiva e competitiva; e aumento dos benefícios aos agentes participantes do arranjo.

No entanto, é importante pensar o desenvolvimento para além dos “novos arranjos do sistema produtivo ou da nova ordem econômica empresarial” e incluir “as estratégias sociais, de sobrevivência e de geração de renda”. Importante

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

pensar o desenvolvimento em dimensões do humano incluindo as ações coletivas, participativas e populares, e valorizar os elementos sociais, históricos e culturais que predominam nas regiões em desenvolvimento (PIMENTA, 2014).

Nesse sentido, os termos território e territorialidade se mostram importantes para o processo de desenvolvimento num sentido mais plural. Território entendido como “um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais”, enquanto que territorialidade tida como “[...] relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas [...] e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado geográfico.” (ALBAGLI, 2004, p. 28)

A territorialidade reflete, portanto, o vivido territorial em toda sua abrangência e em múltiplas dimensões, onde as práticas sociais são reflexos das relações com o meio de referência que pode diferir-se em cada área e articular-se de diferentes formas. Como múltiplas dimensões entendem-se: a física, a política-organizacional, a simbólica e a econômica. A dimensão *física* compreende as características geoecológicas e recursos naturais, enquanto que a política-organizacional se volta para o meio de relações sociais e relações de dominação e poder.

Já a dimensão simbólica engloba as relações culturais e afetivas entre um grupo e lugares particulares, sendo o elemento constitutivo da identidade. Nessa dimensão, o território é produto da formação de identidades individuais e coletivas onde as representações “[...] sociais, imagens, símbolos e mitos projetam-se e materializam-se no espaço, transformando-se em símbolos geográficos, fornecendo referências e modelos comuns aos atores sociais e cristalizando-se uma identidade territorial” (ALBAGLI, 2004, p.40). Ou seja, ao formar uma identidade coletiva no território formam-se as relações com os outros onde a dimensão cultural atua vinculando os indivíduos no espaço. Assim, a cultura é construída no tempo e no espaço, é um comportamento aprendido socialmente, com limitada influencia do ambiente físico.

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Por último, como dimensão *econômica*, entende-se a organização espacial dos processos sociais de produção, consumo e comercialização, onde o território está alicerçado na divisão do trabalho e no processo de acumulação de capital e que difere entre as regiões. No entanto, os papéis das regiões reforçam a intensidade e qualidade das interações locais “[...] como elementos de dinamização dos processos de inovação e de aprendizado, promoção de uma cultura empreendedora e estímulo à cooperação tecnológica, produtiva, comercial entre outras”, ou seja, enfatiza-se o conhecimento coletivo para conduzir o comportamento de uma região em vez da proximidade geográfica entre os agentes. (ALBAGLI, 2004, p. 44). Diante dessas reflexões iniciais, apresenta-se, na seção seguinte, o Centro Cultural Vila Flores.

### **VILA FLORES: GESTÃO E DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Localizada na antiga zona industrial de Porto Alegre, o Vila Flores é um espaço cultural colaborativo importante para o desenvolvimento da região do 4º. Distrito. No século XIX, Porto Alegre organizava-se em distritos e naquela época, a região se destacava por haver uma grande aglomeração de atividades comerciais e industriais, por concentrar o porto fluvial e por atrair centenas de trabalhadores que lá se instalavam em busca de melhores oportunidades de emprego. Por ter sido uma região formada por uma comunidade local de grande diversidade étnica, produto da população local e imigrante, a região “[...] revelou uma identidade própria, produto social transformado... um bairro cidade com alto grau de autonomia e pluralidade” onde os trabalhadores construíram “[...] uma forte noção de identidade permeada por inúmeros fatores sociais de distinção e particularização, mas baseada acima de tudo nas experiências comuns vividas, compartilhadas, preservadas e reelaboradas” (BALTAR, 2010, p. 22).

Muitos prédios serviram como residências para os moradores e trabalhadores na década de 20, como foi o caso do projeto habitacional Vila Flores

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

composto por dois edifícios que totalizavam 2.332m<sup>2</sup> de área construída com 32 apartamentos. No entanto, nos anos 70, a região sofreu com a diminuição das atividades econômicas fazendo com que o poder público se intensificasse “o caráter industrial da região”. A decadência da área já era evidente e os prédios arquitetônicos por mais que possuíssem valor histórico, encontravam-se abandonados e degradados. Diante desse quadro, ao longo da década de 90, diversas iniciativas retomaram as atividades econômicas na região, entre elas o conjunto Vila Flores que, em 2010, iniciou ações para reabilitação do conjunto juntamente com a comunidade local, artistas e coletivos da cidade para que houvessem uma readequação do seu uso como um espaço cultural, núcleo de práticas colaborativas relacionadas à economia criativa com o propósito de revitalização cultural do 4º. Distrito (WALLIG E SIELSKI, 2013).

A Vila Flores, hoje, é uma referência local na realização de atividades socioculturais e educacionais estando localizado em uma Área de Interesse Cultural e pertencente ao Inventário do Patrimônio Cultural de Bens e Imóveis do Bairro Floresta, conforme a classificação do Plano de Desenvolvimento Urbano. Desde 2013, a Associação Cultural Vila Flores é responsável por sua gestão e pela articulação junto ao poder público, iniciativa privada e comunidade local. O conjunto não mais possui moradores nos seus prédios, sendo seu espaço destinado a abrigar artistas, empreendedores criativos e profissionais de diversas áreas como arquitetura, engenharia, design, comunicação, tecnologia, vestuário, teatro, artes entre outros, contribuindo para formar uma identidade própria onde a diversidade cultural existente em seus espaços prevalece. Conforme as regras do espaço, todos os residentes pagam uma mensalidade pelo aluguel de um espaço que varia entre 20 e 25 m<sup>2</sup>, conforme relata a gestora cultural do centro. Interessante apontar, ainda, que os residentes participam ativamente das atividades culturais, desde a discussão e concepção inicial da ideia até apresentação da atividade em si, ou seja, o envolvimento dos residentes ultrapassa a oferta do serviço ou comércio de seus produtos.

## A GESTÃO DA ASSOCIAÇÃO: PRÁTICAS COLABORATIVAS DE DESENVOLVIMENTO

### ESTATUTO

Para conhecer a forma com que o Vila Flores assume para o desenvolvimento local, é importante conhecer um pouco mais sobre a gestão do espaço que, desde 2013, se encontra nas mãos da Associação Vila Flores. Formalmente, entende-se a Associação como uma entidade sem fins econômicos de caráter cultural, recreativo, técnico, educacional ambiental e científico objetivando desenvolver atividades que possam servir de exemplo para toda a sociedade e para o desenvolvimento sustentável.

Para atingir esse objetivo, conta com os associados que classificam em: fundadores, honorários, efetivos e corporativos. Os associados *fundadores* são as pessoas que participaram da ata de inauguração da Associação; os *honorários*, pessoas que tenham se destacado na valorização da cultura e do esporte e que contribuam para os objetivos da entidade; os *efetivos*, pessoas aceitas pela Associação; e os *corporativos*, empresas que exerçam atividades de promoção ou patrocínio a cultura e esportes, bem como instituições de ensino ou pesquisa. Como qualquer outra associação juridicamente constituída, os associados têm direitos e deveres.

Além das contribuições dos associados como fonte de recursos para a manutenção da Associação, os bens móveis e imóveis, as doações e subvenções, e o próprio resultado das atividades desenvolvidas constituem-se como importantes recursos para a entidade. Para que esses recursos sejam administrados de forma eficiente, a estrutura organizacional da entidade também é um ponto de destaque. Nesse aspecto, a Associação está subdividida em Assembleia Geral, Diretoria Executiva, Conselho Consultivo e Conselho Fiscal,

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

cada um com suas competências especificadas. Importante destacar que é o Conselho Consultivo que traça a política da Associação, elencando suas prioridades, programas e ações. Conforme destaca a gestora cultural do Vila Flores, nas reuniões entre os associados, o planejamento é feito de forma conjunta baseando-se em quatro eixos norteadores: arte e cultura; educação; empreendedorismo; e arquitetura e urbanismo.

### **A PARCERIA ESTADUAL: VILA FLORES E O PRÓ-CULTURA DO RS**

Uma das ações importantes da gestão do Vila Flores, foi a iniciativa de concorrer a um edital público para obter recursos que financiassem a continuidade das atividades culturais do espaço. Para isso, foi elaborado, em 2016, pela gestora cultural, o projeto “Vila Flores, uma experiência aberta”, submetido ao Edital Pró-Cultura da Secretaria da Cultura do Rio Grande do Sul objetivando realizar atividades culturais transdisciplinares entre elas oficinas, diálogos com artistas e apresentações artísticas.

Como justificativa para a obtenção de apoio aos recursos do edital, o projeto enfatizou, primeiramente, o esforço para integrar profissionais da área da arte, cultura, educação e empreendedorismo social colaborativo e criativo, oferecendo uma agenda permanente para a comunidade local. Isso é notado pela grande aderência dos moradores locais às iniciativas que são apresentadas pela Associação Vila Flores e pelo “[...] significativo impacto que esta iniciativa tem levado para a região, no sentido de revitalização de um patrimônio histórico, a regeneração urbana do entorno, e do engajamento da comunidade em diálogos sobre espaços de convívio e bens culturais e sociais” (DOCUMENTO INTERNO, 2015, p. 5).

Em segundo lugar, o Vila Flores oportuniza a criação de mercados culturais com ações trans e multidisciplinares dos seus profissionais residentes ou com aqueles que frequentem o espaço. Dentro dessa perspectiva, os produtos culturais



**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

gerados oportunizam a circulação de bens, de pessoas e de ideias que conseqüentemente produzem riqueza e desenvolvimento local. Por fim, as atividades geradas pela Associação se desdobram em formar “[...] redes de negócios criativos... conhecimento do patrimônio histórico, relação entre cultura e educação através do contato com as escolas da região e acessibilidade para públicos que frequentemente não tem acesso a atividades culturais” (DOCUMENTO INTERNO, 2015, p.10).

No projeto “Vila Flores, uma experiência aberta” as atividades se desenvolveriam durante quatro meses de 2016, enfocando diversos aspectos culturais e em diferentes linguagens, onde em cada mês uma temática seria definida para que pudesse “[...] construir conhecimento de forma coletiva, promover o acesso de todos os públicos aos bens culturais e conectar os moradores do bairro e comunidade em geral com a produção dos grupos residentes na Vila Flores” (DOCUMENTO INTERNO, 2015, p. 10). A proposta foi construída pelos convidados e pelos residentes do Vila Flores, a partir da prática recorrente no espaço voltada para a troca constante de saberes entre os grupos.

Com relação à estratégia de divulgação, meios eletrônicos como site, e-mail e redes sociais, além de materiais impressos, faixas e cartazes também foram pensados para aproximar os diferentes públicos no espaço. Como forma de aumentar o poder de difusão da cultura digital, transmissão ao vivo das conversas com os artistas e das oficinas seriam oportunizadas, além da criação de uma plataforma onde os participantes das oficinas apresentariam suas experiências sobre os assuntos abordados.

Quanto à prioridade das vagas nas oficinas e nas conversas, abertas ao público e gratuitas, o projeto reforçava, primeiramente, inscrições para os moradores locais, fazendo com que a aquisição dos bens e serviços culturais pela comunidade mais próxima fosse a maior beneficiária. Também foram previstas visitas guiadas para escolas e universidades, uma vez que as escolas do entorno, públicas ou particulares, participam ativamente das atividades no Vila Flores

### **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

durante o ano, tanto que colocam no seu planejamento pedagógico essa prática. Por fim, quanto à questão social da acessibilidade, as atividades desenvolvidas teriam a participação de profissionais especialistas na inclusão de pessoas com deficiência.

#### **A PARCERIA INTERNACIONAL: VILA FLORES E GOETHE-INSTITUT**

Além da parceria com o Estado, o Vila Flores possui uma relação próxima com o Instituto Goethe, localizado na mesma região. O Instituto Goethe é uma entidade alemã voltada à educação e cultura, pertencente à rede internacional Goethe, tendo como objetivos promover a imagem, apresentar a cultura e língua alemã e inseri-las no sistema educacional brasileiro. Como prioridade, o instituto volta-se a “construir relações pessoais e institucionais entre os cenários culturais na Alemanha e no Brasil” tendo como parceiros o público interessado na cultura alemã, estudantes, universitários, especialistas, tomadores de decisão e formadores de opinião nas áreas de cultura, política, economia, comunicação, pesquisa e ciência.

Imbuído nesse propósito, em 2015, o Instituto, em comemoração aos seus sessenta anos, patrocinou várias atividades culturais, onde a programação foi composta de apresentações de filmes, teatro e música, além de exposições, leituras e mesa redonda com diversos especialistas. Através de um seminário e de uma oficina sobre formas de economias alternativas, o Vila Flores esteve presente. Essa parceria foi parte integrante da mesa redonda “Compartilhar e Trocar – Seminário Internacional de Economia Colaborativa” composta de convidados internacionais e locais que abordaram o tema da economia global e suas alternativas. Conforme a gestora cultural do Vila Flores, o evento foi uma prévia da apresentação para outro evento que aconteceria na Alemanha, o “*Kultursymposium*”. Durante sua realização, o contato com pessoas ligadas a implantação de economias alternativas, e a discussão de questões como “moedas

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

alternativas, novas formas de produção e consumo e reflexões acerca de relações econômicas mais justas e equitativas” foram muito valiosos para aprofundar os conhecimentos e trocas de experiências.

Em 2016, a Vila Flores foi convidada pelo Instituto Goethe a participar do evento “*Comunes – Encontro Internacional de Economias Colaborativas e Cultura Livre*” em Buenos Aires na Argentina. Lá a gestora cultural teve a oportunidade de conhecer iniciativas da Argentina, Colômbia e Venezuela, participar de mesas de debates, realizar uma oficina de projetos colaborativos e visitar espaços culturais sustentáveis. No mesmo ano, a Vila Flores participou do evento “*Kultursymposium*”, em Weimer na Alemanha, sob o tema “*The sharing game: Exchange in culture and society*”, onde foi apresentada a proposta do espaço criado bem como o contato com o tema da economia colaborativa e compartilhada no mundo europeu.

### **O PAPEL DO VILA FLORES NO 4º. DISTRITO**

Diante dessas experiências do Vila Flores, pode-se perceber que o espaço criado se enquadra no que PIMENTA aborda quanto a importância de pensar o desenvolvimento em dimensões do humano e valorizar os elementos sociais, históricos e culturais. O prédio da Vila Flores foi construído, na década de 20, na região do 4º. Distrito onde trabalhadores imigrantes e população local formaram uma diversidade cultural que resultaram numa identidade com alto grau de autonomia e pluralidade, conforme destaca BALTAR.

ALBAGLI coloca que é no território que age um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais, e que na territorialidade o vivido territorial acontece e as práticas sociais são reflexos das relações com o meio de referência. Nesse aspecto, vê-se que a Vila Flores constrói sua trajetória convivendo com a comunidade local e tecendo a participação dos residentes na tomada de decisões e no envolvimento de todas as atividades culturais empreendidas. O estatuto trás a forma como seus associados devem agir, através de seus direitos e deveres.

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Importante mencionar a relação próxima que existe entre a Vila Flores e as escolas do entorno que participam ativamente das atividades culturais e que colocam no seu planejamento pedagógico essa prática social. Soma-se a isso, a parceria da Vila Flores com o Instituto Goethe que oportuniza a participação de representantes do Vila em eventos internacionais permitindo trocar experiências e conviver com outras propostas culturais e sociais.

Como aponta ALBAGLI quanto à dimensão simbólica do território e formação da identidade, percebe-se que a identidade da Vila Flores está associada a cooperação, colaboração e participação. Esses aspectos são evidenciados pela Associação quando da elaboração do projeto submetido ao edital do Estado, que apontava que a Vila Flores se propõe a construir coletivamente seu conhecimento, oportunizando acesso a todos os públicos e aproximando a comunidade local com os grupos residentes na Vila Flores. Ou seja, a prática da Vila Flores se caracteriza pelo intercâmbio de conhecimentos entre os grupos, por ações coletivas, participativas e populares, valorizando os elementos sociais, históricos e culturais locais indo ao encontro do que aborda PIMENTA.

Por fim, ALBAGLI coloca que as interações locais nas regiões são elementos de dinamização dos processos de inovação, aprendizado, cultura empreendedora, cooperação tecnológica, produtiva, comercial entre outras, e pode-se ver que as atividades culturais da Vila Flores geram desdobramentos importantes na criação de redes de negócios, formação de público, conhecimento, educação e acessibilidade. Os produtos culturais gerados tendem a gerar riqueza e desenvolvimento local uma vez que estimulam a circulação de bens, pessoas e ideias.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo analisou o Centro Cultural Vila Flores trazendo uma

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

revisão bibliográfica sobre desenvolvimento local e sobre a capacidade que os territórios de se organizarem. As formas como os mesmos são caracterizados, sejam polos de desenvolvimento ou arranjos produtivos locais entre outras denominações, atestam a dinâmica das relações entre atores, instituições, cultura e procedimentos, e servem para pensar o território numa dimensão mais humana voltada às ações coletivas e históricas.

Nesse aspecto, o Centro Cultural Vila Flores se destaca na região do 4º. Distrito, como um espaço colaborativo onde as ações são construídas de forma compartilhada e cooperada entre seus residentes e comunidade do entorno. A forma como foi constituído historicamente o local, lhe permitiu construir uma identidade própria, refletindo no modelo de gestão adotado. As parcerias feitas, tanto do setor público como privado, criam oportunidades para levar o projeto Vila Flores além das fronteiras locais permitindo conhecer outras iniciativas culturais sustentáveis que sejam importantes para o desenvolvimento dos territórios.

## REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. **Território e Territorialidade**. In: BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo; LAGES, Vinícius N. Territórios em Movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Brasília, Sebrae, 2004.

BALTAR, Lucia Scorza. **O Distrito Cultural: a mudança no imaginário do 4º. Distrito de Porto Alegre**. Monografia. Porto Alegre, Ufgrs, 2015.

BOISIER, Sergio. **Em busca do desenvolvimento regional: entre a caixa-preta e o projeto político**. Planejamento e Políticas Públicas, IPEA. Nº. 13, 1996.

COSTA, Eduardo José Monteiro da. **Arranjos Produtivos Locais, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional**. Brasília DF, Mais Gráfica, 2010.

DOCUMENTO INTERNO. Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, 2015.

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO VILA FLORES, 2014.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Desenvolvimento: temas contemporâneos Tendências do desenvolvimento: elementos para reflexão sobre as dimensões sociais na contemporaneidade.** Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. v. 10, n. 3 (número especial), p. 44-66, set/2014, Taubaté, SP, Brasil. Disponível em: <http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/1471/394>. Acessado em: 3 jan. 2017.

WALLIG, Antonia; SIELSKI, Lucas. **Projeto Vila Flores. Práticas artísticas colaborativas pela revitalização de processos criativos no meio urbano.** Encontro Nacional ANPAP, Belém, 2013.

## REPÚBLICA PARA IDOSOS: POSSIBILIDADE DE IMPLEMENTAÇÃO EM PORTO ALEGRE

Arlete Caye

**RESUMO:** Nas grandes metrópoles a concentração da população com mais de 60 anos tem demandado mudanças na sociedade. O número de instituições asilares e a procura pelos serviços de cuidados ao idoso veem crescendo, em especial pela demanda dos idosos que vivem sozinhos e independentes, neste contexto surgem as Repúblicas para Idosos. Tendo em vista que Porto Alegre é a segunda capital com maior número de idosos e o Quarto Distrito, que abrange cinco bairros e possui uma população que ultrapassa os 59 mil habitantes, dentre estes mais de 9 mil idosos. A partir de modelos de repúblicas para idosos na cidade de Santos, propõe-se a discutir a possibilidade de criação de moradias que atendam as necessidades de pessoas com mais de 60 anos que vivem sozinhas e querem manter sua autonomia na velhice no Quarto Distrito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Idosos, República para idosos, Quarto Distrito.

### INTRODUÇÃO

Os aumentos da população idosa no Brasil vêm acarretando mudanças no cenário urbano. No período de 20 anos o percentual de pessoas com mais de 60 anos dobrou no país, alcançando os 23,5 milhões de idosos (IBGE, 2010). As políticas públicas e o próprio Estatuto do Idoso têm sido utilizados como norteador na busca de melhores condições de vida às pessoas idosas. A fragilidade própria do envelhecimento acarreta maiores cuidados, que até o século passado, eram assumidos pelos familiares, mas uma vez que as taxas de fertilidade vêm caindo, são muitos os idosos que vivem sozinhos e sem familiares próximos ou em condições de atender suas necessidades. Entre os dados analisados no último censo mostraram que as famílias estão diminuindo e cada vez mais pessoas vivem sozinhas, em uma década o número de habitantes por residência caiu de 3,06 para 2,75 em 2010 (IBGE, 2010). A organização mundial da saúde, aponta que o aumento da expectativa de vida está relacionado aos avanços da medicina e a melhora nas condições de saneamento básico (OMS, 2005).

O custo de para arcar com as despesas de uma casa e manter-se pode torna-se uma tarefa difícil, de forma a restringir o acesso da população idosa aos espaços públicos de convivência, tornando está etapa da vida solitária. Desde os

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

anos 90 os governantes veem discutindo as mudanças na sociedade e as transformações necessárias para atender as demandas, instituindo novas políticas sociais. Uma vez que o idoso venha a precisar de cuidados, e não for possível a família cuidar do mesmo sozinha, tanto o setor público será acionado com auxílio de instituições privadas que possam cuidar do ancião (IPEA, 2010).

Neste contexto, a capital gaúcha tendo o maior percentual de idosos do país, conta com inúmeras instituições asilares para atenderem as necessidades desta parcela da população. De modo que o sucesso das repúblicas para idosos, instaladas em cidades como Santos, no estado do Espírito Santo, possam ser discutidas pelos gestores da cidade de Porto Alegre (IBGE,2010; PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, 2017).

Nos últimos anos o movimento de revitalização do Quarto Distrito de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, tem ganhado diversas parcerias além do interesse da comunidade local e governantes. A região do quarto Distrito é composta pelos bairros Floresta, Navegantes, Humaitá, Farrapos e São Geraldo e tem se destacado por concentrar um celeiro de indústrias criativas. A prefeitura da capital promove a discussão do Planejamento Orçamentário conjuntamente com a população, investidores e instituições acadêmicas que visam desenvolver pesquisas que possam diagnosticar e auxiliar na construção de projetos que atendam as necessidades reveladas pelos moradores e comunidade. Buscar formas que possibilitem a revitalização da região engloba a infraestrutura, a cultura e as características locais que os identifiquem. Em síntese o principal interesse de todos os envolvidos prima por melhorar as condições das áreas subutilizadas, que tenham infraestrutura e políticas habitacionais que atendam a população de baixa renda, enfim, tornar a região atraente para a comunidade e empresários (PMPA, 2011).

A implantação de Repúblicas para idosos, pode vir a ser uma forma de atender a crescente demanda por moradia desta parcela da população (OPA PORTAL, 2017). Neste sentido, discutir a possibilidade de implementação de



## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

repúblicas na região do Quarto Distrito pode vir a se uma alternativa de moradia para a população idosa. Sendo, além disso, um projeto de política assertiva no processo de revitalização nos bairros do Quarto Distrito. A criação de moradias compartilhadas para idosos atende também o cuidado com a memória e patrimônio da região, em convívio com os moradores que fizeram parte da história. As políticas sociais de atenção à pessoas idosas tem por vantagens dar assistência necessária aos idosos em situação de vulnerabilidade e que se encontram impossibilitados de proverem por sua própria vida, mas que buscam por qualidade de vida na velhice (IPEA, 2010).

### **REPÚBLICAS PARA IDOSOS**

As repúblicas ficaram conhecidas como um espaço de hospedagem para jovens estudantes e de trabalhadores que se deslocavam de suas cidades de origem. Nos últimos anos a ideia de compartilhamento de espaços tem atraído idosos, que veem as vantagens agregadas em conviver com outras pessoas idosas (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS, 2017). Os valores cobrados, como um aluguel, variam muito, podendo ser um valor simbólico mais gastos de água, luz, alimentação e telefone, isto quando em parceria com a prefeitura, enquanto outras repúblicas os valores variam conforme as possibilidades financeiras, variando entre um ou mais salários mínimos (EL PAÍS, 2016).

Espaços adaptados e aptos para atender as necessidades dos idosos não são fáceis de serem encontrados, em especial em países como o Brasil, que veem buscando, lentamente, adaptar moradias para receber os moradores mais velhos (DORNELES; ELY; PEDROSO, 2006). A popularização de repúblicas para idosos vem ganhando novos adeptos pelo mundo. Na Europa onde os índices de envelhecimento da população veem crescendo nas últimas décadas, de forma que com o aumento do número de idosos, espaços como asilos, condôminos e repúblicas passam a ser uma nova possibilidade de passar a viver. Entre os

### Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

países que oferecem o serviço de repúblicas está a Espanha, onde mais de 79% da população vive nas cidades. O número de idosos veem crescendo e alcançou 17,85% de pessoas com mais de 65 anos (idade mínima para ser considerado idoso em países desenvolvidos, segundo a OMS, 2005) com a expectativa de vida de 81,47 anos e predominância de mulheres (CIA, 2015).

O jornal espanhol El País, de outubro de 2016, traz a reportagem sobre 2 das 8 repúblicas em funcionamento no país. Na cidade de Cuenca, na Espanha, surge um novo empreendimento, onde residem 87 idosos, o local funciona como um condomínio, com a oferta de serviços básicos de saúde e um ambiente adaptado as necessidades dos idosos, mas o grande diferencial diz respeito a independência. Em pesquisa realizada pelo ministério de saúde espanhola, os idosos manifestaram a relutância em viver em uma instituição de longa permanência, mas consideram mais facilmente a mudança para o *cohousing*. Os *cohousing*, surgiram na Dinamarca nos anos 1960 e consistem em comunidades criadas e administradas por seus moradores, oportunizando a troca de experiências e divisão do espaço, tendo como premissa a criação e participação dos futuros moradores na construção do projeto arquitetônico. Neste sistema os espaços adquiridos pelos chamados “sócios” pertencem a uma cooperativa, podendo ser deixado como herança (EL PAÍS, 2016).

Os espaços buscam oferecer diversas atividades, muitas vezes ministradas pelos próprios moradores, desde a aula de tricô a atividades físicas. Um fator importante é a autonomia do idoso, para que este possa desfrutar de toda estrutura. A idade média é de 70 anos, mas os maiores interessados são pessoas mais jovens, na faixa dos 50 anos, pois quanto mais idoso e propenso a enfermidades maiores os cuidados necessários, neste caso sendo encaminhado aos familiares. As cooperativas cobram valores altos, dificultando o acesso, em alguns locais é necessário ter sido recomendado por um morador, uma vez que pregam querer viver a aposentadoria feliz entre amigos, em outras repúblicas é acessível a todos aqueles dispostos a investir os valores cobrados (EL PAÍS,

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

2016).

No Brasil, a primeira república para idosos surgiu na cidade de Santos, no estado de São Paulo, no ano 1995. Santos está localizada no litoral do estado de São Paulo e possui 419.400 mil habitantes, a média de moradores por domicílio é de 2,89, e a população com mais de 60 anos chega a 19,2% segundo dados do IBGE (2010). As repúblicas buscam atender as pessoas com 60 anos ou mais, que se encontram desamparados e necessitam de uma nova opção de moradia. O modelo de residência coletiva tem sido copiado por diversos municípios que implementaram este tipo de serviço para auxiliar os idosos (PMS, 2016).

Da mesma forma que na Espanha, o convívio social entre os residentes é importante, diminuindo os casos de depressão e baixa autoestima, enfim a convivência traz muitos benefícios para os idosos que mantêm suas atividades e suas relações sociais ativas. O acesso à moradia passa por uma entrevista realizada na Secretaria de Assistência Social da cidade de Santos, tendo como requisito básico estar em situação de vulnerabilidade, ter autonomia e renda fixa de uns dois salários mínimos para arcar com as despesas e aluguel, não possuir vínculos familiares e ser morador da Santos. Na cidade há três repúblicas onde residem menos de 30 pessoas com idade mínima de 60 anos, elas devem ter autonomia física e psíquica, uma vez que são os próprios residentes os responsáveis pelas tarefas diárias de limpeza e manutenção das casas (A TRIBUNA, 2014).

A procura por vagas nestas repúblicas alimenta uma lista de esperas longa, pois a vaga surge com o falecimento do residente ou a transferência deste para outro espaço. A prefeitura gesta as listas de espera que chega a ultrapassar o número de vagas ofertadas no município, tendo prazo indeterminado para ser atendida, mas a prioridade tende a ser para o idoso em condição de maior vulnerabilidade (A TRIBUNA, 2014). A gestão das moradias fica a critério dos próprios moradores que decidem internamente como irão dividir as tarefas e responsabilidades, cabe a cada idoso pagar um aluguel simbólico e se

responsabilizar por sua alimentação.

## **O QUARTO DISTRITO**

A capital gaúcha, Porto Alegre, tem assistido o crescimento de seus bairros e discutido a gestão dos mesmos. Entre estes se encontra o processo de revitalização do Quarto Distrito, região que compreende os bairros Floresta, Navegantes, São Geraldo, Humaitá e Farrapos. O interesse nesta região estende-se além da prefeitura, sendo fonte de estudos no meio acadêmico, por especuladores imobiliários, pelos próprios moradores e defensores do patrimônio histórico. Para Tilton (2012), 4º Distrito significa “a área atingida pelo processo integrado de urbanização e industrialização a partir dos bairros Navegantes e São João e que, no final dos anos de 1950, abarcaria praticamente metade da superfície da capital” (TITTON, 2012, p. 207). Segundo o censo de 2010 a região do Quarto Distrito contava com 59.192 moradores, representando 4,19 % do total dos 1.409.351 habitantes de Porto Alegre.

A região do 4º Distrito passou de um espaço economicamente ativo e desenvolvido até meados de 1970, para um estado de abandono e descaso, a saída de fábricas e das atividades portuárias sendo transferidas para o porto de Rio Grande, provocou mudanças na região, ocorrendo um esvaziamento dos bairros, que também conviviam com as inundações. A falta de projetos de revitalização por parte dos governantes, nas últimas décadas, agravou a situação dos bairros, são diversos os imóveis abandonados e tantos outros negligenciados pelos proprietários, e as grandes empresas deixando a mercê do tempo a degradação dos seus bens imóveis. Atualmente ainda há inúmeros imóveis desocupados e degradados. As atividades fabris quase inexistem, o que também contribui para a pouca oferta de transporte público e de equipamentos de lazer, tendo os espaços ocupados por profissionais do sexo e usuários de drogas, e alguns pontos passando por um processo de favelização (TITTON, 2012).

### Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

A partir do estudo demográfico da região do Quarto Distrito de Porto Alegre, verificou-se que a população com 60 anos ou mais aumentou 32% 9 em relação ao dado do ano de 2000, alcançando 211.896 mil habitantes. Tendo a região Humaitá/ Navegantes 13,15% dos moradores idosos, e os bairros com maior crescimento populacional nesta década o bairro Floresta, Humaitá e Farrapos e já os bairros Navegantes e São Geraldo apresentaram um decréscimo populacional.

Tabela 1 - Indicadores de população idosa do 4º Distrito

Bairros	Pop. Idosos (60 ou mais)			Pop. total		
	2000	2010		2000	2010	
<b>Floresta</b>	3.097 20,07%	3.526 21,92%	Maior 8,44%	15.493	16.085	Maior 3,68%
<b>Navegantes</b>	768 18,51%	752 18,75%	Maior 1,28%	4.160	4.011	Menor 3,58%
<b>Humaitá</b>	649 6,36%	1.167 10,23%	Maior 37,83%	10.293	11.404	Maior 9,74%
<b>Farrapos</b>	968 17,65%	1.821 9,59%	Menor 45,67%	17.083	18.986	Maior 10,02%
<b>São Geraldo</b>	1.761 19,39%	1.921 22,07%	Maior 12,14%	9.135	8.706	Menor 4,70%

Fonte: IBGE – Censo 2010 e Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

Com relação a população idosa total da capital também houve um aumento, passando 11,80% para 15,04% em 2010, segundos dados do IBGE (2010), tornando Porto Alegre a segunda cidade com maior concentração de idosos, ficando atrás da cidade do Rio de Janeiro. Juntamente com o crescimento da população com mais de 60 anos há o aumento de pessoas que residem sozinhas, fenômeno que veem ganhando força em todo mundo, e principalmente nos grandes centros urbano. No Brasil, os fatores que contribuíram para o aumento das unidades domésticas unipessoais acaba sendo uma combinação de indicadores, entre eles o aumento da expectativa de vida, muitos vindo a morar sozinhos, a verticalização das cidades, com oferta de moradias cada vez menos e mais práticas. A individualização das pessoas e aumento de separações conjugais

### Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

são fatores que contribuíram para o aumento de moradias habitadas por uma pessoa. Porto Alegre apresenta o maior número de pessoas que vivem sozinhas, com 21,6%, em segundo lugar fica o Rio de Janeiro com 17,5%, sendo a média nacional em 2010 segundo o IBGE (2010) de 12,1%.

Outro dado relevante apresentado é a queda do rendimento médio dos responsáveis por domicílios, dados disponíveis no portal Observa Poa, demonstram que a média da cidade caiu de 9,93 para 5,29, enquanto para a população residente na região Humaitá/Navegantes em 2000 a média era de 6,01 salários por pessoa responsável por domicílio, em 2010 a média ficou em 3,21, tendo em vista que o quarto distrito alcançou a média de 3,95, conforme tabela a baixo. Outro fator que pode ser considerado é a escolaridade média dos responsáveis pelo domicílio, em 2000 a região ficou com a média em 7,97 anos de estudo, tendo como expectativa de escolaridade em 2010, 10,29 anos de estudo:

Tabela 2 – Educação e Renda

Bairro	Analfabetismo 15 anos ou mais	Renda média dos responsáveis pelo domicílio	População urbana em favelas
Floresta	1,24%	6,00 salários mínimos	0
Navegantes	1,03%	3,54 salários mínimos	0
Humaitá	1,84%	3,90 salários mínimos	11,3%
Farrapos	4,31%	2,03 salários mínimos	41,0%
São Geraldo	0,85%	4,31 salários mínimos	0

Fonte: IBGE – Censo 2010 e Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Tendo analisado os dados apresentados, propõe-se a buscar novas propostas para atender a demanda da crescente população idosa na capital visando inovar, com a possibilidade de implementação de uma República para idosos na região do Quarto Distrito. Tendo em vista que nos últimos anos diversos movimentos tanto por parte da população como de governantes e investidores,

### **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

buscando discutir formas de revitalizar a região, formando parcerias com indústrias criativas e empreendimentos culturais que estimulem o crescimento econômico e revitalização do patrimônio local (PMPA, 2011).

O movimento conjunto de alguns empreendedores, grupos de pessoas da comunidade, grupos de estudos, além de ter o apoio da prefeitura de Porto Alegre para a efetivação de algumas atividades, tem auxiliado a mudar a percepção da população sobre a região. Alguns empreendimentos como *hostels*, indústrias criativas e espaços revitalizados como o Vila Flores, considerado um patrimônio histórico e cultural da cidade, hoje abrigando profissionais de arquitetura, artistas, designers, entre outros que movimentam a economia do espaço, viabilizando a manutenção dos prédios antigos. As associações dos bairros têm tido um papel fundamental na busca por alternativas que promovam o desenvolvimento econômico e cultural da região, atraindo desta forma a população regional (OBSERVATÓRIO POA, 2017; PMPA, 2011).

A própria comunidade demonstra interesse nas ações e busca se organizar em associações, participando de assembleias de orçamento participativo cobrando por melhorias estruturais e políticas assertivas na região, com o intuito de melhorar o índice de desenvolvimento humano, diminuição da violência e marginalização dos moradores. Da mesma forma buscando parcerias que incluam a comunidade, exemplo disto seria a participação dos idosos na pesquisa histórica dos bairros, a passagem do tempo retratado por aqueles que fizeram parte da região. A oferta de residências adaptadas e próprias para atender as necessidades dos idosos, podendo se beneficiar de projetos de revitalização dos bairros (OBSERVATÓRIO POA, 2017; PMPA, 2011).

A Organização Mundial da Saúde lançou em 2008 o Guia Global: Cidade Amiga do Idoso (OMS, 2008), onde discute as transformações no planeta, unindo saberes de diversas áreas, entre elas urbanistas, sociólogos, saúde, etc., discutindo maneiras de as cidades implantarem medidas que a tornem mais amigas dos idosos. O estudo discute entrevistas realizadas com idosos de 33

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

idades de diversos países, de forma a trazer a opinião dos anciões sobre as transformações e as melhorias desejadas, buscando sensibilizar os gestores públicos para as questões do envelhecimento humano, criando um guia prático que pode ser adotado para iniciar as mudanças necessárias nas cidades, melhorando as construções e acessos na área urbana (OMS, 2008).

As sugestões de adaptações e tantas outras considerações, que podem ser adotadas como norma em novos empreendimentos e espaços urbanos, têm servido de pauta entre gestores e estudiosos, uma vez que, a própria OMS discute questões de qualidade de vida e sugere ações viáveis e planejáveis para as mais diversas realidades do planeta.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O cenário urbano da cidade de Porto Alegre e mais especificamente a região do Quarto Distrito apresenta uns grandes números de idosos, tendo expectativas de crescer cada vez mais, sendo importante neste momento, pensar no futuro, em novas maneiras de atender esta parcela da população. Despertar o interesse de gestores para a questão do envelhecimento mostra-se extremamente pertinente e necessário.

A partir das informações analisadas e apresentadas acerca das repúblicas para idosos e a viabilidade de implementação da mesma na região do Quarto Distrito de Porto Alegre, o empreendimento mostra-se viável à região que busca conjuntamente com órgãos políticos e a comunidade revitalizar a antiga zona industrial da capital. Os benefícios que uma república trás para os idosos que vivem em situação de vulnerabilidade e sem os cuidados familiares, passam a conviver e desenvolver atividades que os estimulam a socialização com o meio onde vivem.

O uso de residências inabitadas pode ser utilizado em benefício da



## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

comunidade, as parcerias entre público e privado, torna o projeto de moradias coletivas viável tanto para prefeitura ao ceder um imóvel como para os idosos manterem-se independentes e ativos. Portanto a sugestão de projetos sociais que promovam o bem-estar da população dos idosos, com acesso a moradia e lazer tendem a contribuir com os projetos de revitalização da região.

### REFERÊNCIAS

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sp.html>>. Acesso em jan. 2017.

DORNELES, V. G.; ELY, V. H. M. B.; PEDROSO, E. S. R. A inserção do idoso no espaço público urbano. **ENTAC**, Florianópolis, SC, 2006. EL PAIS. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/internacional/1476113070\\_376172.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/internacional/1476113070_376172.html)>. Acesso em: jan. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em 18 de jan. de 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Perspectivas do desenvolvimento brasileiro**. Brasília: Ipea, 2010.

OBSERVATÓRIO POA. Disponível em: <<http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?regioes=2,0,0>>. Acesso em: jan. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília, Organização Pan-Americana da Saúde. 2005. Disponível em: <http://www.who.int/countries/bra/es/>. Acesso em: jan. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Guia Global: Cidade Amiga do Idoso**. Genebra, Organização Mundial da Saúde. 2008. Disponível em: <<http://www.who.int/ageing/GuiaAFCPortuguese.pdf>>. Acesso em: jan. 2017.

PORTO ALEGRE – PMPA. Secretaria do Planejamento Municipal. **Plano diretor de desenvolvimento urbano e ambiental de Porto Alegre (PDDUA)**. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <[http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu\\_doc/planodiretortexto.pdf](http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/spm/usu_doc/planodiretortexto.pdf)>

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

>. Acesso em dez. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL PORTO ALEGRE. Disponível em:  
<<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/>>. Acesso em: jan. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTOS. **República de idosos**. Disponível em:  
<<http://www.santos.sp.gov.br/?q=tags/rep-blica-de-idosos>>. Acesso em: jan. 2017.

REPÚBLICA PARA IDOSOS: você já ouviu falar sobre isso? **Opa Portal**.  
Disponível em: <<http://opaportal.com.br/site/fiquesabendo/republica-para-idosos/>>  
Acesso em: jan. 2017.

TITTON, C. P. **Reestruturação produtiva e reestruturação urbana**: o caso do IV distrito e Porto Alegre. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

## **A TRANSMISSÃO CULTURAL E SEUS POSSÍVEIS IMPACTOS ECONÔMICOS EM UM RESTAURANTE ÉTNICO FAMILIAR DE PORTO ALEGRE: UM ESTUDO DE CASO**

**Luciano Lunkes**

**RESUMO:** É sabido, entre os economistas, que a economia global se desenvolve de maneira irregular entre as diferentes regiões do planeta. Parte do problema advém das complexas relações entre economia e cultura. O presente artigo analisa e compara um empreendimento étnico transgeracional de sucesso na capital gaúcha a partir de um estudo realizado por pesquisadores italianos, que investigou como culturas de base entre imigrantes europeus e americanos afetam suas decisões econômicas independentemente do contexto cultural e econômico do país de adoção. Uma vez que o empreendimento gaúcho se encontra em um espaço econômico e cultural consideravelmente distinto daqueles averiguados pelos pesquisadores italianos, creio que comparações entre as duas realidades possam, de certa forma, contribuir com os demais estudos que justapõem os campos da cultura, suas formas de transmissão e economia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Economia, Cultura, Transmissão Cultural, Desenvolvimento, Restaurante Étnico.

### **INTRODUÇÃO**

Se, por um lado, a economia de alguns países tem se desenvolvido de forma sistemática e robusta através dos tempos, na contramão, permanece estagnado em determinadas regiões do planeta. Embora alguns padrões econômicos possam elucidar, a partir de algumas variáveis, parte das diferenças entre essas regiões, a outra parcela do problema permaneceu sem explicações palpáveis por muito tempo. Os economistas, com raras exceções e até recentemente, demonstraram-se resistentes em reconhecer fatores de causalidade entre economia e cultura. Entretanto, a partir da década de oitenta, avanços no campo econômico impuseram um novo olhar sobre esse paradigma. Sabe-se hoje que a cultura exerce um forte impacto sobre resultados econômicos e vice-versa. “Cultura e economia caminham juntas” é a conclusão do estudo *Does Culture Affect Economic Outcomes?* De autoria dos cientistas econômicos Luigi Guiso, Paola Sapienza e Luigi Zingales (2006).

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Na pesquisa, os economistas italianos propuseram-se a investigar, em várias regiões da Europa e do EUA, os hábitos de famílias de imigrantes, para verificar de que maneira suas culturas de base - herdadas e transmitidas - afetam suas decisões econômicas; escolhas que podem, em muitos casos, replicar-se por gerações, independentemente do contexto econômico do país de adoção. A pesquisa evidenciou que o comportamento dessas amostras fornece pistas inequívocas de que a cultura herdada pode desempenhar um papel central na formatação das economias nas quais esses grupos encontram-se inseridos. Entretanto, para viabilizar suas análises, os pesquisadores consideraram necessário um estreitamento do conceito de cultura, considerado demasiado amplo e vago e, por isso, um fator impeditivo para a identificação dos prováveis elos existentes entre cultura e economia.

Definido como um “conjunto de crenças e valores que os grupos sociais, étnicos e religiosos transmitem de forma praticamente inalterada de geração em geração” (2006), o conceito de cultura proposto delineou o questionamento central da pesquisa: quais seriam as atitudes, crenças e valores herdados e transmitidos capazes de produzir efeitos nos resultados econômicos? Tomando a definição de cultura proposta ao pé da letra e concentrando-se somente nos pressupostos étnicos e religiosos transmitidos de forma involuntária, desconsiderando aqueles acumulados voluntariamente, os pesquisadores concluíram que imigrantes advindos de regiões cujos “bons” valores culturais (TABELLINI, 2005) são mais elevados apresentam maior impacto positivo em seus resultados econômicos. Os “bons valores” ressaltados são, respectivamente, confiança, parcimônia, educação, trabalho, moralidade generalizada e obediência (um valor considerado negativo por alguns economistas).

A partir do que foi exposto, o presente artigo tem por objetivo principal analisar um empreendimento étnico transgeracional de sucesso na capital gaúcha, tomando a pesquisa Does Culture Affect Economic Outcomes, como referencial teórico e ponto de partida. As principais questões que guiarão as análises serão,

### **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

primeiramente, alguns aspectos da transmissão cultural na cultura organizacional da empresa familiar que surgiram durante a coleta de dados. Serão também levados em conta a existência (ou inexistência) dos mesmos valores levantados pelos teóricos acima e seus possíveis impactos sobre a realidade material do grupo empreendedor gaúcho. Uma vez que o referido estabelecimento está localizado em um espaço geográfico, político, econômico, social e cultural consideravelmente distinto daqueles averiguados pelos pesquisadores italianos, creio que as comparações entre as duas realidades possam, de certa forma, contribuir com os demais estudos que justapõem os campos da cultura, suas formas de transmissão e economia.

O presente estudo se caracteriza como uma investigação de natureza qualitativa, cuja coleta dos dados foi obtida a partir dos seguintes instrumentos: observação *in loco*, análise documental (entrevistas de jornais, matérias em revistas online e trabalhos acadêmicos) e entrevista semiestruturada com R. B., uma integrante da segunda geração da família, que se encontra atualmente à frente do negócio em concomitância com seu fundador, fato que evidencia um processo de sucessão geracional em andamento e que envolve, neste caso em particular, a transmissão de uma herança cultural familiar desdobrada em duas perspectivas distintas, porém interligadas: de um lado, o *know-how* empresarial, adquirido no percurso de uma geração e, de outro, o patrimônio étnico e simbólico - e substrato da economia familiar - acumulado no transcorrer de várias gerações. Para atingir os objetivos propostos, faz-se necessário ressaltar que as análises deste trabalho serão pautadas única e exclusivamente pela perspectiva proposta pelos economistas aqui mencionados sobre cultura, desconsiderando, assim, outros referenciais teóricos de campos do saber como a sociologia, a antropologia e os estudos culturais, para exemplificar alguns.

### **O RATSHELLER-BAUMBACH: TRANSMITINDO UMA BREVE HISTÓRIA**

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

A história do Ratskeller-Baumbach, segundo a página oficial do restaurante disponibilizada na rede e o trabalho acadêmico de Rekowsky (2013), começou com o Restaurante Tiroleza de São Leopoldo, no início dos anos 1960, quando Orlando e Vera trabalhavam auxiliando a proprietária do estabelecimento, uma berlinense radicada no Brasil. A alemã, descendente de uma família tradicional no ramo da gastronomia na Alemanha, tinha como prática convidar moças e rapazes do interior do estado para trabalhar em seu restaurante. O casal protagonista se conheceu no Tiroleza. Ele desempenhava as funções de copeiro, auxiliar de garçom e garçom, atividades que conciliava com o ofício de marcenaria. Ela, inicialmente, trabalhou como auxiliar de limpeza, subindo de posto, com o passar do tempo, para as posições de auxiliar de cozinha e, finalmente, de cozinheira.

Em 1966, já casados, Orlando e Vera passam a trabalhar no recém-inaugurado Minigolfe de Gramado, onde o Sr. Orlando havia prestado anteriormente serviços de marcenaria. Permaneceram em suas posições até o ano seguinte, quando, em parceria com outros dois sócios do Minigolfe, fundam o Ratskeller, um restaurante alemão, localizado em uma zona da capital gaúcha cuja predominância de imigrantes operários ocorria devido ao seu atrativo polo industrial, a saber, o IV distrito de Porto Alegre.

Em 1982, o sonho da família Baumbach começa a sair do papel. Com muito esforço, teve início a construção do Restaurante Baumbach, no bairro São Geraldo, localizado também no quarto distrito. Inaugurado sete anos mais tarde, o Baumbach conquistou uma clientela fiel e assídua.

A partir do ano de 1995, o Baumbach passa a receber menções dos mais importantes guias gastronômicos do país, dentre eles, o Guia 4 Rodas, a Revista Veja e a prestigiada Revista Gula. Aliando a tradição de um restaurante ao reconhecimento de outro, o Baumbach passa a se chamar Ratskeller Baumbach.

## HISTÓRIAS FAMILIARES: VIAS EFICIENTES DE TRANSMISSÃO CULTURAL

Para aqueles que vivenciaram um processo tão radical quanto o de transplantar a si e a seus descendentes para outra cultura, a família passa a ser, afirmam Daure e Reveyrand-Coulon (2009), além de o único espaço de transmissão cultural, a unidade representativa tradições do país de origem. Para assegurar o futuro, faz-se então primordial e necessário falar de um passado familiar. Uma vez que a continuidade do eu-coletivo é um dos ativos que está particularmente em jogo nos deslocamentos transculturais, a transmissão do legado-base assumirá, neste caso em especial, uma função vital, aquela de não permitir que o feixe genealógico, atado por uma amarra culturalmente de codificável e, portanto, identificante, se rompa e se desintegre. A construção de uma história cultural familiar, então, passível de ser replicada, será uma maneira de assegurar - e revigorar - parte do corpo coletivo e de seu modo singular de ser no mundo:

O pai é sedento. Ele sempre foi muito ligado à genealogia da família, aos fatos da imigração, aos nossos antepassados lá na Alemanha. Sim, ele conta muitas histórias da nossa família. Ele é da terceira geração aqui no Brasil. Quer saber tudo sobre a nossa origem. Foi até à Alemanha e procurou parentes por lá (R.B., 2017).

A transmissão, segundo Candau (2016), é a mobilização da memória. No entanto, para além de meras recordações paliativas de um passado que existe apenas nas lembranças daqueles que o viveram - ou herdaram imagens dele de forma passiva - e encontram-se distanciados de seu tempo e espaço, as histórias familiares dos imigrantes têm a função de transmitir, aos descendentes, um legado de pressupostos, de valores e de crenças que os ascendentes consideram importantes e que gostariam de ver replicados nas novas filiais de suas matrizes. Ao refletir sobre os valores da cultura de seus antepassados que seriam ainda atuantes no grupo familiar, com ressonâncias visíveis no modo de gestão e consequente sucesso de seu empreendimento, R. B. não hesita: “perseverança,

### **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

disciplina acima de tudo, trabalho duro e fé, não em um Deus em si, mas sim, naquele que, lá dentro”, aponta para o próprio peito, “trabalha junto com você”, evidenciando alguns dos “bons” valores levantados no estudo dos economistas italianos. Não deixa de me chamar atenção a ênfase dada à importância do imbricamento quase indissociável entre o trabalho da fé e a fé no trabalho, uma herança cultural alemã decisiva que, segundo R. B., herdou de seu pai católico e faz questão de transmitir aos filhos.

### **O MITO DO EMPREENDEDOR FUNDADOR**

As histórias dos empreendimentos de gestão familiar, afirmam Pereira, Vieira, Garcia e Roscoe (2013), são tecidas ao redor da persona do fundador. Ele é a empresa em si, e as narrativas familiares mesclam-se com a biografia dele e com as memórias da edificação do negócio familiar. O fundador agrega, congrega e determina as direções em torno das quais todos os integrantes do bloco familiar e empresarial permanecem unidos. Ele catalisa os feitos e os efeitos da própria família e da empresa, afirmam os pesquisadores. Nesse sentido, ele é o próprio mito.

Há, no campo da administração, uma significativa literatura que demonstra que os contornos da cultura organizacional das empresas familiares são traçados pelos valores, crenças, práticas, elementos simbólicos e comportamentais de seu fundador, que são replicados pelos demais membros da organização. O grau de sucesso alcançado pelo binômio “criador&criatura”, nesse sentido, será determinante para a medida de sucesso da transmissão e para a assimilação desses ingredientes constituintes.

Para Fleury e Fleury (1997), pode-se melhor compreender os valores mais profundos de uma empresa através da observação de suas práticas e comportamentos organizacionais, dos produtos criados, das histórias contadas e



**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

recontadas sobre seus mitos e heróis. São esses dados que descortinam a cultura institucional no seu nível mais íntimo e enraizado. Entender, então, a dinâmica de uma organização familiar e as razões de seu sucesso ou de seu fracasso é estar ciente também do perfil de seu fundador e da aura que o cerca, pois, os efeitos de sua presença - ou ausência - poderão permanecer atuantes por gerações posteriores à sua existência. R.B. (2017), ao descrever de seu pai, evidencia as bases e os contornos da cultura empresarial familiar:

Meu pai é uma pessoa de fé. O livro de cabeceira dele é, até hoje, a Bíblia. Foram as circunstâncias e a fé que o levaram a arriscar e a empreender. Além disso, ele sempre quis ser dono do próprio nariz. Construiu esse negócio aqui na teimosia e na raça. Como ele próprio era um marceneiro, construiu essa casa do zero (o restaurante). O trabalho sempre foi a cachaça dele. Ele ama isso aqui. Nunca sentiu os custos de uma vida inteira dedicada a isso. No começo, ele adquiriu um terreno aqui, para começar. Foi construindo e comprando os terrenos ao lado, aos poucos. Hoje só falta o terreno da outra esquina para completar o quarteirão. Meu pai é um homem visionário, uma pessoa obstinada, perseverante, trabalhadora, além de um excelente estrategista. Foi sempre uma pessoa curiosa, inteligente e intuitiva. Queria saber sobre tudo. E fez somente o primeiro ano do primário. Se tivesse estudado, imagino que hoje ele seria um excelente arquiteto. Minha mãe estudou até o terceiro ano. Ela fala o *Hochdeutsch*. Mas meu pai não. Ele só aprendeu o *Hunsrück*. Ele tem ressentimento por não ter tido a oportunidade de ter uma educação mais formal. Às vezes, se chateia por isso e eu o consolo. Faço ele ver tudo o que conquistou. É, de fato, uma façanha para poucos. Temos muito orgulho dele (R.B., 2017).

Para Candau, a eficácia da transferência de um legado, ou ainda, a “reprodução de uma visão de mundo, de um princípio de ordem, de modos de inteligibilidade da vida social” (CANDAU, 2016, p. 124) pressupõe a presença de “produtores autorizados” da memória que se quer transmitir. Na medida em que essas “autoridades” passam a ser legitimadas pelos “receptores” como os detentores da memória pura e fidedigna, a transmissão cultural, segundo ele, assegurará a reprodução de memórias fortes. Candau (2016) acrescenta ainda que, por fim, a transmissão é ambos, emissão e recepção. No entanto, afirmo que, mais do que a incompletude de uma “emissão receptada”, o processo da

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

transmissão será uma ação de fato efetiva enquanto apenas “recepção reemitida”, pois é somente na qualidade de um repasse que o processo de “levar a coisa adiante” se completa em sua microestrutura e se reproduz em cadeia.

É perceptível que a cultura organizacional do Ratskeller-Baumbach está baseada na figura central (e de certa forma mitológica) de seu fundador. No cotidiano da empresa ou em situações que ameaçam a estabilidade do empreendimento, ele é, certamente, uma figura referencial para a manutenção dos propósitos e da cultura empresarial por ele criada. Enquanto os descendentes se reconhecerem na figura do fundador e nele vislumbrarem a imagem de um produtor autorizado das memórias familiares e institucionais, os feitos e efeitos de seu legado, se propagados em cadeia, estarão salvaguardados, pelo menos em parte.

### **COMO TRANSMITIR: QUANDO A TRANSMISSÃO IMPÕE TRADUÇÃO**

Em um modelo familiar multicultural, as gerações mais diretamente afetadas pela ação migratória vivem em um contexto diferente umas das outras, inscrevendo-se cada uma em um universo cultural que a outra não domina. Para Daure e Reveyrand-Coulon (2009), os pais são os representantes da cultura do país de origem e os filhos, da cultura do novo país. Frente ao impasse, cabe, frequentemente, à primeira geração nascida dentro do novo sistema cultural, o trabalho de traduzir seus ascendentes às gerações seguintes, tornando o material a ser traduzido, como em todo trabalho de tradução, mais assimilável aos membros mais novos e, portanto, passível de reprodução e repasses. Quando indagada sobre um possível senso de responsabilidade de sua parte pela transmissão da herança empreendedora e cultural familiar, R. B. responde positiva e enfaticamente:

Meu filho às vezes não entende meu pai. Tenho, então, que explicar o avô a ele. Então, eu faço o meio de campo entre avô e neto. [...]. Estou

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

ciente de meu papel de transmitir aos meus filhos o legado de meu pai. Esta, nem sempre, é uma tarefa fácil (R.B., 2017).

Embora o pai de R. B. seja um integrante da terceira geração de imigrantes alemães no sul do Brasil, os mesmos preceitos tradutórios se fazem ainda necessários. Em seu estudo sobre a transmissão cultural entre imigrantes, Daure e Reveyrand-Coulon (2009) afirmam que os paradoxos entre ambas as culturas, a de origem e a de chegada do imigrante, impõem, à família, a construção de estratégias de adaptação com a função de reduzir as tensões e moderar os conflitos provocados pelas diferenças culturais como forma de resistência (pode ser inconsciente) à assimilação. Assimilar, explicam, traduz-se em esquecer, em anular certos traços culturais de base como tática de adaptação no novo ambiente. Esse processo de “troca de pele” ou de apenas partes do “tecido epidérmico” - que é, por fim, a assimilação - torna-se mais natural e imperceptível à medida em que as gerações seguintes à pioneira vão se distanciando dela. Enquanto as gerações avançam, o mecanismo cultural tradutório enfraquece até tornar-se, possivelmente, obsoleto.

### **“PAIS RICOS, FILHOS NOBRES, NETOS POBRES”: A TRANSMISSÃO E OS AJUSTES DA SUCESSÃO**

As várias definições de empresa familiar, presentes na literatura, segundo Casillas, Vázquez e Díaz (2007), giram em torno de três fatores principais, a saber: o controle sobre a empresa; o poder que a família exerce sobre a empresa; e a inclusão de seus membros na gestão do negócio, com o intuito de prepará-los para a transmissão, ou ainda, a sucessão do empreendimento. Os processos sucessórios lembram os autores, abarcam a entrada dos familiares no negócio, sua imersão na cultura e no processo de trabalho. Os conteúdos são transmitidos e a assimilação necessária é gradativa. O aprendizado extrapola o local de

### Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

trabalho, envolvendo pais e filhos em um constante processo de partilhas e trocas, que estreitam os laços tanto afetivos quanto de trabalho. A participação infantil ou prematura em certas zonas de trabalho é incentivada, pois inspiram uma conduta empreendedora:

Meu pai tem uma sombra que paira sobre ele. É um ditado que existe em mais de 120 línguas, segundo ele, e que diz o seguinte: “pais ricos, filhos nobres, netos pobres”. Isso é o terror do meu pai. Ele morre de medo. A sucessão é, sim, uma preocupação real na família. [...]. Espero que meus filhos fiquem no negócio. O avô aposta muito no talento olfativo do mais novo, mas ele é ainda muito novo. Meu outro filho, o mais velho, já tocava piano aqui no restaurante nas terças e nas sextas à noite. [...]. Um dia, ele quis trabalhar no restaurante. Ele já cozinhava em casa. Aceitei com a condição de que ele começasse por baixo, como um auxiliar. Tinha que aprender a descascar batatas, a lavar panelas, a aprender a cortar os vegetais, essas coisas iniciais. Inscrevi ele para fazer aulas de gastronomia. Hoje, ele pilota o forno combinado, ultramoderno e alemão, que compramos. As gurias da cozinha - não tenho um chef - não têm lá muita instrução. Como o forno é todo computadorizado, meu filho assumiu o forno. Pouco a pouco ele chegará lá. Neste semestre, vai para a Londres fazer um estágio em um restaurante cujo *chef* de cozinha é um gaúcho. Ele tem que fazer o que eu não consegui fazer. Sou da segunda geração. Eu não tive essa oportunidade. A terceira tem que fazer, né? (R.B., 2017).

Me preocupo com meu filho aqui no restaurante, quando ele vem com ideias mirabolantes. Eu meio que seguro ele. Dou uns cortes: “Ah, mas você acha que, com o preço do filé, dá para servir esse prato?”, como se o custo do filé que coloco na mesa do cliente se resumisse apenas ao custo da carne. Tenho, então, que ensinar para ele que não vendemos produtos. Vendemos serviço (R.B., 2017).

Embora o mito do fundador tenha o papel central na criação da cultura organizacional de empresas familiares, muitas delas ainda se renovam quando o futuro sucessor participa juntamente com o antecessor na tomada de decisões, condição necessária, segundo Casillas, Vázquez e Díaz (2007), para que a autonomia e a pró-atividade dos futuros empreendedores no comando sejam estimuladas e preservadas. Quando o contrário ocorre, dizem eles, o mito se tornará disfuncional, ameaçando a própria existência da empresa por dificultar ou impedir a transmissão do empreendedorismo para a próxima geração de gestores. Entretanto, quando o processo de transmissão ocorre, ele jamais será uma

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

transusão memorial autêntica, pois, para tornar-se útil às identidades a transmissão, deve, segundo Candau (2016, p.106), “atuar no complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição e da reconstrução, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento”:

Embora parecido, meu estilo de gerir o restaurante é um pouco diferente do jeito do meu pai. Eu busco uma gestão mais cooperativa. Eu descentralizo. Meu pai é mais centralizador. Eu procuro também valorizar meus colaboradores; meus funcionários e meus fornecedores. Aprendi a elogiá-los quando o trabalho é bem feito, coisa que meu pai não faz com frequência. Mas com meu pai, aprendi a dar limites. Entretanto, sou mais medrosa do que ele. Corro menos riscos. Deve ser o modelo feminino familiar. Meu pai é um grande jogador. Ele arrisca. Eu já trabalho mais com certezas. Em grande parte, sou fiel à filosofia e à forma com que meu pai conduz o negócio. Mas mudanças também ocorrem. Acredito que o sucesso em geral vem de várias fontes. Uma delas é inovação. Temos que inovar constantemente, mas sem perder nossa identidade (R.B., 2017)

Se a transmissão, enquanto memória (MUXEL, 1996), é sempre o resultado de uma adequação, de uma derivação e de uma reinvenção, que impõe mudanças, distanciamentos e inversões de sentidos dentro do espaço e do tempo, inovar, mais do que uma opção, é um destino inevitável. Que seja, então, sem perder a identidade.

### **PREENCHENDO AS “LACUNAS DA TRANSMISSÃO”: A EMPRESA ÉTNICO-FAMILIAR COMO UM ATRATIVO TURÍSTICO**

Os homens, na busca por sua identidade, afirmam Barroco e Barroco (2008), recorre inicialmente a seu patrimônio material, partindo, em um segundo momento, aos recursos disponíveis de seu legado imaterial como forma de reconhecer a si e a seu grupo de origem. A proteção de um patrimônio de saberes, de celebrações religiosas, de memória de lugares vividos, de datas festivas familiares, entre outros, é fundamental não somente no seu aspecto

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

cultural-identitário como, também, nos aspectos sociais, políticos e econômicos. O patrimônio cultural familiar é, para os pesquisadores, a riqueza comum que o indivíduo herda como cidadão, pois lhe permite conferir sua orientação e seus pressupostos básicos inculcando valores a partir de seu espaço e de seu tempo.

A identidade étnica é a matéria prima - o nicho de negócio - da família Baumbach e insere-se no desenvolvimento econômico, material e social do grupo e de seu espaço adjacente. A adesão do próprio referencial de base na economia familiar é uma prática relativamente comum no ramo das empresas familiares. Incentivados pelas demandas do público por produtos culturais, os empreendimentos do ramo étnico tem sido uma presença marcante no turismo-cultural. Entretanto, para tornarem-se suficientemente atrativos como negócio no concorrido mercado turístico, esses produtos devem evidenciar as qualidades exóticas da cultura que representam. Para chamar, então, a atenção e serem consumidos nesse amplo mercado, os objetos devem possuir sinais culturais intrínsecos a exibir.

No Brasil, o multiculturalismo étnico tem sido fonte de renda de muitas famílias de descendentes de imigrantes. Sem abnegar suas identidades híbridas, esses empreendedores étnicos voltam-se às nações de origem em busca de referenciais mais “originais”, traços culturais que, por determinados motivos e circunstâncias, deixaram de ser transmitidos às gerações enraizadas na nova pátria. A coleta desses materiais culturais mais autênticos, ou ainda, dito de outra forma, a “reparação na falha da transmissão” torna-se, para esses empreendedores, além de um excelente atrativo para seus negócios, um eficiente potencializador de suas identidades étnicas.

Grande parte do cardápio do Ratskeller-Baumbach é composta por pratos-totens da cozinha alemã original. “Servimos pato”, diz R.B, evidenciando, através de um signo alimentar marcadamente presente nos hábitos alimentares da Alemanha (porém exótico na mesa teuto-rio-grandense), as intenções de autenticidade de seu estabelecimento. Parte dos preparos servidos no

### **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

restaurante, explica, foi herdada de seu precursor, o Tiroleza. Outra parcela significativa do menu é a materialização de intensas pesquisas sobre a gastronomia alemã e de viagens exploratórias à Alemanha. Embora a cozinha teuto-rio-grandense se faça também presente, principalmente, no segmento das sobremesas coloniais, sua participação é quase acidental e ínfima, se compararmos com outros pratos do repertório. Quando questionada se a busca por referenciais mais fiéis à matriz alemã para seu negócio imprimia, como consequência, um sentimento identitário familiar mais colado às tradições da Alemanha, R. B. (2017) responde que “sim, acho que essas buscas reforçam nossa identidade alemã mais autêntica. Nos damos conta disso quando vamos a outros restaurantes alemães e achamos que não estão tão alemães assim”.

### **O QUE TRANSMITIR: AS RECOMPENSAS ECONÔMICAS NA TRANSMISSÃO**

Os estudos no campo da economia têm investigado, nos últimos anos, a tendência do sujeito de levar consigo sua cultura de base em seus deslocamentos pelo espaço e tempo. Essas pesquisas mostram, como já foi dito, que a cultura, independentemente do contexto econômico, desempenha um forte fator de causalidade na formatação das economias, pois atitudes, crenças e valores arraigados, ainda operantes no novo modelo de mundo, continuam a afetar as decisões e os comportamentos das gerações seguintes.

Nesta última parte do presente artigo, retomaremos, então, os postulados dos pesquisadores italianos, apresentados na introdução, para verificar, dentro do possível, a ocorrência (ou não) de ressonâncias entre seus resultados e o material coletado para o presente estudo. Cabe lembrar que, em seus achados, Guido, Zingale e Sapienza (2006) concluíram que imigrantes advindos de culturas cujos “bons” valores e atitudes eram valorizados apresentaram melhores desempenhos nos seus resultados econômicos. A constatação levou-os à seguinte pergunta: que principais valores e atitudes seriam esses?

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

### a) Confiança

Confiar induz as pessoas a acreditarem que podem mudar as coisas, a modificarem seus entornos. Para Sapienza (2014), a confiança é uma variante importante e altamente cultural. Transmitida de pais para filhos, ela é um valor altamente persistente e um dos ingredientes mais importantes nas transações comerciais. Índices baixos dela podem ter sérios reflexos na economia: “Se você for o único que confia”, afirma, “muito provavelmente irá ser surpreendido por alguém que irá tirar vantagem de você” (2014). No contrafluxo, a economista afirma que as pessoas que confiam deliberadamente acabam “colocando seu dinheiro para trabalhar” (2014). Sabe-se que os níveis de confiança variam de país para país, de cultura para cultura. No Brasil, esse índice é considerado muito baixo:

Posso dizer que meu pai era daqueles homens que confiava nas pessoas até o dia em que comprou uma balança e resolveu pesar as cargas dos fornecedores. Descobriu que o enganaram durante anos. A partir daí tudo mudou. Passou a desconfiar ... confiando, mas desconfiando. Neste ponto, me tornei igual a ele. Eu confio até o dia que me aprontam e, a partir daí, nunca mais (R.B., 2017).

No entanto, os fatores etnia, raça e escolaridade produzem impactos e diferenças sobre a confiança. Verificando os efeitos da religião sobre a confiança, os pesquisadores italianos concluíram que os níveis de confiabilidade são mais altos entre pessoas que tiveram uma educação religiosa, sendo mais elevado entre aqueles que praticavam suas religiões sistematicamente. Concluíram, também, que a confiança aumentava entre os grupos sociais que partilhavam uma mesma religião. Entretanto, os níveis caíam com o distanciamento genético entre os indivíduos (diferenças de raças):

Meu pai tem uma tendência, sim, a confiar mais nos alemães, nos italianos. Com os “pelos-duro” ele é desconfiado. Tu sabes como é essa geração. No tempo em que cresceu, a lógica de mundo era outra. (R.B., 2017).



### **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

O nível educacional das populações pesquisadas demonstrou também ser uma variável ressonante nos níveis de confiança, porém de outra maneira. Guido, Zingale e Sapienza (2006) constataram que as pessoas com alto nível de escolaridade tendiam a desconfiar mais de sua cultura herdada na hora de tomar decisões econômicas:

Sempre estudei em escola privada. Meus irmãos também. O pai valorizava muito o estudo. Sou formada em pedagogia e tenho especialização em “Profissionalização da empresa familiar”. Meu pai estudou somente até o primeiro ano do primário. [...] Ele é uma pessoa muito comedida. Tem uma coisa com ele que ele não pode ter tanto, mesmo podendo ter mas isso é coisa de alemão, de ser mais introvertido, de não se permitir a ter prazeres, de ser discreto e não querer ostentar. Nada pode ser muito esfuziante para ele, nada pode chamar muito a atenção. Eu herdei um pouco disto, mas tenho me trabalhado. Eu pensava que não podia dar um passo muito grande, que eu não poderia querer muitas coisas, que tal desejo era uma extravagância. Eu sempre quis, por exemplo, ter uma Mercedes. Ela sempre foi meu sonho de consumo e, como tal, como um mero sonho de consumo, eu tenho a ciência de que ela não iria me deixar mais feliz. Mas eu sonhava. Eu sei que era bobagem. Eu já poderia ter comprado uma Mercedes há muitos anos. Tive que me trabalhar. Não sou de esbanjar, mas aprendi com a letra de uma música a olhar para o dinheiro e perguntar “quem é dono de quem”? Comprei a Mercedes (R.B., 2017).

A confiança, afirmam os pesquisadores, pode afetar as decisões econômicas de várias outras maneiras, como probabilidade de tornar-se um empreendedor, ou ainda, um investidor. Entretanto e estranhamente, os economistas italianos não se detiveram em verificar as possíveis variáveis culturais entre gênero e confiança, visíveis no modelo de gestão do empreendimento gaúcho:

Outra coisa, meu pai, às vezes confia mais no meu filho mais velho (que é ainda muito jovem). Com ele, meu pai é mais maleável e o escuta mais do que a mim, porque sou uma mulher. Além de eu já ser uma outra pessoa, aquela que terá uma gestão diferente da dele por eu ser um ser humano diferente, eu, ainda por cima, sou uma mulher, o que é mais complicado ainda. O sonho do meu pai era que um filho homem assumisse isso, porque ele tem aquela coisa machista, sabe? Mas isso não foi possível. [...] meu modelo de mulher é a minha mãe e talvez seja por isso que eu ainda continue na empresa (R.B., 2017).

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

## b) Parcimônia (os hábitos de poupança)

O hábito de poupar, segundo Guido, Zingale e Sapienza (2006), é também um comportamento altamente cultural e, portanto, passível de transmissão. A parcimônia, para eles, apresenta resultados explícitos no desempenho econômico. O ensino da moderação, para determinadas culturas, é um valor importante e está ligado às estratégias genitoras em garantir o futuro da família e, quiçá, o porvir das próximas gerações:

Minha mãe sempre guardou dinheiro. Fomos sempre muito incentivados a poupar. Eu sempre tive cofrinho quando era criança. Até hoje eu tenho um cofrinho, olha ele ali, Ó. Aquela é a minha coruja (aponta para um cofrinho de cerâmica em formato de coruja disposto sobre uma mesa de troféus). Meus filhos, quando nasceram, eu abri uma poupança para cada um deles, de 30 reais, um real por dia. Mais tarde, comecei a dar mesadas. Aprendi com a revista “Veja” ou no “Fantástico” - não lembro - como dar a mesada conforme a idade: quanto mais velho, maior o valor. Como o mês é um referencial de tempo muito longo para as crianças, eu dava a mesada semanalmente. Combinamos juntos o dia do recebimento e eu pagava religiosamente. Meus filhos são muito comedidos. O mais velho é assim, Ó (mostra o punho fechado). Tem mais dinheiro guardado do que eu. Meu marido e eu, também, temos uma poupança-viagem conjunta. Cada mês, depositamos lá um pouco (R.B., 2017).

A ênfase no ensino da parcimônia às crianças como um valor cultural transmissível pode ser atestada, segundo os economistas italianos, pelo viés cultural-religioso. Em seus estudos, descobriram que os católicos e os protestantes eram mais propensos ao ensino da moderação e da parcimônia aos seus filhos do que pessoas não-religiosas.

Eu ia muito na igreja quando eu era criança, porque fui criada pela minha madrinha. Ela ia bastante. Hoje, não sou muito fã de religião, mas sei que Deus é a força que temos dentro da gente. Eu ainda rezo, eu agradeço a Ele e faço promessas. Tenho muita fé. Já paguei muitas promessas. Estas coisas de caminhar longe, sabes, até o Padre Réus (risos); (R.B., 2017).

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

### c) Trabalho duro (a ênfase no esforço individual)

Para Guido, Zingale e Sapienza (2006), a ênfase no esforço individual é um valor primordial em muitas culturas e pode afetar as preferências políticas dos indivíduos e, conseqüentemente, os seus resultados econômicos, como, por exemplo, na questão das políticas redistributivas. Para eles, as culturas que creem que o sucesso é determinado principalmente pelo esforço individual são resistentes às intervenções redistributivas do governo:

Dependendo, sou a favor do “bolsa família”, afinal, é importante ajudar as pessoas, especialmente nesta fase da crise. Mas sou contra distribuir esse benefício indiscriminadamente para qualquer um, sem fiscalização. Eu sempre tive que me virar. Nunca ganhei nada. Sempre batalhei pelas minhas coisas. Por que dar este benefício, por exemplo, para uma mulher que já tem seis filhos e segue procriando? (R.B., 2017).

Como pudemos observar, a confiança, a parcimônia e o trabalho duro são, a exemplo da pesquisa dos economistas italianos realizada no contexto europeu e americano, as três virtudes mais valorizadas e transmitidas pela cultura empreendedora dos Rastkeller e produzem ressonâncias evidentes em seus desempenhos e resultados, tanto na esfera material quanto no âmbito simbólico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório que, enquanto a economia de alguns países se desenvolve de forma vigorosa e persistente, seu desempenho permanece inerte em outras regiões do planeta. Sabemos, hoje, que parte deste fenômeno pode ser explicada pelo viés da cultura, que produz impactos no fator econômico. Tomando esse dado como base inicial, o objetivo do presente estudo, cabe lembrar, é verificar as possíveis implicações entre cultura, transmissão cultural e resultados econômicos existentes no modo de gestão de um grupo familiar empreendedor gaúcho,

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

comparando os resultados encontrados com as conclusões de outro estudo semelhante, realizado com famílias de imigrantes assentados na Europa e nos EUA. A intenção é verificar se há ocorrências comuns entre zonas culturais tão distintas. Para certificar, então, a existência ou não de um possível elo, proponho voltarmos rapidamente e perguntar quem são, afinal, os Baumbach, o grupo aqui analisado.

Os Baumbach são a terceira, quarta e quinta geração de uma família empreendedora, brasileira e gaúcha de imigrantes alemães que contam histórias de seus antepassados, de seus mitos e de seus heróis; vivem o trabalho como uma “cachaça” (um vício); creem que o sucesso é determinado, principalmente, pelo esforço individual; entendem que “o trabalho da fé” e a “fé no trabalho” são duas faces de uma mesma moeda e, portanto, uma unidade inseparável (é Deus aquele que deposita fé no sujeito); têm na Bíblia, o livro de cabeceira do patriarca; creem no poder das graças alcançadas pelas rezas e promessas; conferem às corujas coletoras de moedas o valor simbólico de “troféus”; entendem que a educação é um investimento de retorno econômico; vigiam a confiança com os arautos da desconfiança; acreditam que começar por baixo e ascender gradativamente é um processo natural e, portanto, inegociável; entendem que a participação dos filhos, ainda jovens, no trabalho é conduta empreendedora; investem na coesão familiar, traduzindo a geração ascendente para a subsequente ; reproduzem, embora de forma nem sempre idêntica, os valores e os modos de gestão do patriarca-fundador; buscam estratégias de preservação do legado familiar frente aos assombros premonitórios de uma possível transmissão “mal sucedida” (“pais ricos, filhos nobres, netos pobres”); transformam sua herança cultural, simbólica e étnica em capital econômico; convivem com os filhos em constante processo de trocas e partilhas, que estreitam laços afetivos e de trabalho; possuem conflitos inter e transgeracionais como outra família qualquer.

Os precedentes acima, se comparados com os dados do estudo dos economistas italianos, sugerem a existência de uma “cultura universal do

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

progresso” (HARISSON, 2015) onde os mesmos valores culturais e comportamentais, quaisquer que sejam suas origens, “criam prosperidade em qualquer ambiente geográfico, climático, político, institucional e cultural”. Frente a isso, a presente investigação conclui que os resultados encontrados na pesquisa que investigou as ressonâncias existentes entre cultura e economia em ambiente europeu e norte-americano se reproduzem de forma bastante fiel na cultura empreendedora da família de empreendedores gaúchos. De modo geral, pode-se afirmar também que o grupo do estudo demonstrou um cenário muito semelhante àquele exposto no restante do arcabouço teórico, evidenciando a existência do elo entre cultura e economia, mediado dentro dos meandros da transmissão cultural.

## REFERÊNCIAS

BARROCO, Lize Maria Soares , BARROCO, Helio Estrela. A importância da gastronomia como patrimônio cultural, no turismo baiano. **TURYDES**, Vol 1, Nº 2 (março 2008). Disponível em <http://www.eumed.net/rev/turydes/02/sbb.htm>. Acesso em janeiro de 2017.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CASILLAS, J. C., VÁSQUEZ, A., & DÍAZ, C. **Gestão da empresa familiar: conceitos, casos e soluções**. São Paulo: Thompson, 2007.

DAURE, Ivy; COULON, Odile Reveyrand. Transmissão cultural entre pais e filhos: Uma das chaves do processo de imigração. Rio de Janeiro: **Psicologia Clínica**, vol. 21, N.2, p. 415- 429, 2009.

Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652009000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652009000200011). Acesso em janeiro de 2017.

FLEURY, A.; FLEURY, M.T.L. **Aprendizagem e cultura nas organizações**. In: Aprendizagem e inovação organizacional: as experiências de Japão, Coréia e Brasil. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1997.

GUISSO, Luigi; SAPIENZA, Paola; ZINGALES, Luigi. Does Culture Affect Economic

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Outcomes? **Journal of Economic Perspectives**, n. 20(2), p. 23-48, Primavera 2006. Disponível em:

[http://www.kellogg.northwestern.edu/faculty/sapienza/htm/guiso\\_sapienza\\_zingales\\_jep.pdf](http://www.kellogg.northwestern.edu/faculty/sapienza/htm/guiso_sapienza_zingales_jep.pdf) . Último acesso em janeiro de 2017.

HARISSON, Laurence. **Culture and Economic Development**. Cato Institute Journal, 3 de dezembro de 2006. Disponível em: <https://www.cato-unbound.org/2006/12/03/lawrence-e-harrison/culture-economic-development> . Último acesso em janeiro de 2017.

LOVE, Jessica. O crescimento econômico é uma questão cultural? Kellogg School of Management at Northwestern University. **Revista online. Evanston**, 2014. Disponibilizado em <https://insight.kellogg.northwestern.edu/pt/article/economic-growth-a-question-of-culture>. Acesso em janeiro de 2017.

LEMONS, Iomara Scandelari ; FREGA, J. R. ; SOUZA, Alceu . **Empreendedorismo étnico e desenvolvimento turístico de Treze Tílias**. In: V EGEPE, 2008, São Paulo. V Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 2008. v. 1. p. 1-15.

MUXEL, Anne. **Individu et mémoire familiale**. Paris: Nathan, 1996.

PAPA, Adriana Cássia; LUZ, Talita Ribeiro da. **O papel do fundador na cultura de uma empresa familiar: um estudo de caso em João Monlevade - MG**. ENANPAD - Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, v.32, (set. 2008), p. 269. Disponível em <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR-A1784.pdf>. Último acesso em janeiro de 2017.

REKOWSKY, Carmem Janete. **A geografia dos restaurantes alemães de Porto Alegre**. Presidente Prudente: Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2013. (Dissertação de mestrado)

ROSCOE, Maria T. A.; VIEIRA, Adriane; GARCIA, F.C.; PEREIRA, A.C. Desconstrução do Mito e Sucessão do Fundador em Empresas Familiares. **RAC - Revista de Administração Contemporânea**, vol. 17, núm. 5, septiembre-octubre, 2013, pp. 518- 535. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rac/v17n5/v17n5a03.pdf>. Último acesso em janeiro de 2017.

TABELLINI, Guido. **Culture and institutions: Economic development in the regions of Europe**. Cesifo working paper, n. 1492, 2005. Disponível em

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

[https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=754086](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=754086) . Último acesso em janeiro de 2017.

## MEMÓRIAS FAMILIARES DO QUARTO DISTRITO: RELATOS SOBRE A CULTURA E ECONOMIA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Juliana Pugliese Christmann

**RESUMO:** Este artigo faz um breve histórico do Quarto Distrito no que tange a um recorte temporal do final da década de 40 ao início da década de 80 e relaciona com as memórias familiares, a partir das oralidades de mãe e filho de uma família de imigrantes alemães sobre os aspectos econômicos e culturais que viveram neste período. Pode-se verificar que as experiências de individuais se dão por relações de parentesco são dadas a sua forma e uma grande parte do seu sentido ao grupo que nesta localidade de Porto Alegre era predominante os imigrantes alemães, italianos e poloneses.

**PALAVRAS CHAVES:** Memórias, Quarto distrito

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo visitar o quarto distrito do século XX e conhecer um pouco de como as famílias que constituíram suas vidas e negócios que ali viviam passaram pelas transformações econômicas e sociais da região. Para isso buscou-se a construção de um referencial histórico do local e relatos de memória sobre a economia e cultura do local em um recorte temporal que corresponde aproximadamente ao final da década de 30 até a década de 80. Período em que a família Merker, alvo de nossa entrevista, esteve presente na região com sua residência e empresa.

A metodologia utilizada para a condução das entrevistas foi a História Oral seguindo os preceitos de Mehy (2005) e Mehy e Ribeiro (2011) por ser uma forma de ouvir os que não aparecem nos registros convencionais. De acordo com Mehy (2005), a história oral pode ser construída a partir de uma pessoa, de um grupo definido (pequeno ou grande) de entrevistados. Nestas entrevistas se buscou as memórias familiares que para Halbwachs (1925) por mais que as memórias sejam nossas, elas coincidem com as dos outros.

As entrevistas foram realizadas no final de 2016, com duas gerações de uma família de imigrantes alemães que tem as memórias de sua família ligadas ao início do século XX no Quarto Distrito, local em que moraram e teve início a



## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

empresa familiar que se manteve durante décadas. Os entrevistados foram a senhora Clotildes Merker, 97 anos, e seu filho, o senhor Vítor Hugo Merker, 73 anos, que relataram suas vivências do local em relação à economia e cultura da época.

### **VISITANDO O QUARTO DISTRITO NO PASSADO**

Para elucidar o contexto das falas dos entrevistados, volta-se a buscar alguns marcos históricos que são o pano de fundo de suas memórias. De acordo com Oliveira e Mattar (2009) a partir de 1890 começa a Industrialização em Porto Alegre, mas é no ano de 1916 que começam a explorar a região do Quarto Distrito com esta finalidade. O número de moradias foi aumentando e já possuía alguma estrutura no início do século XX, mas é no período de 1937 a 1945 que as grandes mudanças na região acontecem. Neste momento foi feita a ampliação da Avenida Farrapos e começam a surgir casas, comércio diversificado, indústrias, teatros, cinemas, salões de baile, além de áreas comuns arborizadas que propiciam a interação da população. De acordo com Saldanha Junior (2015) o único local de Porto Alegre com uma identidade que ainda utiliza o termo “distrito” é o quarto. Credita este fato a força da identidade construída no local, mesmo não conservando mais estas características.

Conforme abordado por Fortes (2004) e Tilton (2012) a chegada dos imigrantes alemães e italianos foram o grande ponto de mudança na economia no estado, esse movimento foi o que impulsionou a chegada deles no Quarto Distrito e também era o local mais próximo com as colônias mais antigas - de São Leopoldo e Novo Hamburgo - que tinham ligação pela estrada de ferro (SALDANHA JUNIOR, 2015). O período da segunda Guerra Mundial foi o que propiciou a grande abertura das indústrias nacionais em Porto Alegre, como não conseguiam mais importar passou a se produzir no local. Os principais ramos foram na alimentação, fiação, tecidos e metalurgia (TITTON, 2012).

A proximidade do Porto que facilitava o escoamento da produção também

### **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

era o grande ponto de preocupação das famílias e indústrias que ali estavam. As enchentes eram constantes e faltava apoio do poder público para a resolução destas dificuldades. Destaque para a grande enchente de 1941 que causou transtornos e prejuízos. Somaram-se a infraestrutura urbana e os problemas de caráter étnico em virtude da declaração de Guerra realizada pelo Brasil à Alemanha causaram uma diminuição da atividade industrial e troca do local de moradia de parte dos moradores. O local era ocupado basicamente por imigrantes e seus descendentes e por isso se constituiu uma comunidade com similaridades da cultura e ainda se uniam para enfrentar as enchentes que ocorriam corriqueiramente, ponto que a obra “nós do Quarto Distrito” de Fortes 2004, salienta como os pontos de união que criou uma forma de identificação da população local em torno do Quarto Distrito (SALDANHA JUNIOR, 2015).

Em relação à obra de Fortes (2004), anteriormente citada, o quarto distrito foi muito mais que uma mera divisão geográfica, foi marcada por forte senso de noção comunitária e cultura que despontou nos anos 30 e estabeleceram um espaço de resistência com uma identidade comum, formada a partir do cotidiano que partilhavam. As redes de vizinhança e das sociabilidades da época deixaram suas marcas para além da desarticulação política provocada pelo Golpe de 64 e da decadência econômica. O que segundo o autor forma uma resistência silenciosa, a memória que define a região como um espaço à parte na cidade sobreviveu até o final dos anos 80-90, que extinguiu empregos e acabou com muitos dos saberes operários que ali circulavam (ESPERANÇA, 2005).

### **MEMÓRIAS FAMILIARES DA ECONOMIA E CULTURA DA REGIÃO**

Os relatos históricos do início do século XX se confundem com a da família Merker neste mesmo período. Foi a partir dos relatos de duas gerações desta família, mãe e filho, que construímos as memórias familiares da economia e cultura do Quarto Distrito. O início desta história pode ser iniciado com o relato de

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

uma das empresas que nasceram a partir da iniciativa dos seus pais “*no início da década de 1940, durante a 2ª Guerra Mundial, os irmãos Breno, Vitor e Lucilo Thomé junto com seu cunhado Germano Merker, tinham uma ideia na cabeça e muita vontade de trabalhar. Iniciaram uma pequena empresa (...) a fim de produzirem aquelas ferramentas e peças que, antes do início da guerra, eram importadas. Começava assim a fabricação de pregos, parafusos, porcas, brocas para madeira, serras e outras ferramentas*” (TC-METAL, 2016). Estes eram os irmãos e o esposo da Dona Clotildes Merker que nos levou a este passeio pelas memórias que viveu no Quarto Distrito. Os relatos também foram acompanhados pelo seu filho Vitor Hugo Merker que nasceu neste período em que seu pai iniciava a empresa com seus tios.

As memórias e recordações têm como pano de fundo as profundas transformações em que o mundo passava no início da década de 40 com a 2ª Guerra Mundial. As memórias de duas gerações desta família se entrelaçam com as configurações do quarto distrito e a própria história. A formação da empresa familiar no cenário local, mas envolto pelos reflexos das guerras internacionais e o posicionamento do Brasil em ambas as situações. Por se tratarem de filhos de imigrantes alemães e viverem em local onde se concentravam, assim como eles descendentes de imigrantes, sentiram em suas vidas e hoje rememoram com saudades a época que viveram lá.

Os relatos de memória não se dão de forma regular, elas se misturam com as lembranças, os fatos mais marcantes servem para auxiliar com os marcos. A própria Dona Clotildes fala que conforme vai conversando vai puxando o “fio” que tem as recordações. Um dos fatos marcantes relatados foi o incêndio da FIATECI, que segundo a entrevistada foi uma correria.

Ainda a recordação dos detalhes de sua casa e pavilhão que foi construído na Rua São Paulo. Ao recordar da região lembram-se da falta de saneamento onde as pessoas colocavam seus lixos e dejetos de suas patentes.

O Senhor Vitor ainda passeia no bairro e tirar fotos atuais para comparar,

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

acabou voltando para o passado visitando a rua São Paulo onde tinham a casa e o pavilhão da empresa. Algumas casas ainda existem e outras foram modificadas. Só sobrou uma casa na quadra em que moravam.

A Dona Clotildes conta que passeava a noite e que tinha segurança no local, ia para o cinema nas proximidades na Rua São Paulo e chegava a assistir duas sessões seguidas e deixavam os filhos em casa. De acordo com os depoimentos dos entrevistados, o agrupamento na região dos imigrantes não era proposital, mas o volume de descendentes era grande. A família deles permaneceu neste local até 1954 quando tentaram transferir a empresa para Ibirubá que estava incentivando a mudança de empresas para o interior do estado, mas retornaram a Porto Alegre cinco anos depois e continuaram a morar na região, agora na Rua Pátria e seguiram com a empresa no local, até se associar com “os paulistas” em 61.

As enchentes, conforme os entrevistados relataram, iam até a Rua Benjamin Constant com a Rua Olinda, que antes era Rua Napolitana, que também mudou de nome. Bem nesta esquina ficavam dois cinemas o Orfeu e o Astor, ainda na Cristóvão o cinema Colombo e depois o Ipiranga que era depois da Ramiro Barcelos.

Durante vários momentos dos relatos ambos se referem aos nomes das ruas com seus nomes originais, como é o caso da Avenida Eduardo que depois passou a se chamar Presidente Roosevelt. Como o primeiro lugar que morou Dona Clotildes ao chegar ali, que foi na Rua Germânia que hoje se chamou Rua Cairú. As trocas aconteceram em razão da 2ª Guerra Mundial. Os imigrantes alemães, italianos e poloneses que ali viviam sofreram com a repressão que foram submetidos pelo Governo brasileiro. Dona Clotildes relata que foram proibidos de falar em alemão, um dos motivos que não permitiu ensinar o idioma para seus filhos.

Ao buscar nos relatos dos entrevistados nos deparamos diversas vezes com os fatos relatados na história do local. A família viveu a ascendência da

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

região e também migrou da localidade com a decadência econômica que se abateu no local. O Senhor Vitor acredita que boa parte da derrocada das empresas da região, que eram na sua maioria familiar, foi à falta de preparo dos sucessores nas famílias detentoras das empresas. Segundo seu relato os herdeiros não tinham as empresas como sua fonte de renda, e viam nelas um local somente para retirada de valores. Senhor Vitor também relembra do prédio da Ocidental que ainda está lá.

As empresas e locais relatadas durante as entrevistas foram muitas como Coca-cola, Neugebauer, bem como cinemas, clubes, empresas familiares. Dos espaços sociais tinham os Gondoleiros, Navegantes São João, O campo da Fiateci (tecelagem) na Rua Margarida. A região foi um local que movimentava o comércio da cidade. Senhor Vitor relata as mudanças com a ampliação da Avenida Farrapos, as novas construções do cais do porto e outras obras.

Aqui seguem alguns registros da época e atuais da região do quarto distrito.

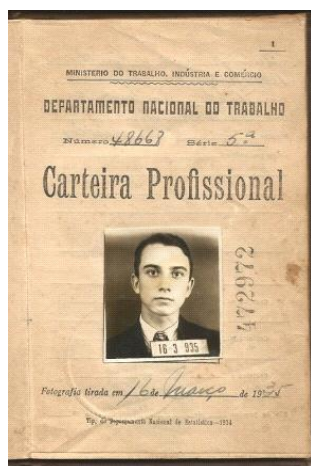


Figura 1 Carteira de Trabalho do Patriarca da família Merker. O senhor Germano Merker.

Fonte: Acervo familiar

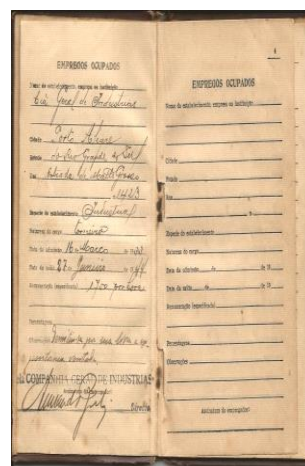


Figura 2 Registro do último emprego do senhor Germano Merker antes de se tornar empresário. Fonte: Acervo familiar

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**



Figura 3 A esquerda ao fundo, o primeiro prédio industrial e as residências dos sócios.  
Fonte: Acervo familiar



Figura 4 Avenida Farrapos Fonte:T C Metalúrgica

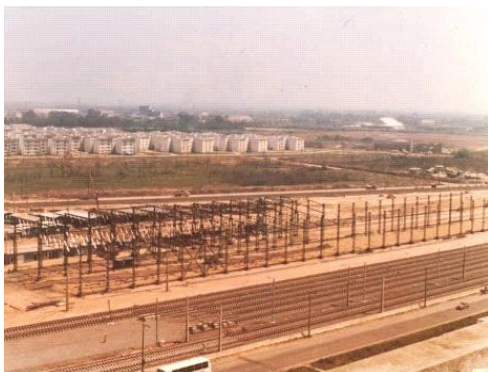


Figura 5 Construção do Trensurb na década de 80. Fonte Trensurb



Figura 6 Imagem da Avenida Farrapos em 2015. Fonte: Zero Hora



Figura 7 Fachada do antigo cinema Navegantes, na Av. Cairú esquina Rua Rio Grande. Fonte: Acervo familiar



Figura 8 Usina de emergência da CEEE, na Av. São Paulo esquina Rua Ernesto Fontoura, prédio bem conservado. Fonte: Acervo familiar



## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3



Figura 9 Prédio onde ficava a fábrica de chocolates Neugebauer, também na Av. Cairú, em diagonal com o cinema. Atualmente abandonado. Fonte: Acervo familiar



Figura 10 Um dos primeiros conjuntos habitacionais de Porto Alegre, no quarteirão da Rua Guido Mondim, Av. São Paulo e Av. Polônia. As casas da av. Polônia foram restauradas quando da construção de edifícios.

Fonte: Acervo familiar



Figura 11 Matéria de revitalização da Zero Hora 2015



Figura 12 Empresa Ernesto Neugebauer. Fonte: Prati Fotos Antigas

Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

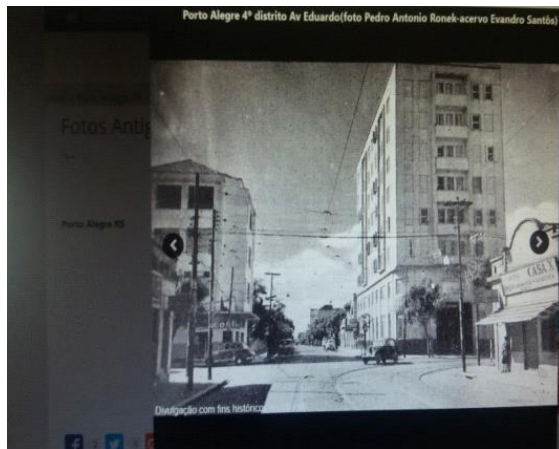


Figura 13 Avenida Eduardo. Fonte: Prati Fotos Antigas



Figura 14 Rua São Pedro. Fonte: Prati Fotos Antigas

O comércio na região do clube gondoleiros era intenso, tinha diversas lojas de utilidades, farmácias, segundo relato de Dona Clotildes, alguns *prédios velinhos ainda estão lá*. *Senhor Vitor ao ser questionado do enfraquecimento da região ele falou que até 60 e pouco ainda era um lugar bom de morar, no início dos anos 70 muita coisa começou a fechar. Somado a isso* contribuiu a mudança da família e da localização da empresa se deu pelas constantes enchentes que tinham no local. Outro ponto marcante foi à morte de Getúlio Vargas e o caos que tomou conta da região em que a população depredou muitas empresas, as de capital americano principalmente, como a Coca-Cola, foram o alvo principal, mas os imigrantes também estavam na mira dos vândalos. Senhor Vitor relata que ao passar na frente da Indústria da família tentaram entrar, mas seus tios e o seu pai que trabalhavam na fábrica fingiram estar com o bando e conseguiram livrar a empresa de ser danificada. Em relação à Guerra ainda a Dona Clotildes narra que a noite não podia deixar as luzes acesas para não serem alvos de mísseis. E que presenciavam muitos saques em comércios dos italianos neste período.

Em relação à economia local, as lojas do quarto distrito era muito forte, conforme os relatos, tinham também desfiles de carnaval, quem vivia ali não tinha



## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

necessidade de ir ao centro. O local tinha um apelo com as famílias que moravam ali e muitos também tinham seus negócios ali mesmo na região.

Por meio da explicação de Halbwachs (1925) que as memórias são únicas para cada família elas delimitam e no espaço do campo cada um, mas entende-se que uma família nasce e, necessita de se adaptar ao ambiente social. Mas, como qualquer família, logo uma história, como sua memória é enriquecido por dia, suas memórias, em forma individual, especificar e anexá-lo gradualmente tende a interpretar à sua maneira ela projeta toma emprestado do lugar. Ela acaba por ter a sua lógica e suas tradições, que se assemelham aos da sociedade em geral, uma vez que entrar e continuar a ajustar as suas relações com ele, mas se distinguem porque penetram pouco um pouco de sua experiência como pode ser constatado nos depoimentos aqui explicitados.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo tinha pretensão de verificar os pontos em comum entre os registros históricos da formação do quarto Distrito e as memórias familiares de duas gerações de uma família que se firmou na região com residência e empresa. Foi possível verificar que os fatos históricos, fazem parte da memória individual de cada uma, mas está repleta de referências coletivas. Neste artigo se explorou somente os aspectos econômicos e culturais dos depoimentos, mas os registros são muito ricos também da formação da sua empresa e relações familiares.

Portanto, deve-se admitir que as experiências de indivíduos unidos por relações de parentesco são dadas a sua forma e uma grande parte do seu sentido ao grupo. Ainda o autor exemplifica as famílias por vezes evidenciam com uma determinada característica de força ou habilidade, trata-se de uma propriedade singular ou coletiva supostamente inerente aos seus membros. Este aspecto pode também ser associado ao lugar de origem ou país que originou a família. Estes feitos do passado, presentes na memória da família compreende um quadro que tende a preservar intacto e é de alguma forma tradicional e o cerne da família.

**REFERÊNCIAS**

ESPERANÇA, Clarice Gontarski. **Nós do Quarto Distrito: A classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas.** Caxias do Sul: EducS; Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 459 p. (Coleção Anpuh/RS). MÉTIS: história & cultura – v. 3, n. 6, p. 227-230, jan. /jun. 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

MEIHY, J. C. S BOM. **Manual de História Oral.** 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral:** para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011. 198 p. ISBN 9788572446907.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

TITTON, Cláudia Paupério. **Reestruturação produtiva e regeneração urbana: o caso do IV Distrito de Porto Alegre.** São Paulo, 2012. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas.** Caxias do Sul: Ed. UCS; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

OLIVEIRA, Aline de; MATTAR, Leila Nesralla (orientador). **Os Loteamentos do Quarto Distrito de Porto Alegre.** X Salão de Iniciação Científica – PUCRS, 2009  
SALDANHA JUNIOR, Gelson. **IV Distrito de Porto Alegre: Onde Começa, Onde Termina.** Colóquio Internacional História Cultural da Cidade. 2015.

PRATI. Fotos Antigas. **Fotos de Porto Alegre.** Disponível em: <http://prati.com.br/fotosantigas/fotos-antigas-porto-alegre/>. Acesso em 01/02/2017  
TC METAL. **Institucional.** Disponível em <http://www.tc-metal.com.br/>.

## DIAGNÓSTICO DO MUSEU DO FESTIVAL DE CINEMA DE GRAMADO: PERSPECTIVAS PARA O PLANO MUSEOLÓGICO

Daniela Schmitt

**RESUMO:** O texto apresenta um primeiro diagnóstico do Museu do Festival de Cinema de Gramado (MFCG), de abril de 2016 a fevereiro de 2017. Considerando-o um ponto cultural, verifica-se a partir do método de análise SWOT o cenário atual em que está inserido. Parte-se do ponto que, desde sua reabertura – em 26 de agosto de 2016 –, o Museu esteve – até fevereiro de 2017 - aberto ao público há pouco mais de cinco meses. O objetivo é identificar o panorama em que o MFCG se encontra, assim como evidenciar um caminho a ser traçado, que será oportunizado com o desenvolvimento de seu plano museológico. Para isso, estuda-se o espaço e suas ações a fim de criar mecanismos e ferramentas para novos olhares dentro de um cenário da gestão cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diagnóstico. Análise SWOT. Plano Museológico. Museu do Festival de Cinema de Gramado.

### INTRODUÇÃO

Em 2003, a Museologia deu um grande passo no País com a criação da Política Nacional de Museus. Criaram-se, então, o Estatuto de Museus e o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) – autarquia do Ministério da Cultura. A partir disso, a Lei 11.904/2009, que instituiu o Estatuto dos Museus, tornou-se a base para a gestão museal. Aqui, em especial, consideramos o artigo 23.

Art. 23. É dever dos museus elaborar e implementar o Plano Museológico, instrumento de planejamento estratégico do museu, que definirá sua missão e função específica na sociedade, e que poderá contemplar os seguintes itens, dentre outros:

I - O diagnóstico participativo da instituição, podendo ser realizado com o concurso de colaboradores externos;

II - A identificação dos espaços e dos conjuntos patrimoniais sob sua guarda, entre os quais se incluem os acervos museológicos, bibliográficos, arquivísticos, nos mais diferentes suportes;

III - A identificação dos públicos a que se destinam os trabalhos e os serviços dos museus;

IV - Os programas, agrupados, desmembrados ou ampliados segundo as especificidades do museu a serem desenvolvidos.

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

O Plano Museológico, portanto, é a ferramenta básica para o planejamento estratégico de uma instituição. Ele define a missão do museu e as especificidades de sua função na sociedade. É de caráter participativo, possibilitando a colaboração dos funcionários, do público e de interessados a contribuir com a instituição museológica por meio de discussões.

De outro lado, a fim de entender o contexto histórico do objeto em estudo, salientamos que Gramado entrou no mapa cultural do País graças ao Festival de Cinema, que teve sua primeira edição realizada em 1973. Antes, ocorreram duas mostras: em 1969 e 1971. Nesse período, o Festival de Cinema de Brasília, que iniciou em 1965, teve três edições canceladas – de 1972 a 1974 – devido ao Regime Militar. Diante de um quadro instável para a sétima arte, a cidade do interior situada na serra gaúcha foi escolhida para sediar o evento. Ao longo dos anos, o festival de Gramado passou por altos e baixos, mas sempre conseguiu, apesar das crises, ser referência como evento de cinema no Brasil. Em 2017, portanto, caminha para sua 45ª edição.

Já o Museu e o Arquivo do Festival de Cinema de Gramado foram criados em 2000. Durante alguns anos, a exposição esteve situada no Centro Municipal de Cultura – prédio que atualmente abriga a Câmara de Vereadores. Mesmo depois de fechada para o público, seu acervo permaneceu sob a tutela da Secretaria de Cultura. No governo gramadense de 2013-2016, o Museu do Festival de Cinema de Gramado (MFCG) passou a ser pauta da Secretaria de Turismo a partir do desafio de encontrar um espaço adequado à instituição e também soluções financeiras para sua reinauguração. Foi assim, após publicação de um edital de licitação, que o MFCG passou a ser administrado pela empresa privada Gramado Parks (GPK). Um desafio, pois seria o primeiro empreendimento cultural da GPK.

Feita essa contextualização, salientamos que, nesse primeiro momento, o diagnóstico do MFCG será realizado por meio da observação participante, sem a informação de terceiros. O Museu é estudado a partir de documentos, acervo,

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

registro de público. Ou seja, seu diagnóstico irá refletir suas ações, seus espaços e sua equipe. Por meio dele serão identificados novos horizontes em relação ao patrimônio cultural.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme o Estatuto Brasileiro de Museus – Lei nº 11.904/2009 –, é considerada *museu* a instituição sem fins lucrativos que conserva, investiga, comunica, interpreta e expõe, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Diante dessa consideração, analisamos um museu específico: o Museu do Festival de Cinema de Gramado. O procedimento utilizado foi a pesquisa de campo *in loco*, além da pesquisa bibliográfica e documental (com suporte dos meios eletrônicos). Os dados coletados, portanto, serviram como base para o desenvolvimento do trabalho, em especial, do diagnóstico institucional. Verifica-se, ainda, que o Plano Museológico do Museu do Festival de Cinema de Gramado serve como exemplo de diagnóstico na linha de análise SWOT.

Por isso, o método indutivo de pesquisa também foi utilizado a fim de apresentar a realidade do ponto cultural para traçar linhas de ação e estratégias para o desenvolvimento da gestão. A análise SWOT foi empregada por se tratar de um sistema simples usado por diversas instituições. Além disso, os documentos norteadores da Museologia indicam uma mesma estrutura de análise que leva à formulação do plano museológico – tratado como plano diretor pelas empresas. O livro *Princípios Básicos da Museologia* indica os passos a serem seguidos para se chegar ao Plano Museológico:

### **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

1. Definição de missão: é o conjunto de palavras que contém, de forma resumida, as finalidades, valores, metas, estratégia e público-alvo da instituição, de forma informativa e, preferencialmente, inspiradora.
2. Diagnóstico da situação atual: abrange tanto aspectos internos como externos ao museu. O maior número de pessoas deve estar envolvido nesse diagnóstico. Usar o método “SWOT” (em inglês Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats), ou seja, analisar os Pontos Fortes, Pontos Fracos, Oportunidades e Dificuldades.
3. Metas estratégicas: as metas precisam ser alcançáveis, não necessariamente a curto prazo. Devem ser realistas, de consenso, específicas e relacionadas às áreas essenciais do museu (conservação e acesso ao acervo; contribuição social; ações educativas; gestão de recursos, etc.).
4. Objetivos atuais: aumentar o número de visitantes (meta estratégica); aumentar a visibilidade do museu (uma das estratégias a ser empregadas); dobrar a produção de folders este ano (um dos objetivos).
5. Indicadores de desempenho: cada museu deve elaborar a própria lista de indicadores, desde que não seja muito longa, podendo partir da análise do número de visitantes; número de escolas que agendaram visita; número de peças documentadas; receita como porcentagem da despesa total.
6. Apêndices: apenas se absolutamente necessários, pois o plano deve ser sucinto (COSTA, 2006, p. 19).

Com o intuito de contribuir com o Museu do Festival de Cinema de Gramado na identificação de seu caminho dentro da gestão cultural, consideramos alguns dos pontos expostos, como missão e diagnóstico da situação atual. Salientamos que se pretende, ainda no ano de 2017, finalizar o estudo voltado para o Plano Museológico do MFCG.

Os museus precisam se especializar no âmbito da gestão cultural e organizacional, independentemente de suas temáticas e de suas políticas. Com base nisso, e considerando um novo modelo de organização voltada para o participativo, analisamos o Museu do Festival de Cinema de Gramado desde sua inauguração, em 26 de agosto de 2016. Consideramos esse o período ideal para a análise, pois é a partir deste ponto que o público é partícipe do processo. Até então, os atores eram os profissionais envolvidos, além da empresa responsável pela administração do Museu e daqueles que fizeram e fazem o Festival de Cinema de Gramado. Salientamos que a participação do público no processo anterior à sua abertura seria de extrema importância. Todavia, o período para a

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

pesquisa, coleta de dados, obra, delimitação dos espaços e todos os demais processos abrangeram apenas quatro meses de execução – o que inviabilizou o contato prévio.

Desse modo, observamos o ambiente interno do MFCG a partir das forças e fraquezas e o ambiente externo por meio de oportunidades e ameaças. As forças e fraquezas são determinadas pela posição atual da empresa e se relacionam entre si. No caso das oportunidades e ameaças, são antecipações do futuro e estão ligadas a fatores externos. Cruzam-se, assim, os pontos levantados a fim de estabelecer estratégias que monitorem e minimizem os aspectos negativos e potencializem os positivos.

A partir do exposto – análise do perfil institucional e características do Museu do Festival de Cinema de Gramado –, a metodologia proposta tem como base os procedimentos que articulam o estudo e as ações para o diagnóstico que será utilizado para a elaboração do plano museológico. Assim, a construção do Diagnóstico Institucional se deu a partir do inventário das características do modelo de gestão, da análise sobre os problemas e da projeção das potencialidades, considerando os planejamentos estratégicos.

### **DIAGNÓSTICO**

O Museu do Festival de Cinema de Gramado, assim como o Museu do Futebol, incorpora quatro aspectos fundantes de extrema relevância para as análises necessárias à elaboração do diagnóstico:

- Impacto positivo e imediato junto à opinião pública;
- Diferenciado modelo de gestão;
- Vínculo estreito com tecnologias eletrônicas;
- Rompimento com o conceito de colecionismo.

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Consideramos que essa é uma análise de uma instituição recém reinaugurada, que traz consigo novos conceitos e uma nova política organizacional – à qual ainda está se adaptando e conhecendo. Pelo fato de o MFCG ter sido reinaugurado há pouco menos de um ano, foram consideradas como fontes documentais a pesquisa de público, o acervo, os projetos, o planejamento estratégico, o projeto arquitetônico e o quadro de funcionários. A pesquisa não se valeu, ainda, dos números e dos documentos da mídia digital, pois estes compõem um processo que deve ser analisado junto ao setor comercial, de marketing e de assessoria de imprensa – serviços terceirizados e que ainda são frágeis no MFCG. Portanto, ressaltados como pontos fracos da instituição.

### **Missão do MFCG**

Ser um espaço de memória voltado para a interação com o público assegurando a preservação da história do Festival de Cinema de Gramado, bem como do cinema nacional e latino, documentando, conservando, pesquisando e difundindo a sétima arte.

### **Objetivos**

- a) Garantir a preservação do patrimônio;
- b) Promover projetos em parceria com outras instituições culturais e de ensino;
- c) Fortalecer a rede de museus;
- d) Garantir a interdisciplinaridade no espaço do Museu;
- e) Fortalecer e ressignificar a memória e a identidade local e regional;
- f) Ser espaço de diálogo;
- g) Manter atualizadas as informações referentes ao acervo museológico;
- h) Desenvolver projetos sem comprometer a integridade da instituição;



**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

- i) Realizar avaliação continuada das ações.

Sublinhamos que um diagnóstico museológico é sempre um documento interpretativo de uma realidade referente a uma instituição museológica. O diagnóstico, junto ao plano museológico, deve acelerar a superação dos problemas e auxiliar no êxito dos programas e projetos da instituição. A análise, portanto, será fundamental para os próximos passos que irão garantir seu fortalecimento identificando suas fraquezas e suas forças, assim como as oportunidades e as ameaças.

**Quadro 1 – Síntese das Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças do MFCG**

<b>Fraquezas</b>	<b>Forças</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não possui Regimento Interno;</li> <li>• Não dispõe de espaços adequados para ações educativas;</li> <li>• Espaço físico limitado;</li> <li>• Pesquisa relacionada ao acervo sem continuidade;</li> <li>• Não possui espaço específico para Reserva Técnica;</li> <li>• Localizado no 3º andar;</li> <li>• Indefinição sobre as linhas de acervo institucional;</li> <li>• Não possui Política de Acervo;</li> <li>• Dificuldades para o entendimento sobre a cadeia operatória museológica;</li> <li>• Ausência de definições mais explícitas, em relação à metodologia de trabalho, sobre as diferenças entre pesquisa e documentação museológica, como também, no que se refere à regulamentação que viabilize a articulação entre os eventos e outras esferas comunicacionais;</li> <li>• Falta de profissionais para especialidades técnicas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Possui Decreto de Criação;</li> <li>• Possui museólogo;</li> <li>• Único museu público aberto da cidade;</li> <li>• Tema que proporciona a interdisciplinaridade;</li> <li>• Único museu no Brasil com a temática de Festival de Cinema e de Cinema;</li> <li>• A implantação e o desenvolvimento institucionais apoiados em modelo de gestão inovador para o cenário museológico;</li> <li>• Capacidade de gerar exposições temporárias;</li> <li>• Vocação para disponibilização de espaços para locação e para eventos fechados, como fontes de sustentabilidade financeira;</li> <li>• Antes da inauguração do Museu, o café e a loja começaram suas atividades, ampliando seus recursos e sua capacidade de espaço de lazer e convivência;</li> </ul>

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acúmulo e simultaneidade de tarefas técnicas, administrativas e operacionais, em razão do número reduzido de profissionais;</li> <li>• Uso restrito de recursos interativos que possam aprimorar a realização de serviços internos e mesmo a articulação entre os profissionais, considerando que a visibilidade do Museu se apoia nas mídias eletrônicas;</li> <li>• Dificuldade para atualização e reposição do parque tecnológico, podendo gerar obsolescência das mídias e suportes expositivos;</li> <li>• Escasso tempo para a capacitação de funcionários em função do extenso período de atividades do Museu, como também a mesma dificuldade identificada em relação aos profissionais terceirizados, em função da alta rotatividade dos mesmos;</li> <li>• Alto consumo de energia elétrica;</li> <li>• Manutenção financeira ultrapassa o valor de entrada de recursos mensais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Possui um site institucional.</li> </ul>
<b>Ameaças</b>	<b>Oportunidades</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mudanças de gestão – Prefeitura;</li> <li>• Número de visitantes por dia;</li> <li>• Não possui Associação de Amigos;</li> <li>• Ausência de recurso destinado à pesquisa;</li> <li>• Falta de planejamento da empresa;</li> <li>• Investidores;</li> <li>• Parques temáticos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Políticas públicas a favor;</li> <li>• Possibilidade de troca técnica com outras instituições;</li> <li>• Empresas privadas com interesse de investimento;</li> <li>• Localizado no coração de Gramado;</li> <li>• Aumento do número de visitantes diante de novas possibilidades de exposição;</li> <li>• Venda casada com o Parque de Neve Snowland, a partir do mês de fevereiro de 2017.</li> </ul>

Fonte: Produzido pela autora, 2017.

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

A partir do Quadro 1, verificam-se alguns itens específicos do MFCG os quais são fundamentais para o cumprimento de sua missão e de sua função social. Junto a eles uma pequena apresentação a partir do diagnóstico.

### **Enquadramento junto às políticas culturais**

Desde 2000, o Museu do Festival de Cinema de Gramado estava sob comodato da Prefeitura Municipal de Gramado. Pertence, como referido, à 2ª Região Museológica e está cadastrado no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), no Sistema Brasileiro de Museus (SBM), no Sistema Estadual de Museus (SEM-RS) e no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

### **Equipe do Museu**

O quadro funcional do MFCG é composto por:

- Um gerente de operações com formação em Administração (incompleto);
- Um técnico com formação em Museologia, Mestrado em Processos e Manifestações Culturais e Doutorado em Memória Social e Bens Culturais (em andamento);
- Quatro caixas com formação no Ensino Médio;
- Três atendentes com formação no Ensino Médio;
- Um auxiliar de serviços gerais com formação no Ensino Médio.

O quadro de funcionários do MFCG aponta para um perfil técnico e para um perfil administrativo. Entendemos que essa realidade está atrelada à realidade da cidade de Gramado, pois há carência de mão de obra qualificada. Além disso, verificamos que as empresas trabalham especialmente para o público de fora do Estado do Rio Grande do Sul, resultando em espaços de entretenimento para o turista e barateando os custos com o quadro técnico.

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Para melhorar e aumentar os projetos, seria necessário ampliar o quadro técnico do Museu do Festival de Cinema de Gramado. Todavia, sabemos que, no momento, isso não é possível, pois a situação financeira é crítica. O que se busca, então, são parcerias com universidades com o intuito de inserir estagiários em projetos a serem definidos pelo museólogo – em especial, voltados para a pesquisa e para a ação educativa.

### **Segurança**

A segurança do Museu é feita via monitoramento por câmeras. Todas elas estão ligadas à central de T.I. da empresa Gramado Parks, assim como do Parque de Neve Snowland. Não existe um plano de emergência ou dispositivos de segurança. Os equipamentos de segurança restringem-se aos extintores de incêndio distribuídos pela instituição, conforme exigências legais. O Plano de Prevenção Contra Incêndio (PPCI) foi realizado no ano de 2016.

### **Edificação**

O espaço destinado ao Museu foi uma compensação entre Prefeitura e Promotora. Acreditava-se que a área com mais de 580m<sup>2</sup> seria suficiente às demandas da instituição. Ao considerar café e loja, o espaço foi diminuindo, suprimindo alguns espaços importantes para o funcionamento de bastidor do Museu.

O acesso se dá pelo Palácio dos Festivais e para chegar ao MFCG é preciso passar por três lances de escada. A *acessibilidade* se dá pela Galeria São Pedro, onde se encontra um elevador. Porém, desse modo, o visitante acessa o Museu pelos fundos e, conseqüentemente, pelo final da exposição.

### **Acervo museológico – Tridimensional**

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

O acervo contempla objetos do contexto cinematográfico. Por questão de espaço e de uma linguagem contemporânea, contabilizam-se cerca de 50 objetos no Museu – todos em ótimo estado de conservação.

### **Acervo documental**

No primeiro momento, verificaram-se em torno de 10 mil documentos relacionados ao Museu. Para tanto, foi necessária a realização de uma triagem do acervo. Grande parte estava em decomposição devido à ação do tempo e ao ambiente em que estava acondicionado. Parte disso foi destinado ao Arquivo Público de Gramado, em especial aqueles documentos relacionados à parte financeira do Festival.

Até o momento só foi realizado o inventário do acervo, faltando os outros procedimentos voltados à documentação museológica. Isso se dá, reiteramos, pela falta de mão de obra.

### **Acervo audiovisual e fotográfico**

Por se tratar de um museu cuja temática é o cinema, entendemos que este teria um grande acervo audiovisual. Entretanto, há cerca de 500 DVDs e HDs. Já o suporte em película não é acondicionado no MFCG, por se tratar de um acervo delicado e não ter um espaço adequado para o armazenamento. A maior parte do acervo é digital, com itens oriundos de trocas com as cinematecas e de entrevistas.

O acervo fotográfico, por sua vez, tem grande potencial de crescimento. Ele está em processo de documentação e varia em diferentes suportes secundários, com maior parte oriunda de acervos pessoais.

### **Acervo bibliográfico**

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Abrange livros, revistas e periódicos, além de publicações estrangeiras e nacionais referentes a assuntos sobre cinema e festivais de cinema.

### **Documentação museológica**

Encontra-se em processo inicial. Possui diversas carências como espaço, materiais e profissionais. Em um primeiro momento, está sendo realizado o inventário do acervo. Porém, é frequentemente interrompido por outras demandas que a empresa considera mais urgentes.

### **Exposição**

A exposição do Museu apresenta um recorte do Festival de Cinema de Gramado por meio de linha do tempo e de entrevistas que são dispostas em telas como suporte. Porém, será necessária uma adaptação, pois a empresa responsável pela execução de direção artística e de arte causou diversos ruídos, verificados na própria instalação. O Museu precisa se adaptar para instigar novos olhares.

Em função do curto período para a execução de todas as ações, muitas áreas não dialogaram, especialmente a empresa contratada. Para baratear seus custos, por exemplo, houve inadimplência por parte do responsável da empresa (de SP) que contratou profissionais não qualificados, o que prejudicou especialmente o andamento da pesquisa, dando um retrabalho ao curador responsável pelo Museu.

Os mecanismos interativos indicados no projeto da empresa não causaram o efeito esperado. Além disso, foram instalados equipamentos inferiores ao prometido. Entretanto, por se tratarem de questões técnicas, muitos visitantes não as percebem. O que mais questionam é a falta de cenários fotográficos e até mesmo de figurinos para vestirem e registrarem o momento da visita ao MFCG.

## **Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

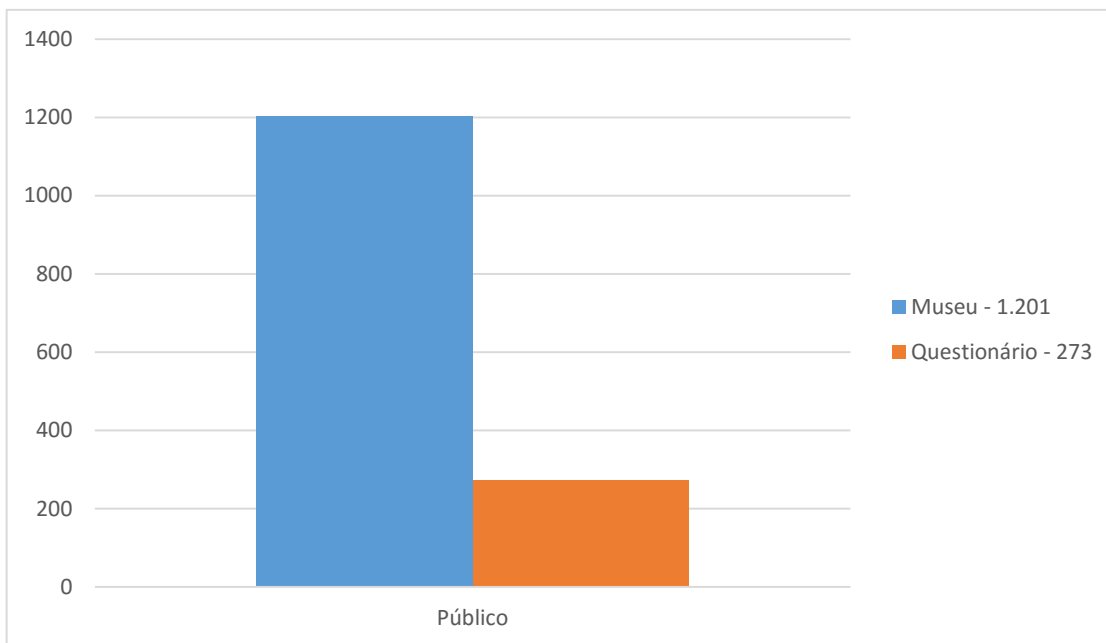
### **Educativo e cultural**

Da abertura do Museu até o mês de janeiro de 2017, a maioria das visitas era mediada. Entretanto, com a diminuição do quadro de funcionários, não está sendo viável ofertar a todos a mediação.

Por isso, no mês de janeiro, foi iniciada uma programação cultural – que havia sido proposta pelo museólogo desde a abertura do Museu. Porém, a empresa não compreendia a importância de tratar o espaço como cultural, considerando-o apenas um parque temático. Entre as ações dessa programação, estão oficinas de desenho e de conto, teatro, exibição de filmes, exposições de curta duração. Depois, no mês de fevereiro, foi lançado o Projeto Escola, que oferece diversas atividades voltadas para diferentes faixas etárias.

### **Público**

O estudo de público foi iniciado pelo museólogo a fim de comprovar aos gestores da empresa Gramado Parks que o Museu é um produto de qualidade e que precisa de alguns cuidados específicos. A pesquisa teve início no dia 21 de outubro de 2016. Para o trabalho, o recorte apresentado inclui dados até o dia 24 de novembro de 2016. No período, o museu registrou 1.201 visitantes. Desses, 273 responderam ao questionário. A seguir, alguns gráficos elaborados a partir dessa pesquisa.

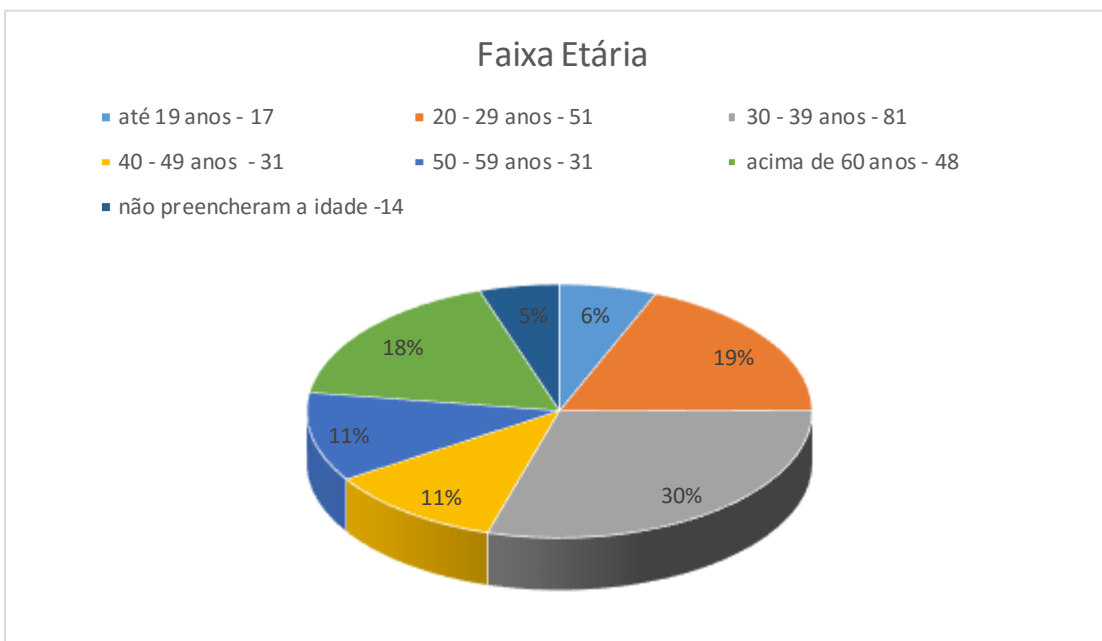
**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3****Gráfico 1 – Público**

Fonte: Produzido pela autora, 2017

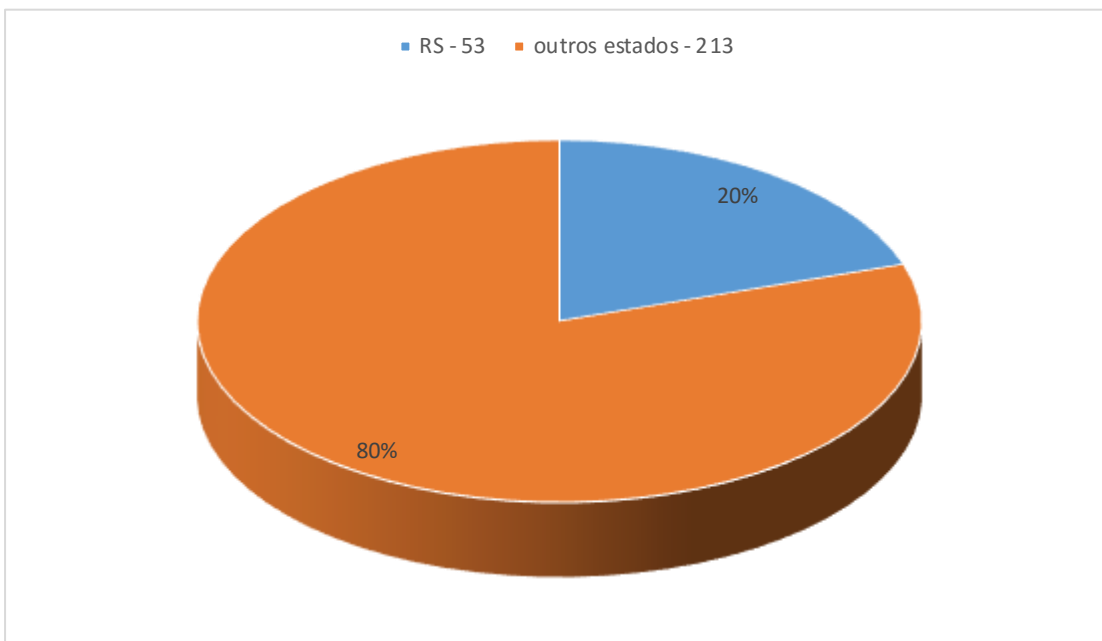
Houve 201 visitantes. Desses, 273 responderam ao questionário. A seguir, alguns gráficos elaborados a partir dessa pesquisa.

**Gráfico 2 – Faixa etária**

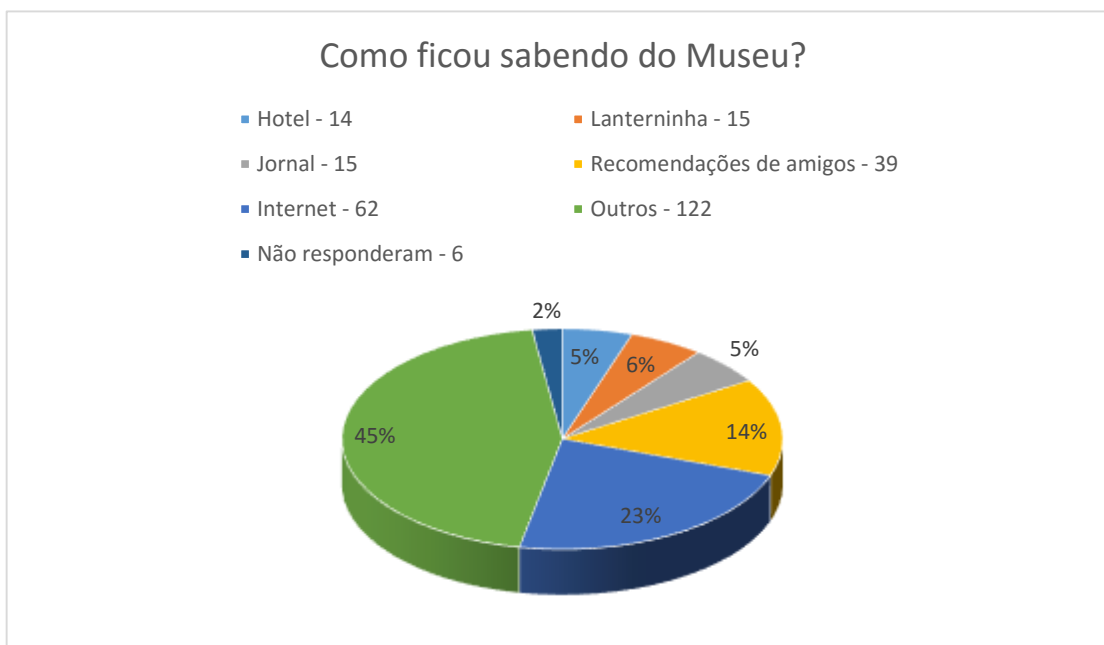


**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Fonte: Produzido pela autora, 2017

**Gráfico 3 – Região**

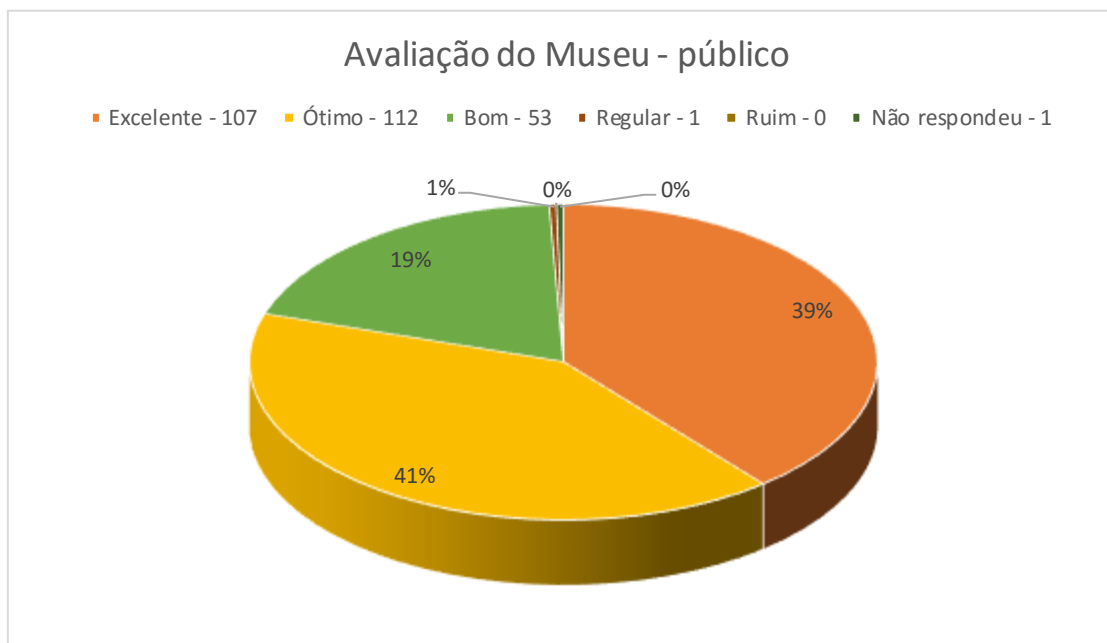
Fonte: Produzido pela autora, 2017

**Gráfico 4 – Como ficou sabendo do Museu?**

Fonte: Produzido pela autora, 2017

**Outros:** vindo a Gramado, passando na porta, andando pela rua, passando em frente, visitando ao local, recepcionista convidou, visitando o Cine Embaixador.

Gráfico 5 – Avaliação do Museu - público



Fonte: Produzido pela autora, 2017

O estudo de público se estende a outros critérios de avaliação. Não se pretende explorá-lo neste trabalho, com o intuito de preservá-lo para um novo artigo específico voltado ao público do MFCG. Contudo, ao analisarmos as diferentes linhas e espaços do Museu, evidenciamos alguns pontos:

- Inexistência de um Conselho Consultivo que permita a abordagem sistemática e interdisciplinar das perspectivas de conteúdo e suas respectivas interlocuções com os diferentes segmentos do Museu;
- Falta de uma Associação de Amigos para estimular as ações culturais no espaço;
- Profissionais para especialidades técnicas; acúmulo e simultaneidade de tarefas técnicas, administrativas e operacionais, em razão do número reduzido de profissionais;
- Inexistência do espaço para a Reserva Técnica, entre outras áreas técnicas.

## Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3

Por outro lado, sugerimos as seguintes providências:

- Adequação do prédio para acessibilidade;
- Criação da Associação de Amigos do Museu;
- a direção e a coordenação técnica do Museu devem estimular a equipe a pesquisar sobre o acervo e sobre outras instituições museológicas;
- Criação de um programa de estágios;
- Captação de recursos para qualificação do Museu por meio de contratação de quadro técnico para projetos específicos;
- Elaboração do Plano Museológico do Museu e de seu organograma.

### **CONSIDERAÇÕES**

O Museu do Festival de Cinema de Gramado foi criado no ano de 2000 com uma visão de uma velha Museologia voltada para o colecionismo e a exposição. Ao retomar o Museu, que estava ao descaso, é imposta uma nova forma de curadoria e de gestão. Entendendo-se que não está mais ligado ao colecionismo. Entretanto, existem muitos caminhos a serem percorridos a fim de dialogar com a sociedade, com o território e com o patrimônio atuais.

Para dar continuidade ao diagnóstico, será desenvolvido o plano museológico do MFCG. Desta forma, pretendemos desenvolver um estudo específico de ambas ações. Acreditamos que esse trabalho possa servir como norteador para as linhas de ações e de desenvolvimento do Museu do Festival de Cinema de Gramado, pois por trás do glamour que envolve do Festival de Cinema existem várias lacunas a serem preenchidas. Verificamos, ainda, que se fazem necessárias a adaptação e a transformação dos profissionais envolvidos. Ao criar novas possibilidades, dá-se estabilidade para que não se perca esse espaço de

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

memória tão significativo e importante para a cidade, para região, para o Estado e para o País.

**REFERÊNCIAS**

BARROS, José Márcio e OLIVEIRA JÚNIOR, José (Org.). **Pensar e agir com a cultura: desafios da gestão cultural**. Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural, 2011. 156 p. Disponível em: <[http://observatoriodadiversidade.org.br/arquivos/pensar\\_agir.pdf](http://observatoriodadiversidade.org.br/arquivos/pensar_agir.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2017.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. **Estatuto de Museus**. Disponível em: <[Http://www1.museus.gov.br/IBRAM/PAG/legislacao\\_detalhe.asp?cn=32](http://www1.museus.gov.br/IBRAM/PAG/legislacao_detalhe.asp?cn=32)>. Acesso em: 17 nov. 2016.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Política Nacional de Museus: memória e cidadania**. Brasília, 2003. 37 p.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museu do Futebol**. Plano museológico – diagnóstico e linhas de ação. São Paulo: 2011.

CÂNDIDO, Manuelina M. D. **A função social dos museus**. Disponível em: <[http://www.academia.edu/2107555/2007\\_-\\_A\\_funcao\\_social\\_dos\\_museus](http://www.academia.edu/2107555/2007_-_A_funcao_social_dos_museus)>. Acesso em: 17 nov. 2016.

COSTA, E. P. **Princípios Básicos da Museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museu. Secretaria de Estado da Cultura, 2006, 100 p.

DAVIES, Stuart. **Plano Diretor**. Tradução de Maria Luiza Pacheco Fernandes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fundação Vitae, 2001.

ROSSONI, Luciano; MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L..Institucionalismo organizacional e práticas de governança corporativa. **Rev. Adm. Contemp.**, Curitiba, v. 14, n. spe, p. 173-198, Set/2010.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (Coord.). **Contribuições para a formulação de políticas públicas no horizonte 2013 relativas ao tema Cultura, Identidades e Patrimônio**. Parte I, Cap. 2 Diagnóstico; Parte II Cenário e Metodologia.

## **MINI CURRÍCULO DO CONSELHO EDITORIAL**

### **Prof. Dra. Judite Sanson de Bem**

Possui Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1985), Mestrado em Economia Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1992), Doutorado em História Íbero Americana pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001), e Pós Doutorado em Economia da Cultura pela Universidade Federal do RS ( 2014).

### **Prof. Dra. Margarete Panerai Araujo**

É pós-doutora em Administração Pública e de Empresas em Políticas e Estratégias pela FGV EBAPE/RJ (2013); e pós-doutora em Comunicação Social, Cidadania e Região na UEMSP nas Cátedras UNESCO e Gestão de Cidades (2010). Possui Doutorado em Comunicação Social pela PUCRS (2004); Mestrado em Serviço Social (1999); e Especialização em Antropologia Social (1989). Sua graduação com Bacharelado e Licenciatura é em Ciências Sociais pela PUCRS (1987). É professora-pesquisadora da Universidade La Salle, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais.

### **Prof. Dr. Moisés Waismann**

Doutor em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2013). Mestre em Agronegócios pelo Programa de Pós-Graduação em Agronegócios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Graduado em Ciências Econômicas pela UFRGS (1990). Professor-pesquisador da linha de pesquisa em Memória e Gestão Cultural do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle (Unilasalle) e do grupo de pesquisa de Estratégias Regionais.

## **MINI CURRÍCULO DOS AUTORES**

### **Me. Kellen Lazzari**

Graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1993), especialista em Direito do Consumidor e Direitos Fundamentais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2008), Mestra em Memória Social e Bens Culturais pelo Centro Universitário La Salle (2014). Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais pelo Centro Universitário La Salle,

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

bolsista CAPES.

**Me. Daiana Schwengber**

Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle/Canoas com bolsa CAPES/PROSUP, Mestre em Saúde e Desenvolvimento Humano (2015); Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2013); Graduada em Ciências Biológicas (2010) todos pela Universidade La Salle/Canoas. É co-fundadora da Apoena Socioambiental, um coletivo de mulheres que elabora e executa projetos na área socioambiental. Atua nas interações de saúde e ambiente; qualidade de vida; educação ambiental; resíduos sólidos; economia solidária; psicopedagogia institucional em espaços cooperativos. Participa do grupo de pesquisa TESSIDO (Tecnologia Social, Inovação e Desenvolvimento).

**Me. Rita de Cássia da Rosa Sampaio Brochier**

Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais (Bolsa Capes/Prosup), Mestre em Educação (2015) e Bacharela em Administração (2013) pelo Centro Universitário La Salle, na cidade de Canoas - RS. Possui experiência na área de Administração, com ênfase em Gestão e Administração Financeira. Estudos voltados à autogestão, economia solidária, empreendedorismo social, tecnologias sociais e educação de grupos populares. Participa do Grupo de Pesquisa TESSIDO (Tecnologia Social, Inovação e Desenvolvimento).

**Me. Renata B. Dellamea Ferraz**

Possui graduação em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1995) e mestrado em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Atuou na Gerência Executiva do Programa RS TECNOPOLE da Secretaria da Ciência, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico do Estado do Rio Grande do Sul e é professora da Universidade FEEVALE. Leciona disciplinas na área de economia e estatística no ensino superior há 15 anos. Participou de projetos de extensão e pesquisa, além da coordenação de Pós-Graduação. Atualmente, cursa o doutorado em Memória Social e Bens Culturais na UNILASALLE/Canoas.

**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3****Me. Arlete Caye**

Possui graduação em Licenciatura em História (2007), pós-graduação/especialização em Psicologia Humanista - Abordagem Centrada na Pessoa (2009), Mestre em Diversidade Cultural e Inclusão Social (2015), todas titulações pela Universidade Feevale em Novo Hamburgo. Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais na Universidade La Salle, Canoas, iniciado em 2016. Tem experiência na área de História, com ênfase em História, atuando principalmente nos seguintes temas: idosos e fragilidade. Participei do Grupo de Pesquisa Corpo, Movimento e Saúde da Universidade Feevale entre 2010 e 2015. Ministro aulas no curso Técnico em Radiologia na Unipacs, Esteio, desde março de 2015.

**Me. Luciano Lunkes**

Possui graduação em Regência Coral pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1989), pós-graduação em Regência Coral pelo Conservatório de Música Franz Liszt, de Budapeste, pós-graduação em regência pela Associazione Culturale Musicale A.Dvorak de Mofetta, Itália, pós-graduação em gastronomia pelo The French Culinary Institute, de Nova Iorque, mestrado em Memória Social e Bens Culturais, no UniLasalle. Atualmente desenvolve uma pesquisa sobre interrelações entre identidades, sonoridades e cozinha. Os principais temas de interesse são gastronomia, música, memória e identidades regionais.

**Me. Juliana Pugliese Christmann**

Doutoranda em Memória Social e Bens Culturais, possui graduação em Comunicação Social - Relações Públicas pela Universidade Luterana do Brasil (2006) e especialização em Gerenciamento Ambiental (2012) pela mesma Instituição. Mestre em Memória Social e Bens Culturais (2015) - pelo UNILASALLE - Canoas/RS. Atua como Consultora em Comunicação e Sustentabilidade. Tem experiência na área de Comunicação Social, com ênfase em Relações Públicas e Mobilização Social.

**Me. Daniela Schmitt**



**Cadernos de Memória e Gestão Cultural 2017/ n° 3**

Museóloga formada pela Universidade Federal de Pelotas, Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Universidade Feevale e doutoranda em Memória Social e Bens Culturais pela Unilasalle/Canoas. Tem experiência na área de Museologia com ênfase em Patrimônio Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: gestão de acervos, conservação de fotografias, memória social e políticas culturais. Realiza consultoria e assessoria museológica.